



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS –
PROGEL



ANTONIA ROSANE PEREIRA LIMA

“MULHERES ILLUSTRES DO BRAZIL”, DE IGNEZ SABINO, E SUA
RESONÂNCIA EM DICIONÁRIOS DE AUTORIA FEMININA NOS SÉCULOS XX
E XXI

Feira de Santana
2019

ANTONIA ROSANE PEREIRA LIMA

**“MULHERES ILLUSTRES DO BRAZIL”, DE IGNEZ SABINO, E SUA
RESSONÂNCIA EM DICIONÁRIOS DE AUTORIA FEMININA NOS SÉCULOS XX
E XXI**

Dissertação para Defesa de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PROGEL, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Adeíto Manoel Pinho.
Coorientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Pinheiro Araújo.

Feira de Santana
2019

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

L696 Lima, Antonia Rosane Pereira
“Mulheres Ilustres do Brazil”, de Ignez Sabino, e sua ressonância em
dicionários de autoria feminina nos séculos XX e XXI / Antonia Rosane Pereira
Lima. – 2019.
125 f.: il.

Orientador: Adeíto Manoel Pinho
Coorientadora: Maria da Conceição Pinheiro Araújo
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa
de Pós-Graduação em Estudos Literários, Feira de Santana, 2019.

1. Sabino, Maria Ignez, 1853-1911. 2. Mulheres Ilustres do Brazil. 3. Dicionários
– autoria feminina. 4. Escritoras brasileiras – Séculos XX e XXI. 5. Literatura
brasileira – crítica literária. I. Pinho, Adeíto Manoel, orient. II. Araújo, Maria da
Conceição Pinheiro, coorient. III. Universidade Estadual de Feira de Santana.
IV. Título.

CDU: 869.0(81).09

Luis Ricardo Andrade da Silva - Bibliotecário - CRB-5/1790

ANTONIA ROSANE PEREIRA LIMA

**“MULHERES ILLUSTRES DO BRAZIL”, DE IGNEZ SABINO, E SUA
RESSONÂNCIA EM DICIONÁRIOS DE AUTORIA FEMININA NOS SÉCULOS XX
E XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PROGEL -, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – como requisito à obtenção do título de Mestra em Estudos Literários.

Aprovada em 09 de maio de 2019.

Prof. Dr. Adeíto Manoel Pinho
Orientador (UEFS)

Profa. Dra. Maria da Conceição Pinheiro Araújo
Coorientadora (IFBA)

Profa. Dra. Sinéia Maia Teles Silveira (UNEB)

A todas as mulheres 'desobedientes' que lançaram sob a pena suas ideias, abrindo caminhos para tantas outras acreditarem e ocuparem seus espaços na sociedade e, em especial, àquelas que dedicaram seu tempo ao ofício da escrita literária, por todos os obstáculos vencidos, apesar de, muitas vezes, não terem tido o devido reconhecimento.
Aqui faremos justiça!

AGRADECIMENTOS

Aos laços que me sustentam/encorajam a seguir essa doce, porém árdua, caminhada rumo ao saber:

Maria São Pedro e **José Renato** – meus pais –, pelo apoio em todas as minhas decisões e projetos, mesmo quando o desejo de proteção quer falar mais alto.

Renailton – meu querido e único irmão –, que, mesmo longe, partilha comigo os sabores e dissabores da minha trajetória.

Antonio Netto – meu noivo –, por ser amor e companheirismo em todos os momentos e pelo apoio incondicional durante todo o meu percurso acadêmico, desde a graduação.

Iracema Alves, Marcelise Assis e Jéssica Melo – amigas de outros carnavais –, pelas inspirações, conselhos, desabafos, comemorações, pela irmandade.

Marcinha Costa e Magnólia Paixão – amigas que ganhei no trajeto – por encararmos juntas os desafios e tornarem o trabalho de pesquisa mais leve e, claro, pelas altas aventuras nos congressos e eventos acadêmicos (momentos de riso e muitos cliques).

Quarteto memorável, *squad* formado por **Josenilda Damasceno, Mila Melo, Thaíla Moura** e eu, pela amizade construída e, sobretudo, pelo apoio na retirada das pedras pelo caminho.

Kellyane Pereira, pela companhia nas altas aventuras pela Cidade Maravilhosa e amizade construída no percurso.

A todas/os as/os minhas/eus amigas/os não mencionadas aqui, mas que fazem parte da minha trajetória e fazem todo esforço valer a pena.

Aos colegas da turma Progel 2017.1, por partilharem experiências, saberes e sabores nesse curto, porém proveitoso, período de estudos.

A **Heloisa Buarque de Hollanda**, pelo acolhimento quando da minha visita à UFRJ e a prontidão em colaborar com o desenvolvimento desta pesquisa, auxiliando-me quanto ao percurso dissertativo.

A **Sinéia Silveira**, pela ajuda imprescindível com a disponibilização de cópias de dois livros da escritora em estudo após minha “perseguição” na Academia de Letras da Bahia, após eu descobrir que pesquisava a mesma autora que eu.

Ao Professor Doutor **Adeílato Manoel Pinho**, pelo acolhimento de minha pesquisa, pela companhia nos eventos acadêmicos e direcionamentos dados no decorrer dessa caminhada na Pós-Graduação.

À Professora Doutora **Maria da Conceição Pinheiro Araújo**, por ter aceitado o convite para me auxiliar no desenvolvimento da pesquisa, pelas contribuições, oferta de materiais e, principalmente, pela parceria neste e em outros projetos.

A **Néria Lourenço**, servidora da Biblioteca Central da UnB, pela atenção e agilidade em me conceder a cópia de um livro raro da autora em estudo.

À Biblioteca Nacional, na pessoa do senhor **Rutonio Sant'Anna** e demais servidores, pelo importante apoio na procura e disponibilização de uma cópia de livro raro da escritora em estudo.

À Universidade Estadual de Feira de Santana, pela oportunidade de cursar o Mestrado em ambiente tão propício ao conhecimento.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UEFS, pelas generosas contribuições para minha formação acadêmica, bem como ao corpo técnico, na pessoa de Joelma Trajano e Dona Branca, em especial, pelo apoio na realização das atividades do Programa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão da bolsa de Mestrado, sem a qual seria inviável a continuação da pesquisa.

Ao Procad, pela experiência enriquecedora e troca de conhecimentos possibilitadas graças à parceria existente entre a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

À PUC-Rio, através dos docentes do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, pela acolhida durante os três meses que participei da Missão Procad, com o apoio da CAPES.



Ignês Sabino

Acervo da Biblioteca Nacional

Eu quero resuscitar, no presente, as mulheres do passado que jazem obscuras, devendo ellas encher-nos de desvanecimento, por ver que bem raramente na humanidade, se encontrará tanta aptidão civica presa aos fastos da historia.

Faço, outrossim, salientar as que mais sobresahiram nas letras, a fim de que se conheça que houve alguém que amou a arte e viveu pelo talento, tirando-as, como as outras, da barbaria do esquecimento, para fazel-as surgir, como merecem, á tona da celebridade.

Ignês Sabino, **Mulheres Ilustres do Brazil.**

RESUMO

A presente pesquisa pauta-se no estudo da literatura de autoria feminina, no Brasil, no período do século XIX, e objetiva investigar a contribuição deixada pela escritora Maria Ignez Sabino Pinho Maia (BA – 1853-1911) no âmbito dos estudos feministas e acadêmicos com foco na produção literária feminina. Para tanto, utiliza-se, como *corpus* de investigação, a obra **Mulheres Ilustres do Brasil** (1899), a qual elenca biografias de dezoito escritoras que colaboraram para as letras brasileiras nos oitocentos. Além disso, para se observar a influência que essa obra de Sabino exerceu sobre os demais dicionários femininos e verificar a presença das autoras resgatadas por Ignez Sabino em estudos posteriores, bem como a menção a essa escritora como precursora dos estudos sobre literatura de autoria feminina no Brasil, utilizamos os dicionários e coletâneas publicados por mulheres nos séculos XX e XXI, são eles: **A mulher rio-grandense: escritoras mortas** (1907), de Andradina de Oliveira; **Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX** (1989), de Maria Thereza Caiuby C. Bernardes; **Dicionário de Mulheres** (1999), de Hilda Agnes Hübner Flores; **Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado** (2000), de Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil; **Escritoras brasileiras do século XIX** (2000; 2004), de Zahidé Lupinacci Muzart; **Dicionário crítico de escritoras brasileiras** (2002), de Nelly Novaes Coelho e **Ensaístas Brasileiras** (1993), de Heloisa Buarque de Hollanda e Lucia Nascimento Araújo. Estabelece-se, ainda, uma discussão, com diversas/os teóricas/os e pesquisadoras/es/, acerca da exclusão de nomes de escritoras da historiografia literária oficial, questionando-se o apagamento que se fez em torno da literatura produzida por mulheres no século XIX. Algumas(uns) delas(es) são: Ívia Alves (2001, 2005, 2012), Maria da Conceição P. Araújo (2008), Sinéia Silveira (2014), Zilda Freitas (2002), Norma Telles (1990, 1992, 2017). Também utilizamos os estudos de Roberto Reis (1992), Maria Fontes (2001), dentre outros nomes, para tratar da formação do cânone literário. Além disso, pegamos de empréstimo as discussões de Virginia Wolf (2014) acerca da condição da mulher que escrevia no século XVIII, que não era tão diferente no século seguinte. Desse modo, constatamos o quão significativa foi a contribuição deixada por Ignez Sabino, especialmente por sua obra **Mulheres Ilustres do Brasil** ter influenciado na organização de outras obras com o mesmo objetivo, isto é, tornar os nomes de muitas escritoras brasileiras lembrados, estudados, divulgados.

Palavras-chave: Ignez Sabino. **Mulheres Ilustres do Brasil**. Autoria feminina. Dicionários. Escritoras. Século XIX.

ABSTRACT

This research is based on the study of literature written by female writers in Brazil in the nineteenth century; it aims to investigate the contributions left by the writer named Maria Ignez Sabino Pinho Maia (BA – 1853-1911) regarding the feminist and academic studies focusing on the female literary production. To do so, the corpus used is the work **Mulheres Ilustres do Brazil** (1899) which lists the biographies of eighteen writers who contributed for the Brazilian faculty of writing in the 800s. Besides that, to observe the influence that the work by Ignez Sabino exerted on the other female dictionaries and check the presence of authors recovered by her in later studies, as well as mention this writer as a pioneer in the studies about literature written by women in Brazil, we used dictionaries and collections published by women amongst the twentieth and twenty-first centuries, which are: **A mulher rio-grandense: escritoras mortas** (1907), by Andradina de Oliveira; **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – Século XXI (1989), by Maria Thereza Caiuby C. Bernardes; **Dicionário de Mulheres** (1999), by Hilda Agnes Hübner Flores; **Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado** (2000), by Schuma Schumacher and Érico Vital Brazil; **Escritoras brasileiras do século XIX** (2000; 2004), by Zahidé Lupinacci Muzart; **Dicionário crítico de escritoras brasileiras** (2002), by Nelly Novaes Coelho, and **Ensaístas Brasileiras** (1993), by Heloisa Buarque de Hollanda and Lucia Nascimento Araújo. A discussion about the exclusion of names of female writers from the official literary historiography is established with theorists, questioning the erasing that happened round the literature produced by women in the nineteenth century. Some of them are: Ívia Alves (2001, 2005, 2012), Maria da Conceição P. Araújo (2008), Sinéia Silveira (2014), Zilda Freitas (2002), Norma Telles (1990, 1992, 2017). Amongst others, were also used the studies by Roberto Reis (1992) and Maria Fontes (2001) to discuss about the formation of the literary canon. Therefore, we determined how important was the contribution left by Ignez Sabino, especially regarding her work **Mulheres Ilustres do Brazil** which influenced the organization of other works, that is make the names of Brazilian female writers be remembered, studied and disseminated.

Keywords: Ignez Sabino. **Mulheres Ilustres do Brazil**. Female writing. Dictionaries. Female Writers. Nineteenth Century.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	MULHER EM CENA: LITERATURA DE AUTORIA FEMININA	16
2.1	Cânone e exclusão dos textos de autoria feminina da historiografia literária oficial	16
2.2	Transformações socioculturais e suas implicações no contexto feminino	19
2.3	Mulheres na cena literária do Brasil oitocentista	27
2.4	Ignez Sabino: Uma mulher escritora em fins do século XIX	33
3	MULHERES SENDO LEMBRADAS PELA PENA DE OUTRA MULHER	43
3.1	Elas por elas mesmas: Dicionários de escritoras e a preservação de um legado	43
3.2	Trabalho de uma precursora: Autoras resgatadas por Ignez Sabino em “Mulheres Ilustres do Brasil” (1899)	47
4	DICIONÁRIOS DOS ÚLTIMOS DOIS SÉCULOS E O LEGADO DE IGNEZ SABINO	66
4.1	Tecer para preservar a memória: Dicionários femininos após Ignez Sabino	66
4.1.1	“A mulher rio-grandense: escritoras mortas” (1907), de Andradina de Oliveira	68
4.1.2	“Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX” (1989), de Maria Thereza Caiuby C. Bernardes	73
4.1.3	“Dicionário de Mulheres” (1999), de Hilda Agnes Hübner Flores	79
4.1.4	“Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado” (2000), de Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil	82
4.1.5	“Escritoras brasileiras do século XIX” (2000), de Zahidé Lupinacci Muzart	86
4.1.6	“Dicionário crítico de escritoras brasileiras” (2002), de Nelly Novaes Coelho	104
4.2	Elas por elas mesmas: As autoras dos dicionários femininos	109
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
	REFERÊNCIAS	122

1 INTRODUÇÃO¹

Por que estudar sempre os mesmos? Por que trilhar os mesmos caminhos? Como saber se elas eram boas se ninguém as leu? E como saber se existiram se ninguém as cita nas histórias da literatura?²

Não sei dizer ao certo quando comecei a pensar sobre as relações desiguais de gênero na sociedade e sobre o papel desempenhado pela mulher nesse contexto. O certo é que, mesmo inconscientemente, eu já me questionava acerca do quão assimétricas eram essas relações. Após iniciar minha graduação em Letras, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), comecei a ter mais contato com a literatura produzida por mulheres, embora ainda não houvesse despertado, em mim, o desejo de pesquisar sobre a trajetória e obras de escritoras brasileiras. Isso só foi ocorrer algum tempo depois, quando ingressei na pós-graduação pela mesma universidade.

Durante os estudos com a Especialização em Literatura Baiana (2017), na UNEB, tive conhecimento acerca da escritora Ignez Sabino, ocasião em que fiz um estudo de seu romance **Lutas do Coração** (1898). A partir daí, decidi que estudaria, mais profundamente, a trajetória dessa escritora, bem como a daquelas que, driblando as dificuldades e barreiras impostas, buscaram a literatura como forma de expandir suas ideias. Confesso que me encantava à medida que estudava o contexto histórico do século XIX, a produção literária feminina em expansão, sobretudo nos jornais, e a maneira como essas mulheres serviram de apoio e inspiração para aquelas que almejavam escrever, mas se deparavam com censuras e juízos de valor que inferiorizavam o pensar feminino e, conseqüentemente, tornavam difícil o acesso delas à produção literária e sua divulgação ao público.

Além disso, essas mulheres que se inseriram no campo da escrita escreveram não só seus nomes na história (apesar de esquecidas pela historiografia oficial), como também abriram caminho para as escritoras posteriores. Assim, quando tive contato com alguns nomes de brasileiras que escreveram, após a conclusão de minha graduação, decidi que seria por essa área que eu me especializaria.

Fazendo-me indagações sobre quem pesquisar, deparei-me com outros questionamentos. Pegando de empréstimo a fala de Zahidé Muzat (2000, p. 21), perguntava-me “Por que estudar sempre os mesmos? Por que trilhar os mesmos caminhos? Como saber se

¹ Nesta parte será utilizada a primeira pessoa do discurso, por se tratar do relato da trajetória da pesquisa.

² UZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 21.

elas eram boas se ninguém as leu?”. Nesse ponto, vem à mente a ideia de que eu sempre me dispus mais a investigar as margens. Interessa-me discutir sobre as produções artísticas que não ganham notoriedade e meu trabalho se dá justamente nessa investigação dos motivos que levam tal produção a não ser valorizada, quais os critérios adotados para que uma obra seja posta no esquecimento e outras sejam aplaudidas, tornando-se canônicas etc.

Após passar no processo seletivo do Mestrado na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), com o projeto intitulado “Os perfis femininos em **Lutas do Coração** (1898), de Ignez Sabino”, iniciei minha busca pelas obras dessa escritora, o que foi bastante difícil de encontrar, tendo em vista que elas figuram como obras raras e não estão disponíveis para aquisição (exceto o romance **Lutas do Coração** e a coletânea de biografias **Mulheres Ilustres do Brasil**, cujas reedições feitas pela Editora Mulheres disponibilizaram essas obras para o público, sendo possível encontrá-las em sebos). O único exemplar que eu possuía, no início desta pesquisa, era o romance mencionado acima, adquirido por meio de sebo virtual. Posteriormente, consegui ter acesso às cópias de dois outros livros de Ignez Sabino, **Contos e Lapidações** (1891) e **Mulheres Ilustres do Brasil** (1899), graças à rede de colaboração que foi se delineando a partir daí.

Assim, quem possibilitou a reprodução das cópias desses livros citados foi a professora da UNEB, Sinéia Silveira, com quem tive contato em um evento sobre Literatura Baiana, ocorrido na Academia de Letras da Bahia, coordenado pelo professor da UEFS, Aleilton Fonseca. Após conversa com a professora Sinéia Silveira, descobri que ela atuava no campus de Santo Antônio de Jesus. E, como minha amiga, Iracema Alves, fazia aulas de Mestrado nesse mesmo local, ela ficou incumbida de fazer as cópias dos livros (na verdade a cópia da cópia). É importante ressaltar que, sem esses laços de solidariedade construídos ao longo do caminho entre a pesquisa e a entrega da versão final do texto ao programa, seria, praticamente, impossível concluir os estudos durante o prazo de dois anos exigidos para um Mestrado, já que o esforço individual, unicamente, requer mais tempo para o alcance dos objetivos traçados.

A obra **Impressões** (1887) foi adquirida através da Biblioteca Central da UnB, por meio da servidora Néria Lourenço, que me atendeu de forma solícita via *e-mail*. Eu já havia feito pesquisa por quase todos os acervos online das bibliotecas universitárias do país e descobri esse exemplar na instituição referida. Minha amiga, Marcelise Assis, estava em Brasília e consegui solicitar, presencialmente, a cópia, que logo foi enviada por *e-mail*.

Já **Noites Brasileiras** (1897) deu um pouco mais de trabalho de ser adquirida a reprodução. Consta na Biblioteca Nacional a obra original, que não pode ser manuseada, e a

microfilmagem desse livro disponível para o público. Em minha estadia no Rio de Janeiro, procurei o senhor Rutiono Sant'Anna, chefe da Divisão de Obras Gerais e coordenador de acervo nessa instituição, a fim de conseguir as imagens do livro. Porém, para nosso desespero, a microfilmagem havia desaparecido, apesar de estar registrada no catálogo do acervo. Após três idas à biblioteca, o senhor Rutiono me informou que, finalmente, havia encontrado a cópia e me passou as imagens via CD-Rom (ele empreendeu verdadeira busca, juntamente com os demais servidores responsáveis por esse setor). As cópias das demais obras de Ignez Sabino ainda não foram adquiridas, mas já encontrei registros de **Rosas Pálidas** (1887) no Gabinete Português de Leitura de Recife. Sobre **Ave Libertas** (1887), consta no acervo da Biblioteca da USP, mas fui informada de que o exemplar não se encontra nessa instituição.

Antes de concluir este relato sobre as redes colaborativas que foram sendo construídas ao longo desta pesquisa e as verdadeiras batalhas travadas para conseguir os materiais necessários, cabe lembrar de um livro em especial que me deu bastante trabalho para conseguir. O fato é que, desde que ingressei no Mestrado em Feira de Santana, eu sabia que teria que procurar pelo livro **Escritoras brasileiras do século XIX** (2000), organizado por Zahidé Muzart. Fazendo buscas pelo site da biblioteca da UEFS, descobri que ele encontrava-se nessa instituição, porém estava catalogado em outro setor. Sem sucessos procurei pelo livro, até que o encontrei no site da biblioteca da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fui a um evento nessa universidade e descobri uma maneira de conseguir a obra. Marcus Freire, o namorado de uma amiga e colega do Mestrado, Thaíla Moura – que também estava comigo no evento –, cursava a graduação na UFBA e pegou o livro emprestado na biblioteca – fiz a cópia necessária e o devolvi. Só assim pude ter contato com o artigo que Zahidé Muzart escreveu sobre Ignez Sabino.

Para dar seguimento ao relato do meu percurso até aqui, faz-se necessário, também, narrar um pouco sobre minha experiência no Rio de Janeiro, quando permaneci nessa cidade por três meses, através do **Projeto Escritas Contemporâneas: desafios teórico-críticos – PROCAD**, o qual realiza uma parceria entre as instituições de ensino PUC-Rio, PUC-Goiás, UNEB e UEFS. Tive a oportunidade de cursar duas disciplinas na PUC-Rio, no período de agosto a novembro de 2018, junto ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. Essa experiência foi de extrema importância, tanto para meu aprendizado, quanto para minha pesquisa, pois tive acesso a uma vasta bibliografia contida na biblioteca da PUC-Rio, além de estabelecer contato com outras(os) pesquisadoras(es).

Além disso, tendo a professora Doutora Marília Rothier Cardoso como orientadora no projeto do PROCAD, ela me direcionou a procurar a professora e pesquisadora Doutora

Heloisa Buarque de Hollanda, que atua na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Chegando lá, fui recebida com muita atenção pela professora e marcamos uma data para termos orientação. Até esse encontro com a professora Heloisa Buarque, eu estava escrevendo a dissertação com enfoque no romance **Lutas do coração**. Após o segundo encontro, quando conversamos sobre a importância de desenvolver estudos sobre as escritoras do século XIX, que ainda são pouco lidas e/ou estudadas, Heloisa Buarque me indicou que escrevesse sobre o dicionário **Mulheres Ilustres do Brasil**, a fim de abordar a importância dessa obra para os estudos literários com foco no gênero, bem como tratar do pioneirismo de Ignez Sabino, que, ainda no século XIX, preocupava-se em fazer com que nomes de escritoras fossem lembrados na posteridade.

Minha estadia no Rio de Janeiro também possibilitou que eu pudesse ter acesso a diversas instituições culturais, participasse de eventos etc. Cabe ressaltar, ainda, que eu realizei uma espécie de roteiro turístico sobre os lugares por onde Ignez Sabino citou em seu romance, conheci ruas antigas, pesquisei sobre como era o Rio de Janeiro do período oitocentista, de modo a obter maior familiaridade com o contexto histórico e o lugar onde a escritora viveu grande parte da vida, onde mais publicou e também local onde faleceu, em 1911.

Retornando à Bahia, tive encontro com a professora Doutora Maria da Conceição Pinheiro Araújo, para delimitarmos os rumos da dissertação, a partir da sugestão dada por Heloisa Buarque. Passamos um tempo traçando os novos rumos, refazendo os objetivos a serem alcançados. Após isso, partimos para a busca dos materiais que a professora Conceição possuía, o que rendeu uma pilha gigante de livros a serem explorados. Como eu moro no interior e ela na capital (Salvador), eu não poderia levar todos aqueles livros na mala. Foi aí que contei com a ajuda do seu sobrinho, Felipe, para levarmos o material até a copiadora mais próxima. É nesse momento que percebemos que a pesquisa nos exige muito mais do que esforço mental/intelectual, mas também esforço físico, trabalho braçal, como diz a minha coorientadora Maria da Conceição. E foi assim que eu mudei os rumos da pesquisa, passando a mergulhar pelo universo do século XIX a partir das leituras sobre as escritoras que viveram/escreveram nesse período, as quais são incluídas em **Mulheres Ilustres do Brasil**, publicado em 1899.

Esse final da escrita da dissertação ainda me reservou o último percalço, que foi a convocação do Governo do Estado da Bahia para que eu tomasse posse e entrasse em exercício no cargo para o qual fui aprovada em concurso público no ano de 2018. Não foi fácil começar um emprego de 40 horas semanais e concluir a tempo esta dissertação. Porém, é

necessário agradecer as dádivas recebidas ao longo da caminhada e fazer das dificuldades uma motivação.

Em se tratando da conclusão da pesquisa, como forma de investigar a repercussão de **Mulheres Ilustres** nos estudos sobre literatura de autoria feminina posteriores a Ignez Sabino, recorreremos aos seguintes dicionários/coletâneas: **A mulher rio-grandense**: escritoras mortas (1907), de Andradina de Oliveira; **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – Século XIX (1989), de Maria Thereza Caiuby C. Bernardes; **Dicionário de Mulheres** (1999), de Hilda Agnes Hübner Flores; **Dicionário de mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado (2000), de Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil; **Escritoras brasileiras do século XIX** (2000), Zahidé Lupinacci Muzart; **Dicionário crítico de escritoras brasileiras** (2002), Nelly Novaes Coelho e **Ensaístas Brasileiras** (1993), de Heloisa Buarque de Hollanda e Lúcia Nascimento Araújo.

Assim, esta dissertação está dividida em três seções. A primeira trata da contextualização sobre a atuação da mulher na literatura e como ela sofreu censuras e precisou superar diversos obstáculos para conseguir escrever em uma sociedade patriarcal, cujo papel reservado ao sexo feminino – e aqui fazemos um recorte para aquelas pertencentes a famílias com melhores condições financeiras, visto que aquelas mais desfavorecidas viviam sob outro contexto familiar – era aquele que estivesse ligado ao ambiente doméstico, sendo a falta de recursos próprios o principal entrave para que elas pudessem exercer suas aptidões intelectuais de forma livre. Por esse motivo, Virginia Woolf (2014) defendeu que a mulher necessita de um teto todo seu, isto é, independência financeira, se desejar escrever ficção. Tal constatação corrobora com a realidade de muitas mulheres que viveram no século XIX, haja vista que muitas não tinham acesso ao mercado de trabalho, assim como os homens, e dependiam, na maioria dos casos, dos pais ou dos esposos, só vindo a exercer alguma atividade remunerada na falta de algum desses.

Nessa mesma seção, ainda discutimos sobre a constituição do cânone literário, investigando os critérios utilizados para determinadas obras fazerem parte desse grupo seletivo e outras não. Sobre isso, Roberto Reis (1992) trata da seleção e exclusão das obras que compõem o cânone e que parte de alguém dotado de poder para fazer a seleção e exclusão, isto é, alguém dotado de legitimidade para classificar as obras e a partir de muitos interesses envolvidos. O que notamos, portanto, é a grande quantidade de textos de autoria feminina que ficam de fora do cânone.

Discutimos, também, a questão das mudanças culturais ocorridas na Europa, que influenciaram, sobretudo, as brasileiras. Isso porque o gênero romance ganhou ascensão e as

mulheres passaram a ser retratadas nessas obras, que funcionavam como verdadeiros manuais sobre moral e comportamento feminino, conforme salienta Norma Telles (2017). Além disso, abordamos a presença feminina na literatura brasileira oitocentista, enfatizando aquelas que mais se dedicaram à escrita e suas dificuldades para exercerem tal atividade. Recorremos, para tanto, aos estudos de Ívia Alves (2001, 2005, 2012), Norma Telles (1990, 1992, 2000, 2017), Zahidé Muzart (1999, 2000, 2004), Maria Aparecida Fontes (2001), dentre outros nomes.

Em seguida, exploramos os estudos de Affonso Costa (1930), Sinéia Silveira (2014), Maria da Conceição P. Araújo (2008), dentre outros, a fim de reunir informações sobre vida e obra da escritora Ignez Sabino, destacada neste trabalho. Uma informação unânime diz respeito ao seu acesso a elevada instrução, visto que a escritora se aperfeiçoou na Inglaterra e, no Brasil, conviveu com diversos intelectuais, tendo sido discípula de Tobias Barreto.

Nas seções posteriores, discorremos sobre as dezoito escritoras elencadas por Ignez Sabino em seu **Mulheres Ilustres**, e como a autora abordou as características de cada uma delas. Logo após, também são detalhadas as formas como os diferentes dicionários posteriores as apresentam. E, por fim, temos a descrição dos verbetes protagonizados pelas próprias autoras de dicionários, estando cada uma delas inseridas nas obras das demais.

Trazendo a fala de Maria da Conceição P. Araújo (2008, p. 20), essa dissertação pode contribuir “para compreendermos de um modo mais claro como se deu o processo educativo, cultural e literário de uma parcela feminina da sociedade brasileira”, visto que são tratados, neste estudo, os modos de vida e de escrita de mulheres pertencentes a um contexto social mais elevado, se comparado aos modos de vida das demais mulheres que viveram no Brasil e pertenciam a classes mais desfavorecidas. Assim, as mulheres aqui retratadas são aquelas que, em sua maioria, pertenceram a famílias abastadas economicamente, não servindo, portanto, como parâmetro para se estudar os costumes de todas as brasileiras que viveram no século XIX.

2 MULHER EM CENA: LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

Uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção.³

Ao afirmar que uma mulher necessita ter “dinheiro e um teto todo seu” para conseguir escrever ficção, Virginia Woolf, em **Um teto todo seu** (2014), defende a tese de que, dadas as dificuldades e restrições impostas às mulheres até meados do século XIX, seria imprescindível, para aquela que desejasse escrever ficção, possuir recursos financeiros para arcar com suas necessidades, sem a dependência de alguma figura masculina. Como a própria autora pode dar o exemplo, ela afirma que sua vida se tornou mais estável após a notícia de que receberia uma quantia em dinheiro, todo mês, deixada como herança por uma tia falecida, o que lhe possibilitou a dedicação ao trabalho da escrita sem preocupações com questões relativas à sobrevivência. Antes dessa herança, conta a escritora, ela “ganhava dinheiro mendigando trabalhos ocasionais nos jornais, escrevendo sobre um espetáculo aqui ou um casamento ali” (WOOLF, 2014, p. 57), além de realizar trabalhos típicos para o sexo feminino, na época, como a confecção de flores artificiais e o ensino do “á-bê-cê” às crianças.

Portanto, a independência financeira seria essencial, na visão da escritora, para o pleno desenvolvimento da produção intelectual feminina, o que era quase impossível até o final do século XIX, cujos papéis reservados para as mulheres pertencentes a classes sociais mais elevadas – já que aquelas menos favorecidas economicamente já trabalhavam para sustentar as famílias – eram os de mãe e dona de casa, sem renda própria e dependentes de seus esposos. Além disso, convém salientar que, superando a barreira financeira, a mulher daquele período e de outros anteriores necessitava, ainda, transpor a indiferença com que eram tratados o seu pensar e os seus escritos. Isso posto, convém discutir os motivos pelos quais a escrita de autoria feminina não obteve o mesmo espaço que aquela produzida por escritores do sexo masculino.

2.1 Cânone e exclusão dos textos de autoria feminina

A literatura é um campo artístico que, no Brasil, até meados do século XIX, foi predominantemente assumido pelos escritores homens, intelectuais dotados de poder que detinham os meios de divulgação e circulação dos bens culturais e, dentre eles, as obras

³ WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014, p. 12.

literárias. A ausência feminina, em grande parte desse processo, deu-se pelo fato de as mulheres, até então, não terem acesso, em sua maioria, à escolarização, além da censura por parte, principalmente, da família, imposta àquelas que começaram a escrever e desejavam publicar. Desse modo, constata-se que a inicialização literária para as escritoras ocorreu de maneira conflituosa e necessitou da superação de inúmeras barreiras. Uma delas dizia respeito à aceitação pelo público leitor, levando-se em consideração que ele, em sua maioria, era composto por homens, que consideravam tais textos como de menor qualidade.

José Luís Jobim (1992) elenca, em **História da Literatura**, dentre outras questões, a recepção da obra como um dos fatores a se observar em relação ao texto literário. Segundo ele, de acordo com cada época, o público pode modificar uma obra literária, de modo a atribuir-lhe outras normas ou convenções, a transformá-la, independente da vontade ou intenção do autor, o que resulta em tratamentos diferenciados ao longo do tempo. Entende-se, desse modo, que elas são lidas conforme critérios estabelecidos, como o contexto em que está inserida e o público leitor, este definido de acordo com gênero, raça, classe social. Nesse sentido, percebe-se que todos esses detalhes influenciaram a difusão/exclusão de textos de autoria feminina e no conseqüente anonimato que muitas delas foram submetidas.

Destarte, são necessárias algumas discussões em torno da tradição que envolve os textos literários e, conseqüentemente, a exclusão dos demais que não se encaixam nos critérios estabelecidos para serem incluídos no cânone. Sobre isso, Jobim (1992) afirma que o mais famoso ensaio sobre a tradição literária é de autoria de T. S. Eliot, que defende a sua construção como algo não aleatório, mas que adota diferentes visões ou pontos de vista. Além disso, enfatiza que sua existência pressupõe seleção ou recusa, inclusão ou exclusão, ou seja, tornar uma obra ou autor como pertencente à tradição de uma época significa retirar outros desse grupo. Assim, o problema da tradição é que aqueles que inserem seus objetos não se preocupam em investigar aquilo que foi renegado, desvalorizado. Isso implica no desconhecimento daquilo que ficou de fora, sem que se atribua um “valor” literário, a fim de se verificar se tal escrita deveria ou não ser incluída na tradição.

A esse respeito, Roberto Reis (1992, p. 70) aborda sobre o cânon – “(do grego, “Kanon”, espécie de vara de medir), o qual entrou para as línguas românicas com o sentido de “norma” ou “lei” – como propagador de dominação e instrumento de poder, na cultura ocidental. Em sua definição, cânon, no âmbito das artes e da literatura, “significa um perene e exemplar conjunto de obras – os clássicos, as obras-primas dos grandes mestres –, um patrimônio da humanidade [...] a ser preservado para as futuras gerações, cujo valor é

indisputável”. E esse conjunto de produções envolve seleção e exclusão, que parte de alguém dotado de poder para isso, a partir de seus interesses.

De acordo com Reis (1992), os textos estão, de certa forma, envolvidos em uma espécie de carga ideológica, pois aqueles que os escrevem possuem suas histórias e posição social em um determinado contexto de escrita. Desse modo, percebe-se que os critérios de definição de um texto como literário, canonizando-o, parte do pressuposto de que alguma “autoridade” assim o fez, relegando ao anonimato os demais que não se encaixam nos critérios estabelecidos pelas instâncias legitimadoras.

Nas palavras do teórico, a literatura parece ter servido para a consolidação das “elites letradas”, contribuindo, desse modo, para a perpetuação do domínio cultural de uma classe sobre as demais. Além disso, ele chama a atenção para o fato de que, aquilo que se tem acesso como sendo o “mundo real”, nada mais é do que um discurso, uma representação – através da linguagem – que, por sua vez, depende da interpretação de quem a produz. Sendo assim, em cada época, uma “autoridade” dotada de poder definia o que era relevante, a partir da sua interpretação, ser perpetuado para as demais gerações, instaurando o cânone e legitimando a obra escolhida para tal.

O cânone literário é questionado devido ao seu caráter excludente, que reforça as “fronteiras culturais e barreiras sociais, estabelecendo privilégios e recalques no interior da sociedade” (REIS, 1992, p. 72). Cabe ressaltar, também, que a literatura considerada canônica, conforme se conhece, é aquela produzida no Ocidente, e, conforme se percebe, muitos grupos ficaram de fora de sua representação, devido a critérios sociais, étnicos e de gênero, dentre outros.

Sobre isso, as escolas e demais instituições de ensino são umas de suas principais difusoras, à medida que selecionam e repassam aos discentes as listas de escritores e obras consideradas relevantes, assim como aquelas constantes dos livros didáticos – cujos autores e suas produções são escolhidos conforme critérios canônicos –, fato que contribui para que determinados textos sejam mais difundidos e conhecidos em detrimento de outros. Nesse aspecto, predominam autores mais conhecidos do público leitor em geral, sem que haja preocupação, geralmente, com nomes que estão longe dos holofotes.

Sendo assim, é notório, como se observa no excerto a seguir, que a literatura produzida por homens, oriundos das elites brancas, principalmente europeias, predomina no cânone ocidental, já que “o cânon está impregnado dos pilares básicos que sustentam o edifício do saber ocidental, tais como o patriarcalismo, o arianismo, a moral cristã” (REIS, 1992, p. 72). Assim, a presença de mulheres nesse cenário é rara, bem como daqueles

pertencentes a classes menos favorecidas economicamente, negros e demais minorias culturais. Isso contribuiu para reforçar o alargamento das diferenças e perpetuar a dominação existente nessas escolhas.

Em consonância com tal entendimento, Zahidé Muzart (2000), ao explicitar o modo como desenvolveu seu trabalho de pesquisa de escritoras brasileiras do século XIX, aborda a questão do cânone como um tópico de discussão feminista, à medida que se procurava informações de mulheres que escreveram ao longo desse período, mas que, por razões diversas e ao mesmo tempo comuns, ficaram marginalizadas e excluídas do cânone literário brasileiro. Além disso, a pesquisadora ressalta outra espécie de exclusão quando, em algumas obras sobre a história literária no Brasil, foram inseridos alguns nomes femininos, mas separando-os das demais obras escritas por homens através de seção específica para abordar o texto escrito por mulheres. Outra questão que merece destaque diz respeito ao gênero literário, apontado por Zahidé Muzart (2000) como um dos pontos que influenciaram a exclusão de nomes femininos do cânone.

Entre as várias razões para a não canonização das escritoras do século XIX, tem sido muito importante o gênero literário. Na aceitação de uma mulher escritora, essa questão não foi nada desprezível. Verifica-se que as poetisas foram, em geral, aceitas, mesmo que apenas por benevolência, e algumas até respeitadas, como Narcisa Amália [...]. Dos gêneros escolhidos pelas mulheres, são as dramaturgas e as narradoras as mais esquecidas. Mulheres com importante bagagem como Maria Benedita Bormann, Carmem Dolores e outras foram omitidas da historiografia literária por razões que se misturam com o código da moral burguesa (MUZART, 2000, p. 26).

Portanto, conforme se depreende do excerto acima, um dos motivos de as poetisas terem sido mais aceitas que as escritoras dos demais gêneros tem relação com a temática abordada por aquelas, quase sempre retratando os “sentimentos familiares”, como afirma Muzart (2000), assuntos pertencentes às mulheres, como pregava a sociedade. Quanto às demais, inseriram-se em gêneros “dominados” pelo sexo oposto, não cabendo aceitação, guardadas as devidas exceções, por parte da crítica masculina.

2.2 Transformações socioculturais e suas implicações no contexto feminino

Pensar nos motivos que levaram a mulher, enquanto escritora, a enfrentar dificuldades no tocante ao seu ingresso nesse cenário de produção cultural requer uma investigação acerca dos processos que objetivavam mantê-la em situação inferior em relação aos intelectuais,

buscando-se investigar os aspectos históricos sobre a própria condição feminina frente à sociedade, em diversos aspectos das relações sociais e culturais. Cabe salientar, porém, que muitas mulheres, apesar das barreiras, continuaram a escrever e conseguiram prosseguir em suas escritas, como os exemplos abordados nesta pesquisa.

Ao se investigar as origens para o tratamento inferior atribuído ao sexo feminino, comumente vigente na sociedade, nota-se que as explicações remontam aos primórdios da civilização. O sociólogo Pierre Bourdieu (2017) aponta a biologia, relacionada à diferença entre os sexos, ou seja, o corpo masculino diferente do feminino, como uma explicação para a diferenciação que foi construída social e culturalmente entre os gêneros ao longo do tempo, assim como da divisão das formas de trabalho também deriva essa disparidade, visto que, por muito tempo, o trabalho produtivo, os processos artísticos, as atividades que dependem de criação foram exercidas pelos homens, ao passo que à mulher cabia as ocupações com o lar e a família, sendo ele o provedor e ela a cuidadora.

Por conseguinte, em **Segundo sexo** (1970), Simone de Beauvoir traça uma espécie de linha do tempo para exemplificar que a subordinação feminina tem raízes históricas, advindas inclusive da era primitiva. Nesse período já havia a valorização do homem em detrimento da mulher. A capacidade física, como também postula Pierre Bourdieu (2017), era o fator responsável por essa diferenciação, uma vez que era necessário enfrentar animais ferozes na busca por alimentos e, nesse quesito, as mulheres eram consideradas impotentes. Porém, sem dúvida, a questão da maternidade era um dos motivos que mais simbolizava a inferiorização da mulher frente ao sexo oposto.

Como não havia controle de natalidade, a gravidez, o parto exigiam dela um estado de repouso que a incapacitava por muito tempo para a lida diária; aos homens cabia o papel de defender sua prole dos inimigos, aspecto este favorável para a disseminação de sua superioridade. Com o passar do tempo, e apesar das modificações nos sistemas sociais, a tentativa de subalternizar o sexo feminino em relação ao masculino continuava. Conforme postula Bourdieu:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o

ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2017, p. 22 e 24).

Assim, conforme se percebe, a dominação masculina é uma instância reproduzida socialmente, de modo que, para a mulher, escapar dessa conjuntura requer, antes de tudo, que ela se perceba enquanto sujeito dominado por todos esses discursos que a cerceiam. No âmbito da escrita, nota-se que muitas escritoras adotavam posições que objetivavam a conscientização feminina em busca da igualdade entre os sexos, porém, vez ou outra, elas reproduziam em seus textos alguns modelos já enraizados culturalmente, o que se entende como uma maneira de burlar a censura e fazer seus textos serem lidos, mesmo em ambientes conservadores em seu tempo. Entender todo esse processo requer um estudo acerca das relações sociais e sua evolução no tempo.

Dessa maneira, historicamente falando, sabe-se que, no período oitocentista, ocorreram grandes transformações na Europa nos âmbitos econômico e social, as quais resultaram em mudanças em todo o mundo devido à expansão do imperialismo europeu. Nesse contexto, os ideais advindos da Europa promoviam a difusão cultural ao redor do Ocidente, determinando os modos de vida, as identidades a serem preservadas, excluindo aquelas que não se encaixavam nos padrões europeus, até os comportamentos eram influenciados por essa onda de propagação do ideário europeu.

Esse cenário de dominação também influenciava os campos do saber e da escrita, que, de acordo com Norma Telles (2017), estiveram a favor do poder e perpetuavam a subjugação dos povos marginalizados. Cabe ressaltar, sobre esse aspecto, que o século XIX, apesar da infinidade de acontecimentos cujas repercussões foram negativas em diversos âmbitos, também representou um marco histórico para o surgimento de movimentos que modificaram os modos de pensar e agir da sociedade da época, como o feminismo, o socialismo, os movimentos sociais e o sufragista.

Nesse sentido, conforme elucida Telles (2017, p. 401), o romance foi um dos principais produtos culturais que desempenharam importante papel “na cristalização da sociedade moderna” tendo sua ascensão ocorrida no século XIX. Isso se deu porque a escrita representava uma das grandes formas de dominação, com a determinação das normas de conduta das sociedades, através da representação de costumes, modos de vestir, falar, dentre outros aspectos. Conforme enfatiza a autora:

O século XIX é o século do romance. Na Inglaterra, no século XVIII, surge o romance moderno coincidindo com a ascensão da sociedade burguesa.

Enquanto as formas de ficção anteriores tinham um direcionamento coletivo, o romance substitui essa tradição por uma orientação individualista e original (TELLES, 2017, p. 402).

O romance tornou-se, então, um gênero literário com características mais individuais se comparado às outras manifestações literárias vigentes, visto que retratava as pessoas em suas particularidades, seus modos de ser e agir. De acordo com Telles (2017, p. 402), o romance “difunde a prosa da vida doméstica cotidiana, tendo como tema central o que os estudiosos contemporâneos denominam “o romance da família”, contribuindo, assim, para a construção da hegemonia do ideário burguês”.

Corroborando com a observação dessa autora, Ian Watt (2010) ressalta as mudanças ocorridas na Inglaterra, no século XVIII, em relação à ascensão do romance naquele país. Segundo o crítico, o romance, dentre outras obras produzidas naquele período, possuía o preço elevado, o que dificultava seu acesso pelas pessoas mais desfavorecidas economicamente, que, em sua maioria, também não obtinham o “privilégio” de serem alfabetizadas. Esse fato colaborava para que o público leitor fosse, reduzido, não se constituindo como um gênero popular, a princípio.

Com o sucesso das bibliotecas públicas, surgidas após meados de 1740, houve certo estreitamento entre as camadas sociais, fato que favoreceu para que tal desigualdade diminuísse, pois, dentre as principais obras, o romance foi o que mais circulou e possibilitou o aumento dos leitores de ficção, e, dentre eles, as mulheres burguesas faziam parte em maior número, e esse gênero chegou ao alcance das camadas mais desfavorecidas da população inglesa. Sobre isso, o autor aponta:

A distribuição do lazer na época corrobora e amplifica o quadro já apresentado da composição do público leitor; e ainda fornece a melhor evidência disponível para explicar a crescente participação das mulheres nesse público. Pois, enquanto boa parte da nobreza e da pequena aristocracia continuava sua regressão cultural do cortesão elisabetano aos “bárbaros” de Arnold, a literatura tendia a se tornar um entretenimento basicamente feminino (WATT, 2010, p. 46).

Isso se deve ao fato de os homens considerarem que as mulheres tinham mais tempo livre que eles, algo que realmente acontecia com aquelas das classes mais altas, visto que elas raramente poderiam participar das atividades exclusivamente masculinas naquele período, como a política, os negócios, dentre outros, conforme elucida Watt (2010). Tal ócio feminino também foi atribuído às transformações econômicas ocorridas no século XVIII, as quais

dispensaram, em grande parte das famílias, a confecção manual dos itens produzidos por elas em seus ofícios de donas de casa (tecer, fazer pão, sabão etc.).

É importante ressaltar que essa mudança cultural, segundo o crítico, ocorreu de forma mais lenta nas áreas rurais e afastadas da capital inglesa. Contudo, mesmo que lentamente, a expansão do público leitor, principalmente para as demais classes da sociedade (menos abastadas), favoreceu o surgimento do romance, de acordo com Watt (2010), que ganhava traços mais individuais, corroborando com as transformações sociais vigentes, as quais atribuíam aos indivíduos a determinação dos papéis a serem assumidos, possibilitando-os tornarem-se sujeitos autônomos.

Essa valorização da leitura tornou mais fácil o acesso aos livros. Porém, é preciso problematizar essa mudança no comportamento feminino como não isento de repressões, pois foi nesse mesmo período, conforme se depreende do estudo feito por Telles, que se perpetuou o discurso formulado no século XVIII sobre a “natureza feminina”, que estabelece duas vertentes de caracterização da mulher: “quando maternal e delicada, como *força do bem*, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como *potência do mal*” (TELLES, 2017, p. 403).

Por consequência de tal discurso, pretendia-se manter a mulher no espaço que ela, por muito tempo, havia ocupado, ou seja, o ambiente do lar, atribuindo ao homem artista o papel de criador, dotado da subjetividade necessária ao processo de escrita, característica negada a ela, cujo papel desempenhado só poderia ser o de musa inspiradora, nunca criadora. Cabe salientar que essa situação foi sendo modificada à medida que a mulher foi se inserindo na escrita, tendo antes que se descobrir enquanto sujeito dotado de identidade, visto que ela foi sempre representada na literatura a partir da visão masculina, que, muitas vezes, reforçava ainda mais a sujeição feminina aos espaços do lar. Virginia Woolf (2014) chama atenção para a disparidade de papéis atribuídos às mulheres na ficção e na vida real na literatura inglesa:

Mas isso é a mulher na ficção. [...]

É de se imaginar que ela seja da maior importância; na prática, ela é completamente insignificante. Ela permeia a poesia de capa a capa; está sempre presente na história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era a escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiassem um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura vieram de seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido (WOOLF, 2014, p. 66-67).

Nesse sentido, observa-se que o cenário brasileiro não era tão diferente em relação ao contexto da Inglaterra, tendo em vista que, aqui, a mulher poderia figurar livremente nas obras literárias, mas apenas como personagens, musas inspiradoras, nunca como criadoras, atuação considerada inapropriada ou incapaz de ser desenvolvida por um ser que não fosse masculino. O que confirma a ideia defendida por Norma Telles (1990, p. 127) de que “a tradição estética define a criação artística como um dom essencialmente masculino”. Dando continuidade ao seu pensamento, a escritora assim descreve a situação feminina no Brasil do século XIX:

Excluídas de uma participação na sociedade, de modos de assegurar condignamente sua própria sobrevivência, de uma educação superior, as mulheres do século XIX permaneciam literalmente fechadas em casas ou sobrados construídos pelos pais, maridos ou senhores. Viviam em espaços desenhados e planejados pela arquitetura masculina assim como estavam constringidas e restritas nos “Palácios da Arte e nas Casas da Ficção masculinas” [...] (TELLES, 1990, p. 127-128).

Por esse motivo é que Virginia Woolf (2014) defendia que a mulher, para conseguir adentrar no universo da escrita ficcional, necessitava possuir um teto só para si, longe da presença restritiva masculina, quando não do pai, do esposo, limitando ou podendo seu fazer artístico.

Questionando-se acerca da produção literária feminina, a autora lamenta o fato de não se saber nada sobre as mulheres, na Inglaterra, no período anterior ao século XVIII e sobre o motivo de as mulheres não escreverem naquele tempo. Em seguida, ela afirma: “Elas não tinham dinheiro, é evidente” (WOOLF, 2014, p. 69). Tal afirmação coaduna com os argumentos de seu professor, Trevelyan, de que as mulheres, naquela época, casavam-se muito jovens, não tendo, portanto, acesso a outros meios de vida.

Nesse sentido, ao observar as obras de Shakespeare na estante, ela conclui: “teria sido impossível, absoluta e inteiramente, para qualquer mulher ter escrito as peças de Shakespeare” (WOOLF, 2014, p. 70). Recorrendo à imaginação, Woolf (2014) cria uma irmã para o renomado escritor inglês, perguntando-se o que teria acontecido com ela, caso houvesse existido. Exemplificando que a menina teria a mesma personalidade do irmão, o espírito curioso e travesso, ela não faria as mesmas coisas que ele, como frequentar uma escola, ler os mesmos livros, visto que seus pais a obrigariam a realizar as tarefas destinadas às mulheres naquele tempo, como coser e cozer e, pouco tempo mais tarde, teria se tornado noiva, como estava predestinado ao sexo feminino um casamento arranjado pela família.

Com isso, a escritora desnuda as relações díspares com que muitas mulheres eram submetidas na sociedade patriarcal, na qual eram impedidas de ter acesso aos mesmos recursos que os homens dispunham. Apesar disso, ela afirma que, evidentemente, as mulheres de talento devam ter existido e, quando houvesse notícias de alguma louca ou feiticeira, ou suicídio de alguma mulher, ou sobre a mãe de alguma figura importante na sociedade, com certeza estar-se-iam falando de alguma romancista desconhecida e oculta por força das circunstâncias.

Sobre os pseudônimos utilizados pelas escritoras no início de sua inserção na produção literária, a escritora afirma: “Foi a lembrança do senso de castidade que ditou a anonimidade das mulheres até o século XIX. Currer Bell, George Eliot, George Sand, todas vítimas de uma luta íntima, como provam seus escritos, buscaram sem sucesso esconder-se usando nomes de homem” (WOOLF, 2000, p.74-75). Desse modo, depreende-se da fala de Woolf (2014), que critica o pensamento imposto às mulheres, de que não era bom para elas a publicidade, o que sustenta o fato de muitas terem se escondido atrás de nomes masculinos para publicarem suas obras. Além disso, a escritora ainda retrata os diversos nomes de figuras notáveis que desprezavam qualquer manifestação intelectual por parte das mulheres, salientando serem elas incapazes para quaisquer atividades não condizentes com o papel determinado para si na sociedade.

Conforme enfatiza Norma Telles (1990), essa mulher excluída da produção literária só podia desempenhar os papéis de “musa ou criatura, nunca criadora”. Sobre essa destinação de um papel feminino subalterno, assim escreveu Woolf (2014):

As mulheres têm servido há séculos como espelhos, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural. Sem esse poder, provavelmente, a terra ainda seria pântanos e selvas. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. [...] Seja qual for o seu uso nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais para todas as ações violentas e heroicas. É por isso que tanto Napoleão quanto Mussolini insistiam tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, se elas não fossem inferiores, eles deixariam de crescer (WOOLF, 2014, p. 54-55).

Essa escritora chama a atenção para o fato de o homem ter a necessidade de se sentir superior e, por esse motivo, necessitava diminuir a figura feminina para tornar-se menor que a dele. Assim, ele conseguiria ver-se grande na sociedade. Embora tudo isso tenha contribuído para a que a mulher ficasse reclusa em seu papel social pré-determinado pela sociedade patriarcal, que lhe impunha o anonimato, a invisibilidade, muitas delas desobedeceram a essas regras de conduta e ousaram escrever suas ideias, o que foi feito em meio a muitos

empecilhos, diga-se de passagem. Para isso, precisaram se livrar do aprisionamento que tais normas as encerravam, “tiveram elas de escapar das definições de ninharia, nulidade ou vacuidade, do sonho e do devaneio masculino” (TELLES, 1990, p. 131) para, posteriormente, superar as dificuldades com a escrita, com a descoberta de um perfil, de um estilo, visto que elas sempre foram tratadas como incapazes de possuir ideias próprias.

No capítulo intitulado **Mulheres e imagens**: Aparências, lazer, subsistência, Anne Higonnet (1991) traça um perfil da mulher do século XIX em sua construção identitária, no campo artístico. A autora retrata a inserção da mulher no âmbito das artes visuais ao longo do século XIX, área essa que representava a figura feminina como ser voltado para o ambiente do lar, assim como acontecia com as obras literárias. Desse modo, tendo ocorrido mudanças nesse cenário e com as mulheres tendo acesso aos meios de produção artística, estas puderam representar a si próprias e não somente serem objeto de representação masculina.

No entanto, até mesmo para as mulheres não era fácil imaginar uma identidade feminina. Não existia um ser feminino essencial que as mulheres pudessem descobrir e revelar. Havia apenas experiências femininas culturalmente determinadas que incluíam as motivações da sua própria invisibilidade. [...] A maior parte das mulheres que empreenderam uma carreira artística no século XIX eram de origem burguesa; pertenciam ao grupo de mulheres que mais tinha a perder em termos de classe ao melhorar o seu destino em termos de gênero. Apanhadas por estes impulsos contraditórios, as mulheres não produziram imagens de si próprias fundamentalmente diferentes em estilo e conteúdo das imagens que os homens delas faziam (HIGONNET, 1991, p. 301-302).

Nesse sentido, envoltas em um ambiente que não permitia liberdades de atuação, algumas mulheres, mesmo alcançando um espaço de fazer artístico, não conseguiam se desvincular das identidades projetadas para elas, o que se justifica pelo fato, dentre outros motivos, de elas terem sido dependentes de uma figura masculina, não podendo, por isso, ultrapassar certas barreiras. No campo literário, “A educação patriarcal cerceou de maneira bárbara a vida das mulheres e estiolou muitas vocações literárias. [...] No mundo masculino de então, as mulheres sempre foram intrusas e a aceitação passava por códigos burgueses de moralidade e de boas maneiras” (MUZART, 2000, p. 22-23). Desse modo, em meio ao contexto da imposição histórica de uma figura feminina inferior, o Brasil não se configura como exceção no tocante à posição que a mulher ocupou ao longo de sua constituição, visto que o país, até o século XIX, seguia os modelos europeus, sobretudo aqueles que dizem respeito à cultura e aos costumes da sociedade.

Em vista disso, em meio aos vários movimentos e ideais revolucionários que agitavam o país, cresceu a difusão dos hábitos de leitura e o aumento do número de jornais, contribuindo para a chegada dos folhetins, gênero bastante produzido na Europa. Nessa conjuntura, como ressalta Norma Telles (2017, p. 405), muitas mulheres, inspiradas pelas “ideias europeias sobre a posição da mulher na sociedade e de suas reivindicações de igualdade”, promoveram movimentos revolucionários, como aqueles em favor da libertação dos escravos, por exemplo.

Com tudo isso, pode-se notar que, embora com contextos históricos distintos, o Brasil passou por situações semelhantes à Inglaterra no tocante ao aumento do número de leitores e à popularização do gênero romance, principalmente entre as mulheres. A chegada da Família Real ao Rio de Janeiro possibilitou, dentre outras transformações, o aumento das práticas de leitura e a circulação de livros, assim como foram implantadas normas para assegurar a instrução primária, conforme afirma Valdiney Castro (2015).

Tais acontecimentos proporcionaram às mulheres cariocas acesso à instrução, permitindo que elas adentrassem por esse cenário em maior número, já que a educação feminina, até então, era limitada ao que a família instruía. Foram fundadas escolas exclusivas para elas, além de seu hábito de leitura ter sido estimulado inclusive através de propagandas, na afirmação de Castro (2015). Houve uma valorização dessa mulher leitora, sendo tal atividade representada nas obras através das personagens, além de os autores, em diversas obras, fazerem um direcionamento, como se os textos fossem escritos para elas. Vale ressaltar, porém, que, embora a mulher fosse retratada nas obras, tal abordagem, muitas vezes, contribuía para reforçar a imagem da mulher reclusa às prendas domésticas, frágil e submissa aos seus esposos. Portanto, se algumas delas acabavam por reproduzir preconceitos em relação ao próprio sexo e expunham visões conservadoras sobre aspectos da vida feminina nas obras que escreviam, deve-se levar em consideração a amplitude do contexto em que se davam essas escritas, bem como as condições de escrita e circulação dos escritos possíveis para as mulheres da época.

2.3 Mulheres na cena literária do Brasil oitocentista

Apesar de recente (segunda metade do século XX), os estudos que visam ao resgate de textos produzidos por mulheres nos séculos passados são bastante significativos no tocante ao enriquecimento da historiografia literária brasileira, haja vista a imensa quantidade de obras e

autoras descobertas e muitas ainda por surgir nesse universo que é a pesquisa sobre escrita literária feminina.

Maria Aparecida Fontes (2001) afirma que escrever sobre a literatura de autoria feminina produzida no século XIX requer dois desafios, quais sejam: delimitar o período estético, bem como situar a escrita feminina no contexto das táticas político-culturais vigentes na época, a fim de identificar como se dava o discurso feminino como desafiador do cânone naquele momento.

De acordo com Fontes (2001), trata-se de uma averiguação para além dos modos de produção românticos, a fim de compreender como as mulheres agiam frente à “colonização” de seus modos de se expressar e da padronização de suas normas de conduta. Conforme ela evidencia, assim como se percebe a partir de pesquisas sobre o assunto, aquelas que ousaram desafiar tais regras, eram, na maioria das vezes, sucumbidas pela tristeza, solidão e até mesmo a morte, visto que fugiam do modelo feminino pré-estabelecido.

Uma das causas para tantos acontecimentos trágicos envolvendo as mulheres diz respeito, segundo a pesquisadora, ao denominado “mal do século”, que se caracterizou como a segunda fase do Romantismo no Brasil, também chamada de “Ultrarromântica”, bastante influenciada pela poesia de George Byron, e, por isso, também é conhecida como geração “Byroniana”, cujas características principais permeiam os campos do negativismo, pessimismo, desilusão, fuga da realidade e, principalmente, a exaltação da morte. Assim, além de todas as insatisfações que pairavam sobre as escritoras no século XIX, ainda havia toda a carga negativa de sentimentos que eram disseminados através da arte, na segunda fase do movimento romântico.

Já Virginia Woolf (2014, p. 74), em **Um teto todo seu**, dissertando sobre a situação da mulher que desejava escrever, mas era impedida de praticar tal ato, afirma que não se faz necessário possuir aptidão para a psicologia “para afirmar que qualquer garota muito talentosa que tenha tentado usar seu dom para a poesia teria sido tão impedida e inibida por outras pessoas, tão torturada e feita em pedaços por seus próprios instintos contrários, que deve ter perdido a saúde e a sanidade, com certeza”. Dando prosseguimento a esse pensamento, Woolf (2014) ainda afirma que, sobrevivendo a tudo isso, qualquer linha que tivesse escrito sofreria o descrédito de ter sido escrita por uma mulher doente.

Nessa acepção, o período oitocentista, no Brasil, também não oferecia às mulheres escritoras boas condições de acesso ao meio de produção artístico. Segundo Ívia Alves (2001), elas tinham dificuldade em definir suas temáticas devido às barreiras impostas pelos intelectuais, que as limitavam e, até mesmo, estigmatizavam-nas quanto às abordagens dos

seus textos. Apesar de possuírem consciência daquilo que deveriam escrever, tais escritoras sofriam censura quando queriam registrar o que estava em voga no momento, e, com isso, muitas escreviam sobre temáticas lírico-amorosas, as quais eram atribuídas como intrínsecas à condição feminina. Tal fato é abordado por Alves (2001) como responsável pela perpetuação do Romantismo durante muito tempo no Brasil.

As dificuldades encontradas pelas escritoras para adentrarem no universo da escrita começavam antes mesmo da escolha dos assuntos a serem tratados. Isso se deve ao fato de que elas precisavam, antes de tudo, superar as barreiras da falta de instrução e desfazer-se das caracterizações feitas pelos intelectuais em suas obras, as quais corroboravam para disseminar a imagem de mulher como pertencente exclusivamente ao ambiente doméstico e anular qualquer forma de transposição desse limite.

A partir do momento em que as mulheres deixaram de ser apenas leitoras e inseriram-se no campo da escrita, muitas barreiras foram impostas, como a dificuldade que elas enfrentavam ao tentar publicar seus livros e obter pagamento por eles e, devido a isso, muitas delas assinavam suas obras com pseudônimos masculinos. Ívia Alves (2005) afirma que, para driblar tal empecilho, muitas obras continham em suas capas ou prefácios a descrição de que a renda oriunda da venda dos livros destinar-se-ia a obras de caridade. O que desviava o olhar de censura que viria caso elas usassem o dinheiro para proveito próprio.

Na visão de Norma Telles (1992), há na literatura de autoria feminina uma espécie de palimpsesto, pois a superfície em que o leitor se depara esconde significados pouco acessíveis no âmbito social. Assim, faz-se necessário adentrar por esse cenário e desvendar as entrelinhas discursivas contidas em tais textos.

Nesse sentido, o processo de escrita por parte da mulher, inicialmente, perpassou pela redescoberta de uma identidade pouco definida, resultado do processo de socialização que tentava relegá-la à condição de subalternidade, que lhe impôs papéis domésticos como única alternativa de vida. De acordo com Telles (1992), as escritoras, mesmo que inconscientemente, ao se lançarem no universo literário, rejeitavam os valores sociais em que eram submetidas e livravam-se do papel predeterminado que lhes eram impostos. Assim, ao criarem personagens representantes de angústias, ansiedades, dramas que circundavam a mente daquelas que começaram a escrever, no século XIX, principalmente, elas acabavam contestando o padrão vigente e utilizavam a palavra escrita para expor seus pensamentos de forma “livre”.

As mulheres que ousaram escrever, durante esse período, fazem parte de um grupo que resistiu às pressões responsáveis por excluir até mesmo aquelas pertencentes às altas

rodas da sociedade. Apesar de explorar temas românticos e de dialogar, muitas vezes, com textos de autoria masculina, além de escrever sobre temas do cotidiano, essas escritoras procuravam “deslocar a idealização da mulher, construída pela voz masculina, para as subjetividades de suas personagens” (ALVES, 2001, p. 13). Assim, retratavam figuras femininas, na maioria das vezes angustiadas em seus casamentos arranjados, entediadas com suas rotinas cerradas no ambiente do lar, ao contrário do universo masculino, cheio de compromissos e negócios.

As escritoras tratavam de temas como os sentimentos da maternidade e a exaltação da natureza. Não podiam expressar o amor ao homem nem seus desejos, a não ser através de metáforas. Muitas delas também falavam sobre a importância da educação igualitária para homens e mulheres, pois ainda não podiam frequentar as faculdades. Defendiam que, com o acesso à instrução, as mulheres não precisariam depender do auxílio de ninguém para sobreviverem, conforme postula Ívia Alves (2012). Nesse ponto, convém transcrever a fala de Virginia Woolf (2014, p. 58), ao enfatizar a importância da renda fixa para uma mulher deixar de ser dependente do sexo oposto: “Portanto, não somente cessam o esforço e o trabalho, mas também o ódio e a amargura. Não preciso odiar homem nenhum; eles não podem me fazer mal. Não preciso bajular homem nenhum; eles não têm nada para me dar”. Logo, possuir renda fixa, algo tão raro para muitas mulheres do século XIX, representaria mais que sobreviver, mas seria uma forma de liberdade em relação à cultura de submissão em que eram submetidas.

Freitas (2002), ao falar sobre a escrita feminina, aponta para essa busca de valorização da mulher na sociedade brasileira através da literatura. Segundo a autora, com as palavras, a mulher salta do ambiente privado em que sempre viveu para ocupar espaços públicos, buscando estabelecer-se enquanto ser no mundo e propondo novas maneiras de pensar sua identidade. “A criação artística e, sobretudo, a literária, como élan de comunicação de sua vida privada com o público, através da palavra escrita, abre para a mulher uma fenda na muralha, revolve o estagnado cenário cultural masculino, apresenta-a a este mesmo cenário” (FREITAS, 2002, p. 121).

Assim, através da literatura, a mulher poderia encontrar sua verdadeira essência e tentar se livrar do estereótipo negativo em que era retratada em algumas obras. Segundo Polesso e Zinani (2010, p. 100), “nas relações de gênero, assimétricas e de dominação, o que não é masculino assume uma posição marginal”. Neste sentido, durante muito tempo a literatura feminina caminhou pela margem, longe dos holofotes canônicos das obras escritas

por homens. Nesse cenário, é de fundamental importância a crítica feminista, no sentido de “resgatar” as produções literárias de autoria feminina deixadas à margem da literatura oficial.

Segundo Ívia Alves (2005), embora não fossem poucas as escritoras que escreveram no século XIX, os obstáculos contra essa prática eram numerosos, de modo que foram poucas aquelas que passaram de duas obras publicadas, tamanha era a rejeição da sociedade, juntamente com as críticas feitas pelos detentores de poder e responsáveis pela imprensa. Isso ocorria porque a literatura escrita por mulheres era encarada pelos homens como obras sem grande complexidade, utilizadas como meio de demonstração dos sentimentos daquelas, como se todas escrevessem de forma similar.

Tal produção era tida como inexpressiva e, por isso, não alcançava a notoriedade conquistada pelas obras de autoria masculina. Tal fato se deve à maneira como historicamente a capacidade intelectual feminina era encarada, ou seja, o discurso do homem sempre buscava inferiorizar a mulher, atribuindo-lhe uma interpretação negativa em relação a tudo que lhe dizia respeito. Dessa forma, nas palavras de Woolf (2014): “A indiferença do mundo [...], não era, no caso dela, indiferença, mas hostilidade. O mundo não dizia a ela, como dizia a eles: “Escreva se quiser, não faz diferença para mim”. O mundo dizia, gargalhando: “Escrever? O que há de bom na sua escrita?”” (WOOLF, 2014, p. 78). E, assim, ela ia driblando os obstáculos.

Uma grande precursora na defesa dos direitos sociais e políticos dos indivíduos oprimidos, bem como de inserção da mulher na escrita, foi Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia de Faria Rocha, nascida no Rio Grande do Norte, oriunda de família de posses, lutava pelas causas republicana e abolicionista, além da busca por igualdade entre os sexos através da escrita e tinha como principal preocupação, nesse sentido, a educação das mulheres (TELLES, 2017). Nísia Floresta foi uma das poucas escritoras, no século XIX, a ganhar notoriedade a partir da palavra escrita, visto que os intelectuais não viam com bons olhos a inserção feminina nos espaços antes dominados pelo patriarcado.

Nísia trata [...] da ausência da mulher no mundo, e nos limites impostos pelos homens à sua educação, pois a eles não interessava contrariar o modelo de sociedade que lhes havia dado o domínio. Essas são ideias que até o final do século podem ser encontradas na obra de algumas escritoras brasileiras (TELLES, 2017, p. 406).

Os textos publicados por Nísia serviram de inspiração para muitas outras que adentraram por esse caminho tão pedregoso, que é o domínio da palavra escrita. Seus textos eram problematizadores da condição feminina e encorajadores para as mulheres que

buscavam seus direitos e acesso ao trabalho e à instrução. Publicou **Direitos as mulheres e injustiça dos homens**, em 1832, considerado o primeiro texto no Brasil a tratar desses temas.

Além de Nísia, outro exemplo de narrativa diferente daquilo que se esperava para uma mulher abordar trata-se do romance **Úrsula**, escrito por Maria Firmina dos Reis e publicado em 1859, obra considerada o primeiro romance escrito por uma mulher negra, de teor abolicionista, conforme afirma Telles (2017), que inseriu o indivíduo negro e escravo como possuidor de individualidade e registrou seu culto à cultura africana e as lembranças dos momentos em que o europeu o escravizou. De acordo com Luciana Diogo (2016), essa autora nasceu em 1825, em São Luís, Maranhão, e, além de escritora, era também musicista e poetisa, e colaborou ativamente para jornais maranhenses. Obteve reconhecimento por sua atuação literária ainda em vida, porém caiu no esquecimento postumamente, tendo seus escritos estudados pelos pesquisadores atuais, cujos objetivos principais são a busca por dar visibilidade à outrora esquecida autora.

Sobre o romance pioneiro, assim afirma Telles (2017): “*Úrsula*, “romance original brasileiro”, narra um romance de amor entre uma jovem, Úrsula, e um bacharel em direito, entrelaçando-o com a narrativa da vida dos escravos, que guardam a lembrança da África com suas raízes e costumes” (TELLES, 2017, p. 413). Desse modo, Maria Firmina dos Reis, além de se inserir no cenário literário brasileiro, na segunda metade do século XIX, período considerado muito restrito aos intelectuais masculinos, ousou tratar de um assunto pouco explorado na literatura brasileira até então: a questão dos escravos e sua condição no Brasil. De acordo com Rafael Balseiro Zin (2016), no Brasil, em seus primeiros séculos de existência, quase não havia manifestações de cunho literário em prol da liberdade dos negros escravizados, e, apenas a partir de 1840 é que, através do poeta maranhense Gonçalves Dias, tal temática passa a compor algumas obras da literatura brasileira.

Diversos estudos demonstram uma quantidade imensa de textos que ficaram esquecidos pela historiografia literária brasileira, o que reforça a exclusão em que as mulheres foram submetidas, tendo em vista que, mesmo conseguindo escrever seus textos e publicá-los, sua circulação era comprometida. Nesse sentido, um trabalho muito importante de resgate de nomes e obras, em sua maioria desconhecidos do grande público, é a antologia organizada por Zahidé Lupinacci Muzart, intitulada **Escritoras Brasileiras do Século XIX**, na qual constam nomes como Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta, Ana Autran, Josefina Álvares de Azevedo, Júlia Lopes de Almeida, Ildefonsa Laura César, Adélia Fonseca, Ignez Sabino e inúmeras outras escritoras.

De acordo com Maria da Conceição P. Araújo (2008, p. 42), “A recuperação da literatura do passado, escrita por mulheres, implica uma necessidade de reconstituir a memória de um tempo e de uma história que foram velados para redescobrir o ontem e compreender a vivência do hoje”. Nesse sentido, a busca por trazer à tona esses textos de mulheres do passado contribui para o entendimento das relações de exclusão que ainda hoje imperam em muitos aspectos da vida social brasileira. Além disso, fornecem informações sobre quem foram essas mulheres escritoras que primeiro ousaram desafiar o poder dominante e lançar-se pelo universo ficcional e também crítico literário.

2.4 Ignez Sabino: Uma mulher escritora em fins do século XIX

Conforme se depreende do estudo feito por Zahidé Muzart (2000), Maria Ignez Sabino Pinho Maia nasceu em Salvador, Estado da Bahia, em 31 de dezembro de 1853 e faleceu no Rio de Janeiro em 13 de setembro de 1911⁴. Conforme enfatiza a pesquisadora, tendo sido poetisa, romancista, contista, memorialista, biógrafa, essa escritora merece destaque, dentre outros motivos, por ter empreendido uma importante pesquisa a respeito de mulheres que se destacaram na história do Brasil, seja por feitos em prol do país, seja por seus escritos literários, tendo publicado tal estudo no livro **Mulheres Ilustres do Brasil**, em 1899. Essa obra é uma importante fonte de pesquisa, assim como outras de mesmo teor publicadas posteriormente – inclusive pela própria Muzart, em **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia** (2000) e seus volumes subsequentes –, no sentido de tornar visíveis e lembrados nomes de mulheres que muito colaboraram para a formação da literatura/cultura brasileira, mas que não tiveram o reconhecimento merecido na História.

Ignez Sabino (como assinava seus textos) é uma das inúmeras escritoras brasileiras do século XIX que figuram no esquecimento pela historiografia literária, mas que, graças ao trabalho de algumas(uns) pesquisadoras(es) comprometidas(os) com a investigação de nomes que colaboraram para as letras brasileiras, têm surgido trabalhos que abordam aspectos da vida e obra dessa autora, os quais contribuem para que, aos poucos, esses nomes sejam conhecidos pelo grande público e os leitores possam ter acesso às obras que, como as de Ignez Sabino, fornecem detalhes de como era a vida em sociedade no Brasil pós-Monarquia, dentre outros detalhes riquíssimos que fazem parte da nossa cultura, bem como possibilita entender como se deu o início da luta feminista no período anterior ao século XX.

⁴ Affonso Costa (1930) menciona a doença arterio-esclerose como responsável pelo fim da escrita de Ignez Sabino.

Uma das pesquisadoras que são importantes referências para os estudos sobre Ignez Sabino diz respeito à professora norte-americana Susan Canty Quinlan (1999), cujo texto sobre a autora encontra-se na apresentação da reedição do romance **Lutas do coração** ([1899], 1999). De acordo com ela, Ignez Sabino era membro de família burguesa, filha de D. Gertrudes Pereira Alves Maciel Sabino e Dr. Olegário Pereira Sabino Ludgero Pinho, médico homeopata, que lhe enviou para a Inglaterra para aperfeiçoar seus estudos, fato incomum para moças naquela época, visto que muitos pais restringiam o acesso das filhas aos livros e até determinavam quais elas poderiam ler. Porém, Ignez Sabino precisou retornar ao Brasil de forma antecipada, devido à morte do pai, fato que a impediu de continuar os estudos no exterior e conquistar seu diploma em Letras. Morando em Recife, realizou estudos de filosofia alemã, tendo como mestres Tobias Barreto e Pedro Autran da Matta Albuquerque.

Casou-se com Francisco de Oliveira Maia, teve uma filha, morou em algumas cidades brasileiras como Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, possibilitando-lhe o conhecimento vasto sobre as formas de vida das brasileiras. Nessa última cidade, conforme evidencia Quinlan (1999), Sabino concentrou a maioria de seus escritos literários, bem como ministrou diversas palestras. Além disso, essa escritora atuou ativamente no campo jornalístico, cujos escritos perpassaram alguns estados brasileiros e, ultrapassando os limites territoriais, chegando até Portugal.

Essa experiência de Ignez Sabino em ter residido em diversas capitais brasileiras e em Portugal é apontada por Quinlan (1999) como razão para a aquisição de grande sensibilidade política e fonte de informação para a construção de **Mulheres Ilustres do Brasil** (1899), bem como da investigação psicológica que ela empenha em **Lutas do coração** (1999). Affonso Costa (1930) menciona outro romance da escritora, **Alma de artista**, embora nenhuma pesquisadora o tenha encontrado. E Zahidé Muzart (2000) menciona **Através de meus dias** e **Esboços femininos memórias**, ambos não localizados. De acordo com Maria da Conceição P. Araújo (2008), esse último título trata-se, na verdade, do nome de uma coluna que a autora escrevia seus artigos, no jornal carioca **A Estação**, no período de abril de 1890 a março de 1891. Segundo Maria C. P. Araújo (2008), Sabino escrevia biografias de várias mulheres do Brasil e do mundo nessa coluna. Já no livro **Impressões**, tem-se a informação de que a obra **Contos de salão** estaria prestes a entrar no prelo, e mais outras obras iriam ser publicadas: **Avulsos** (versos); **Clarice, O Naufrago Indiano**⁵ (romances) e **Esboços femininos**. Por todas essas informações, percebe-se como é difícil encontrar as obras publicadas pelas escritoras do

⁵ Conforme grafia original constante do livro mencionado.

século XIX e anteriores, mesmo estando no século XXI, com toda a tecnologia a favor de quem pesquisa.

Segundo a Susan Quinlan (1999), a aptidão de Sabino para as letras foi despertada desde cedo, e já aos doze anos ela começou a escrever seus primeiros poemas, os quais foram incluídos na obra **Rosas Pálidas**, publicada em 1887, tendo sido lançado também, no mesmo ano, o livro de versos intitulado **Impressões**. Foi com o livro de poemas **Aves libertas**⁶, também publicado em 1887, que ela estreou na literatura, abordando a temática abolicionista (um ano antes da abolição da escravidão no Brasil), visto que a autora, assim como muitas mulheres em fins do século XIX, lutava pelo fim da escravidão e utilizava a escrita como principal meio de propagar esse ideal. Essa obra obteve grande consagração do público após um dos seus poemas ter sido recitado pela atriz Ismênia dos Santos, no Teatro Santa Isabel, em Recife.

Após lançar-se na poesia, Ignez Sabino adentrou pela escrita em prosa, publicando um volume de contos/crônicas e poesias **Contos e lapidações**, em 1891. Também lançou o romance **Lutas do coração** (1898) e a coletânea de biografias **Mulheres Ilustres do Brazil** (1899), assim como literatura infantil **Noites brasileiras** (1903). Contribuiu largamente para jornais, revistas e periódicos, principalmente aqueles dirigidos por mulheres, tendo atuado em **Gazeta de Notícias**, **O País**, **O tempo**, **Gazeta da Tarde**, **Jornal do Brasil** e as revistas femininas: **A mensageira** (1887-1890), **Eco das Damas** (1879-80) e **A família** (1888-89), **Corimbo**, **Diário da Bahia**.

Em **Mulheres Ilustres do Brazil** ([1899] 1996), Ignez Sabino apresenta inúmeros registros de mulheres como as escritoras Nísia Floresta, Baronesa de Mamanguape, Délia e Maria Ribeiro; além das mulheres das letras, constam nomes que atuaram nas mais diversas esferas sociais, como a heroína Annita Garibaldi, a imperatriz Thereza Christina, a caridosa Maria de Lima das Mercês. São mulheres que vão além dos registros literários, perpassando por figuras que se tornaram conhecidas, em seu tempo, por terem desempenhado alguma atividade relevante para o país.

Em **Contos e lapidações** (1891), Ignez Sabino se autoapresenta. Intitulado **A quem ler**, ela principia o texto por afirmar que todo livro de autor desconhecido necessita de um prefácio para apresentá-lo e este depende de alguém para assiná-lo, porém, nesse caso, cumpre ela mesma tal tarefa. A justificativa para esse ato é a de que a autora receou incomodar alguém para escrever sobre a sua “modesta individualidade litteraria meia duzia de

⁶ O exemplar não foi encontrado, apesar de constar registrado no acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da USP.

linhas de recommendação sómente por defencia a ser eu uma senhora, apresento-me só” (SABINO, 1891, p. 1, [sic]), modéstia que se justifica pelo jeito como os intelectuais tratavam as obras escritas por mulheres, o que acabava por estigmatizar, no pensamento das próprias escritoras, suas produções, com a afirmação de serem obras menores, sem importância.

Alegando receio em lançar ao público seu livro de contos e poesias, Sabino adjetiva seus textos como “pobres [...], simples, modestos, despretensiosos” (SABINO, 1891, p. 1) e alega que eles foram moldados a partir de um estilo trivial, alguns um pouco humorísticos, outros compostos de reflexões e descrições de costumes da classe operária e campestre, o que demonstra sua preocupação em relação à reação do público. Consciente de que era pouco conhecida no Rio de Janeiro (uma das cidades onde residiu), Sabino escreve:

Sou ainda pouco conhecida na litteratura d’esta capital, cuja Imprensa tem publicado apenas um ou outro trabalho meu, devendo aliás á *Gazeta de Notícias* a honra da publicação da minha *Andaluzia* com que estreei aqui, escrevendo uma ou outra vez n’*O Paiz* que noticiou o livro que agora apresento, e transcreveo-lhe um topico e em outros jornaes que embora benignos para com a minha humilde personalidade, comtudo não me conhecem bem para fundar sobre mim um juízo decidido (SABINO, 1996, p. 2-3, [sic]).

Tal observação, pertinente num período em que os escritos femininos avançavam na imprensa, revela a busca da escritora por publicar seus textos. Sobre as temáticas, segundo Ívia Alves (2012), romancistas como Ignez Sabino, indo de encontro ao que era proposto pelos românticos, tematizaram o casamento, porém sob a perspectiva do que acontece depois da cerimônia, isto é, o dia a dia dos cônjuges, as separações, o amor que não pode ser vivido por uma mulher separada, bem como o casamento realizado sem sentimentos envolvendo os noivos. Tudo isso é que ocorre em **Lutas do coração**, conforme a professora aponta, pois “Inês Sabino mostra-se mais desencantada com a sociedade e com o casamento” (ALVES, 2012, p. 130), do que autores como José de Alencar em *Senhora*, obra esta que retrata um final feliz no casamento.

No romance de Sabino (**Lutas do Coração**) o amor não vence, tendo em vista que o romance entre Hermano e Ofélia não pode ser consolidado com o casamento, porque ela é uma mulher separada do marido, mal vista, por isso, pela sociedade. O jovem engenheiro casa-se com a prima, moça educada para o casamento. O matrimônio serviu para unir as riquezas das duas famílias. Tal obra pode representar uma crítica aos costumes de uma sociedade burguesa em ascensão e aos arranjos decorrentes das relações de poder que permeiam as camadas sociais em fins do período oitocentista. Um estudioso da literatura que

tece comentários ao romance de Ignez Sabino e ratifica tais informações é Jorge Araujo (2008). Segundo ele:

Lutas do coração radica tal investimento analítico e de avaliação psicológica, debruçando-se sobre a representação contributiva da mulher no ordenamento da sociedade brasileira oitocentista a partir dos horizontes e destinos individuais de três personagens (Angelina, Matilde e Ofélia), as contradições históricas e sociológicas no tocante ao papel reservado à mulher e as repercussões e embates destacados na perspectiva de cada uma para afirmar sua presença. O romance discute e expõe a supressão dos direitos femininos numa sociedade de exclusões e a convenção de atributos modelares segundo a ótica patriarcal e machista, espalmando e reproduzindo um panorama de disparidades, típicas das sociedades fechadas (ARAÚJO, J., 2008, p. 23).

O pesquisador ainda chama a atenção para o modo como Ignez Sabino, na produção em questão, expõe os costumes da sociedade, adentrando pelas casas e mostrando as relações familiares, até aquelas mais íntimas. Por outro lado, Jorge Araujo (2008) critica o fato de as heroínas possuírem roteiros previsíveis, bem como a sua tendência ao fracasso de personagens como Ofélia, pela quantidade de mortes com que ela se depara ao longo do percurso, o que denuncia certa falha na composição da narrativa.

Alberto Pimentel (1999), escritor português que escreveu o prefácio da primeira edição de **Lutas do coração** (1898), distribui elogios à autora e à obra ao longo do seu texto. Para ele, Ignez Sabino era inteligente e culta e uma das raras pessoas que, além de ser poetiza, sabia tocar e compor músicas. Em suas palavras, ela era “uma executante distinta, mas também uma compositora estimável” (PIMENTEL, 1999, p. 47). Desse modo, percebe-se que tal escritora transitava pelas diversas manifestações artísticas que se encontravam em voga no Brasil de fins de 1800, o que chama atenção para o fato de ela ter sido educada sem restrições quanto ao acesso aos bens culturais.

Afonso Costa (1930) afirma que Ignez Sabino foi uma das mulheres brasileiras que mais produziu e publicou, tendo realizado, inclusive, traduções de francês e inglês, o que ratifica sua atividade intelectual em diversas áreas, além de ela ter demonstrado aptidão também para a pintura. Tais características são consideradas como propulsoras para o aperfeiçoamento da escritora na Inglaterra, quando foi enviada pelo pai, que foi, notadamente, um homem cuja visão difere-se da maioria dos chefes de família da sociedade burguesa oitocentista. Além disso, a partir das leituras feitas por Zahidé Muzart (2000) e Maria Conceição P. Araújo (2008), constata-se que a escritora em questão era uma leitora assídua das mais variadas áreas, o que se comprova pelas referências a aspectos da História Mundial,

Filosofia e, principalmente, Literatura, que constam em sua escrita. Assim, destaca-se a presença de autoras brasileiras do século XIX, conforme enumera Maria C. P. Araújo (2008), cujas referências podem ser encontradas ao longo de suas obras:

Destaco, por exemplo, a alusão a autoras brasileiras representativas no século XIX, como Júlia Lopes de Almeida, Josefina Álvares de Azevedo e Elvira de Carvalho, bem como aos livros escritos por mulheres: *Trois ans em Italie, Parsis* e *Memórias*, de Nísia Floresta; *D. Narcisa de Villar*; *Lésbia*, *Aurélia* e *Magdalena*, e *Celeste*, de Maria Benedita Câmara Bormann (ARAÚJO, M., 2008, p. 62).

Há ainda menção a escritoras estrangeiras, como verifica Maria C. P. Araújo (2008), cujos nomes remetem às escritoras francesas George Sand (que lutava em prol da emancipação feminina) e Mme. de Staël e a portuguesa Guiomar Torrezão (que também possuía ideias emancipatórias da condição da mulher na sociedade). Já entre os escritores brasileiros, os principais nomes citados por Ignez Sabino são: “Machado de Assis, Raul Pompéia, Tobias Barreto, Visconde de Taunay, Norberto de Souza e Rocha Pita”, segundo Maria C. P. Araújo (2008), bem como os autores estrangeiros:

Jorge Cardoso, Manuel da Nóbrega, José Anchieta, Antonio José, Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Victor Hugo, Auguste Comte, Émile Littré, Alexandre Dumas, Émile Zola, Sócrates, Tomás de Aquino, Platão, Santo Agostinho, Herbert Spencer, Stuart Mill, Arthur Schopenhauer, Gottfried W. Leibntz, Georg Hegel, Johann Fichte, Immanuel Kant, Friedrich Schelling, François-Marie Voltaire, Jean-Jacques Rousseau, Théophilo Braga, Alphonse de Lamartine, entre outros (ARAÚJO, M., 2008, p. 63).

Tais informações reforçam a ideia de que Ignez Sabino teve acesso a excelente instrução e leituras variadas. Alberto Pimentel (1999) também demonstra possuir leituras a respeito da produção literária brasileira. No prefácio do romance de Ignez Sabino, ele, além de citar alguns escritores da literatura brasileira como José de Alencar e suas obras voltadas a retratar a brasilidade, Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo, ressalta a característica singular da exuberante natureza brasileira como impulsionadora da criação artística, a qual, segundo ele, dispensava o escritor brasileiro de abordar a história e a filosofia universais, visto que toda essa abundância natural, por si só, representava as inúmeras temáticas que um escritor pudesse transpor para sua obra.

Por esse motivo, o escritor português afirma desconhecer poetas líricos e romancistas melhores que os do Brasil e pontua: “A mulher brasileira, mais subjetiva do que a mulher da

Europa, frequentemente poeta e psicóloga, quando, auxiliada pela educação, se entrega ao prazer das letras” (PIMENTEL, 1999, p. 43). Corroborando com tal afirmação, Ignez Sabino também afirma que “A litteratura feminina no Brazil, tem caracter próprio e não se confunde com outra qualquer” (SABINO, 1996, p. 269, [sic]).

Citando alguns nomes femininos, o autor português traz como referência Narcisa Amália, com seus “versos delicados”; Francisca Júlia da Silva, cujos versos são “esculturais”; menciona o **Livro das Noivas** como “evangelhos da religião do lar”, de Júlia Lopes de Almeida e trata de Ignez Sabino, cujo romance “de costumes locais”, **Lutas do coração**, é por ele prefaciado, demonstrando conhecimento sobre as autoras brasileiras que publicavam durante a segunda metade do século XIX. Sobre o romance de Sabino, Pimentel escreveu:

Além da observação psicológica e do ensinamento moral, dois relevantes méritos valorizam ainda esta novela: a lúcida singeleza da frase, que deriva com a naturalidade de uma conversação familiar, sem presunções de impecável, e a pintura rápida, mas quase sempre incisiva, dos costumes e das paisagens.

As *Lutas do coração* é um livro de mulher inteligente e justa, que tem palavras generosas de perdão e indulgência, ainda quando o turbilhão das paixões humanas vem, como uma onda brava, salgar os bicos da sua pena (PIMENTEL, 1999, p. 53).

Dentre as características da obra, elencadas por Pimentel (1999), destaca-se a descrição das paisagens naturais tão bem delineadas por Sabino, as quais compõem um verdadeiro retrato do nosso país em fins do século XIX. “É pois bem um livro que tem a cor do seu país, escrito por uma senhora, que personifica os altos dotes psíquicos, o delicado talento literário, e a originalidade subjetiva dos seus conterrâneos” (PIMENTEL, 1999, p. 56, sic). Além disso, a linguagem simples com que a narrativa é desenvolvida é, segundo o escritor, algo positivo no romance, tendo em vista que o leitor sente-se familiarizado à medida que adentra pela história, a qual é descrita como uma “conversação familiar”.

Affonso Costa (1930), em **Poetas de outro sexo**, trata de Ignez Sabino como possuidora de estilo único entre suas conterrâneas baianas, afirmando que não se encontram, em nenhuma delas, linhas ou estilos parecidos com aquela escritora. Ressalta, porém, que se fosse fazer um trabalho de analogias, poderia comparar Sabino com Adelia Fonseca e Anna Autran, somente. Outra comparação que ele faz é entre Ignez Sabino e a escritora portuguesa Guiomar Torresão (1844-1898). “Nos traços biographicos de ambas ha parecenças de irmãs, na educação, na formação do espirito, na disposição intellectual, na inspiração mesma e, por coincidencia que se não revelou ainda, ambas foram autoras de livros com titulos iguaes –

Rosas pálidas..” (COSTA, 1930, p. 110). Nesse sentido, percebe-se que as duas escritoras são vistas por Affonso Costa (1930) como parecidas em estilo, mas, segundo ele, não havia imitação na escrita entre as duas.

As produções de Ignez Sabino versam, dentre outros assuntos, sobre a condição dos indivíduos marginalizados socialmente – como negros, mulheres – empenhando-se na defesa de seus direitos – embora algumas vezes ela tenha incorrido em posições preconceituosas em seus escritos. De acordo com Affonso Costa (1930, p. 125), “os assumptos sociaes mereceram o seu carinho maior, primeiro advogando o abolicionismo, com o *Ave Libertas*, apoiando a Republica, proclamando a necessidade da alfabetização nacional, cuidando desveladamente o futuro da mulher brasileira [...]”. Para a melhoria das condições de vida desses sujeitos, a autora defendia a instrução como meio de superação das barreiras impostas pelas injustiças sociais, principalmente no que diz respeito às mulheres, que, para ela, a educação devia servir como instrumento de transformação social e a liberdade para que elas pudessem seguir uma carreira profissional, porém sem que deixasse de lado a opção pelo casamento, que deveria ser a primeira escolha, conforme defendia.

Vê-se, nesse ponto, que, apesar de possuir ideias inovadoras para a época, alguns valores predominantes na sociedade eram preservados por ela em sua escrita, como a constituição da família devendo estar em primeiro plano na vida da mulher. Porém, cabe salientar que, tendo em vista o cenário em que ela se encontrava, no qual predominavam diversos valores conservadores a serem seguidos, como a mulher enquanto senhora de um lar, sendo a escritora pertencente a uma família de posição social elevada, ela não poderia romper completamente com os valores sociais vigentes, sob o risco de não ter seus textos aceitos para publicação e circulação entre os leitores. Além disso, se tais pensamentos foram, de fato, defendidos conscientemente por ela, o contexto mencionado também justifica tal posicionamento. Sobre esse contexto histórico, afirma Sinéia Silveira (2014):

[...] Inês Sabino promove rupturas em relação ao pensamento da época, produzindo contos, romances, artigos jornalísticos, biografias, textos memorialísticos e poemas que versam sobre temáticas controversas, problematizadoras da condição das mulheres. Seus textos demarcam um território literário feminino em um século caracterizado pelas hierarquias de gênero, numa sociedade que, mesmo experienciando novas formas de ver o mundo, em um momento de quebra de paradigmas filosóficos, sociais, políticos e estéticos, reserva às mulheres um papel subalterno, aceitando seu prestígio social, de bom grado, apenas no recôndito do lar (SILVEIRA, 2014, p. 7).

Por conseguinte, Ignez Sabino estava, ao seu modo, transgredindo em seu tempo, pois, em pleno final de século XIX, com o Brasil envolto em diversas mudanças, principalmente nos campos político e econômico, tendo o fim da escravidão anunciado em 1888, com uma sociedade conservadora, que reservava às mulheres o papel subalterno e doméstico, ela ousou escrever literatura, área marcada pela presença massiva de intelectuais masculinos.

Sobre o perfil de Sabino, contrariando a visão de Muzart (2000, p. 596) de que a escritora apresenta um “feminismo conservador de uma senhora burguesa e bem-comportada”, Sinéia Silveira (2014, p. 31) afirma que aquela escritora não era bem-comportada como poderia parecer, já que ela usava a escrita para recomendar que as mulheres não aceitassem passivamente as imposições sociais vigentes, incentivando-as a escreverem ou a seguir alguma profissão, caso desejassem. Nesse sentido, compreende-se que, no período marcado por ideais conservadores, como foi o início da República no Brasil, não seria possível a uma senhora pertencente à classe social aristocrática engajar-se pela causa feminina sem tomar certos cuidados. Sobre esse aspecto, Muzart (2000) afirma:

Para bem avaliar as ideias de Inês Sabino, temos de situá-las em seu contexto: época, meio social e, sobretudo, classe. Poderíamos cometer injustiças, atribuindo-lhe omissões e ausências que a sua inserção e acanhado meio não lhe permitiu. Tal como a escritora Júlia Lopes de Almeida, essas escritoras foram antes de mais nada, representantes de sua classe social, senhoras da sociedade pretensiosa da época, mas foram – e isso é importante registrar – lutadoras a sua maneira e desempenharam o papel necessário à construção de futuras liberdades para as mulheres brasileiras (MUZART, 2000, p. 596).

Além disso, a própria coragem de escrever tendo como pano de fundo o preconceito contra as mulheres que saltavam da esfera doméstica para a vida pública, é um ato não condizente com o perfil da mulher brasileira de então. Nesse viés, Silveira (2014) chama atenção para a possibilidade de Ignez Sabino ter consciência de que alguns trechos de seus escritos perpetuavam ideias conservadoras. Segundo a pesquisadora, o fato de a escritora possuir ideias díspares, quase contraditórias, isto é, ao mesmo tempo em que defende o poder da mulher instruída de alcançar diversos espaços, traz a ideia da esposa que deve cuidar dos filhos e do marido para que ele seja fiel, pode ser uma forma de burlar a repressão sofrida, pois, se era difícil para a mulher ter acesso à instrução, ainda mais complicado tornava-se sua inserção na escrita literária.

Desse modo, caso aquelas que galgassem a publicação de seus pensamentos, pusessemos sob o papel, indo de encontro a tudo que era imposto pelos homens, indubitavelmente

seriam censurados e impedidos de chegarem ao público leitor. Talvez pelo motivo de não ser a favor dos ideais de seu tempo, Ignez Sabino não teve seu nome inscrito na historiografia literária da época, e, inclusive nos dias de hoje, não são muitas as pessoas a conhecem e a pesquisam. Nesse sentido, o trabalho de Zahidé Muzart em lançar a antologia **Escritoras brasileiras do século XIX** (a qual conta com três volumes) contendo registros biográficos e trechos literários de inúmeras escritoras desse período, incluindo Ignez Sabino, que havia sido iniciado por esta mesma escritora, em **Mulheres Ilustres do Brazil**, serve de base para pesquisadores que pretendem conhecer melhor e dar maior visibilidade à literatura brasileira produzida por mulheres no século XIX.

3 MULHERES SENDO LEMBRADAS PELA PENA DE OUTRA MULHER

Porque razão a mulher não poderá ser conhecida pela pena de outra mulher, estudando em si, a psychologia alheia?⁷

Tomando como base a instrução de Ignez Sabino de que a “mulher não deve viver sómente pelas virtudes, nem pelas graças: ella deve, necessita, agir pela intelligencia” (SABINO, 1996, p. IX) é que é proposto, neste estudo, apresentar as mulheres que atuaram no âmbito das letras brasileiras, as quais foram incluídas na obra **Mulheres Ilustres do Brazil** (1996) por Ignez Sabino, que, muito conscientemente, buscou, com esse trabalho, possibilitar que essas dezoito escritoras biografadas fossem conhecidas, lidas e estudadas na posteridade. São elas⁸: Rita Joanna de Souza, Lourença Tavares de Hollanda, Angela do Amaral, Beatriz Brandão, Nizia Floresta, Anna Lossio Seiblitiz, Baroneza de Mamanguape, Délia (pseudônimo de Maria Benedicta de Borghman), Maria Ribeiro, Barbara da Silveira, Delfina Benigna da Cunha, Corina Coaracy, Gracia Ermelinda, Albertina Diniz, Revocata dos Passos, Amalia Figuerôa, Laura Carolina e Maria Helena da Camara Andrade Pinto (conforme ordem de apresentação de Ignez Sabino).

De acordo com Sinéia Silveira (2014, p. 44), seguindo a linha de produção de dicionários, no século XIX, voltados para o registro histórico de um país em construção, Ignez Sabino vai além de simplesmente fazer aflorar o senso de patriotismo nos brasileiros com as suas biografadas, quando ela “se apropria dessa categoria de obra para defender direitos femininos, principalmente à educação, ao trabalho, ao voto e ao divórcio”. Portanto, faz-se necessário registrar a importância que essa obra possui em um contexto literário que relegou ao esquecimento diversos nomes femininos que escreveram em uma época não propícia para o desenvolvimento de tal atividade pelo “belo” sexo.

3.1 Elas por elas mesmas: Dicionários de escritoras e a preservação de um legado

Aqui se inicia o percurso pelos dicionários femininos (escritos por e sobre mulheres escritoras) tendo como norte inicial a obra de Ignez Sabino, **Mulheres Ilustres do Brazil**, editada em 1899⁹, recorrendo à descrição de suas biografadas com o objetivo de fazer jus ao

⁷ SABINO, Ignez. **Mulheres Ilustres do Brazil**. Edição fac-similar. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1996, p. VIII.

⁸ Optou-se por preservar a grafia original dos nomes das escritoras, conforme convenção ortográfica vigente na época.

⁹ Para este trabalho utiliza-se a edição de 1996 pela Editora Mulheres.

desejo da autora, qual seja o de “aplaudir a sua ideia” por servir de base para que os nomes por ela resgatados – e outros lembrados pelas obras posteriores – não figurem no limbo da historiografia brasileira com a marca de “esquecimento”. Posteriormente, são apresentados os demais dicionários publicados após Ignez Sabino, tendo enfoque apenas as escritoras constantes da coletânea desta autora. Antes de adentrar pelas nuances dessa obra, faz-se necessário retratar a visão das escritoras dos dicionários subsequentes acerca da importância desse gênero e a contribuição deixada por Ignez Sabino.

À vista disso, Heloisa Buarque de Hollanda introduz seu livro **Ensaístas brasileiras** (1993) enfatizando não ser ele um trabalho inédito no campo da literatura feminina no Brasil, visto que as mulheres, desde muito tempo antes, já haviam despertado para a importância de registrar os escritos e as biografias de escritoras que dedicaram sua vida para as letras, seja em coletâneas, antologias ou dicionários, dentre outros meios.

A autora chama atenção para o fato de, em 1899, a escritora Ignez Sabino ter publicado seu dicionário de **Mulheres Ilustres do Brasil**, o qual reúne grandes nomes de mulheres que participaram da formação do Brasil. De acordo com Hollanda (1993, p. 13), tal obra “revela um primeiro esforço, conforme afirma a autora, para tirar as mulheres da “barbárie do esquecimento”, projeto que será recorrente e mesmo sintomático da historiografia e da crítica literária femininas em geral”.

Nesse sentido, o papel de Ignez Sabino foi de extrema importância para os estudos posteriores que se dedicaram a resgatar nomes de escritoras brasileiras que ficaram esquecidas ou tiveram seus escritos perdidos e, conseqüentemente, foram invisibilizadas em suas atuações nas letras do país. Esses dicionários, como aponta Hollanda (1993), feitos por mulheres, são uma espécie de arma política de reivindicação de um espaço por muito tempo negado ao gênero feminino, que é o meio intelectual.

Um aspecto que merece atenção neste impulso feminino recorrente de organização do trabalho e da prática das mulheres é, sem dúvida, a reivindicação, para si, do “direito de classificar”, ou seja, de intervir na própria lógica estrutural da constituição do cânone literário, cujos critérios de exclusão e inclusão, de valor e legitimidade, são dados tidos como “naturais” e determinados por uma tradição histórica milenar e inquestionável (HOLLANDA, 1993, p. 14).

Pode-se perceber, nestas obras pioneiras da prática da crítica feminina, o eixo central da preocupação com a lógica do “silenciamento” na construção da série literária, marcando uma tendência, de claro acento político, em denunciar e tentar romper com a estigmatização da presença feminina na literatura. A ideia de “recuperar uma presença” pode ser observada nas introduções destes trabalhos, pela insistência na procura de fotografias,

desenhos ou ilustrações, marcas sempre desejadas e raramente reconstruídas (HOLLANDA, 1993, p. 15-16).

Portanto, conforme salienta Hollanda (1993), esse trabalho de junção, em uma obra, de diversos nomes femininos que se inscreveram nas letras do Brasil configura-se como um desvio à lógica excludente da formação do cânone, delegando à “pena” de uma mulher o poder de também inserir sua própria lista de escritoras escolhidas para fazer parte da historiografia oficial, mas que não foram contempladas na “lista” elaborada pelos legitimadores hegemônicos, isto é, pelos intelectuais masculinos.

Sobre **Ensaístas brasileiras**, Lúcia de Oliveira Araújo (1990) explicita que a proposta do livro é abordar estudos presentes nas áreas de literatura e artes, abrangendo o período do início do século XIX até 1990. O objetivo foi elencar as mulheres que se dedicaram ao ensaísmo brasileiro no âmbito da crítica literária e artística, inserindo, nas biografias, aspectos da história de vida de cada uma. Conforme salienta Lúcia Araújo (1990, p. 118): “A idéia de produzir este tipo de levantamento surgiu a partir do interesse cada vez maior sobre a produção feminina no campo intelectual e artístico”.

Outro importante trabalho nesse âmbito diz respeito à coletânea de artigos sobre mulheres escritoras do século XIX, organizada por Zahidé Lupinacci Muzart, **Escritoras brasileiras do século XIX**. A pesquisadora Eliane Vasconcelos explica, em artigo intitulado **Uma arqueologia da autoria feminina no Brasil** (2003), o processo de constituição desse projeto, para o qual ela foi convidada a colaborar, cujo objetivo era fazer um levantamento de textos produzidos por mulheres ao longo do século XIX.

Sobre as etapas da pesquisa, ela conta que foi feita, inicialmente, uma listagem de nomes de escritoras, bem como suas obras, além de referências bibliográficas sobre elas. Dada a grandiosidade da pesquisa, estabeleceram que fariam mais que um simples verbete sobre elas. Assim, cada escritora conta com uma pequena biografia, seleção de trechos de suas obras mais relevantes para o estudo, assim como análises feitas por outros pesquisadores, compondo uma espécie de artigo em cada verbete. De acordo com Vasconcelos (2003), o estudo desenvolvido não buscou fazer um comparativo entre as obras escritas pelas mulheres em relação àquelas de autoria masculina. A proposta foi identificar o papel que elas exerceram na historiografia literária brasileira e como esta influenciou as escritoras.

Zahidé Muzart (1999), que foi professora da Universidade Federal de Santa Catarina, descreve, em **Mulheres do século XIX**: história de um projeto, o processo de desenvolvimento do projeto organizado por ela sobre as escritoras brasileiras do século XIX,

o qual contou com o apoio do CNPq desde 1994 e com a colaboração de pesquisadoras de diversas instituições brasileiras.

Segundo a pesquisadora, a origem de tal estudo deu-se após uma disciplina que ela ministrou a respeito de escritoras brasileiras, no ano de 1985, quando lhe despertou a vontade de trabalhar também com as escritoras do século XIX. Assim ela constatou a tamanha dificuldade de encontrar informações sobre as autoras, assim como de ter acesso às suas obras, ausentes em livrarias e bibliotecas de todo o país. E, após encontro com as pesquisadoras Rita Schmidt (UFRGS) e Eliane Vasconcelos (Fundação Casa de Rui Barbosa), no GT “A mulher na literatura”, da ANPOLL, as quais possuíam os mesmos interesses de pesquisa, “nasceu” o estudo em questão, sob a coordenação das duas e juntamente com Zahidé Muzart. Dada a amplitude do projeto, juntaram-se a elas outras pesquisadoras cujos objetos de estudo pertenciam aos seus estados de origem ou que já faziam parte de seus interesses.

Esse trabalho é de grande importância no campo das letras devido ao estudo minucioso que as pesquisadoras realizaram, visto que não se trata apenas de um dicionário com verbetes de cada escritora e sua biografia. Mais que isso, há uma “abordagem crítico-analítica”, nas palavras de Muzart (1999), de cada uma delas, compondo artigos críticos, juntamente com informações biográficas, trechos de obras literárias e estudos realizados por outros pesquisadores, juntamente com suas fontes.

Como acentua Rita Schmidt, a nossa investigação “implica, igualmente, em levantar questionamentos de ordem teórica com relação a conceitos tradicionalmente aceitos e considerados inatacáveis no âmbito dos estudos literários”, um passo importante deste projeto foi a discussão de textos teóricos e críticos. Mas, além as publicações mais recentes de cunho teórico, estivemos procedendo a um resgate da crítica da época, que discutimos em uma introdução que procura contextualizar a produção feminina do século XIX e discutir a questão do cânone e, sobretudo, tenta estudar uma questão importante como o conceito de valor estético, reivindicando, a partir de análises comparativas, a visibilidade da mulher do século XIX na historiografia literária de nossos dias, objetivo importante da pesquisa (MUZART, 1999, p. 790).

Outro fator que chama atenção no relato da pesquisadora em questão diz respeito à rede de colaboração que se formou em torno do projeto. Como o grupo era composto por mulheres de diversas regiões do país e não havia recursos para os deslocamentos, elas se reuniam durante a participação em congressos de literatura e eventos do GT “A mulher na literatura”, a fim de discutirem o andamento da pesquisa e decidirem questões metodológicas.

Nesse sentido, estabeleceram uma “*rede de sororidade*”, como afirma a autora, com o intuito de trocarem artigos entre si, relacionados tanto às escritoras quanto a estudos teóricos, além de informações que fossem descobrindo acerca das mulheres pesquisadas.

A partir do projeto desenvolvido, além da publicação dos volumes contendo as análises críticas das escritoras do século XIX, um dos resultados mais notáveis foi a criação da Editora Mulheres, cujo objetivo principal era o “resgate de obras de escritoras do passado” (MUZART, 1999, p. 790). Com isso, foi possível reeditar obras das escritoras pesquisadas e que não era possível serem adquiridas.

[...] Já publicamos o livro de biografias de Ignez Sabino, *Mulheres Ilustres do Brasil*, o romance *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida com introdução de Sylvia Paixão, a primeira edição em português do livro de ensaios de Nísia Floresta, *Cintilações de uma alma brasileira*, editado em Florença em 1859, com pesquisa e introdução de Constância Lima Duarte, a reedição do pequeno romance da catarinense Ana Luisa de Azevedo Castro, e 1859. Essa aventura editorial projetada, para 1998, a reedição de *Lésbia* de Maria Benedita Bormann, com introdução de Norma Telles, a reedição de Rita Barém, uma poetisa gaúcha, com introdução de Rita Schmidt e mais três romances das escritoras Carmen Dolores, Inês Sabino e Júlia Lopes de Almeida (MUZART, 1999, p. 790).

Na capa do livro **Mulheres Ilustres do Brasil**, de Ignez Sabino, há uma nota explicativa acerca da Editora Mulheres e seu objetivo, que é o de resgate de escritoras e suas respectivas obras do passado, as quais foram esquecidas, salientando que o projeto abarca mulheres de qualquer nacionalidade. “Além dos livros, publicaremos ensaios, estudos críticos sobre escritoras, índices bibliográficos, antologias e dicionários, obras de consulta e instrumentos de pesquisa sobre a literatura feita por mulheres do passado” (s/a, 1996, s/p)¹⁰. Assim, há a afirmação de que a preocupação da editora é com a memória, visto que a história literária oficial tem colaborado para o apagamento da maioria dos nomes de escritoras que atuaram ao longo dos séculos passados até início do século XX.

3.2 Trabalho de uma precursora: Autoras resgatadas por Ignez Sabino em “**Mulheres Ilustres do Brasil**”

Pode-se dizer que Ignez Sabino foi uma das pioneiras no Brasil ao elaborar um trabalho de resgate de nomes femininos que contribuiriam para a formação da identidade do país, seja no âmbito político, social e, principalmente, literário. Salienta-se sua importância,

¹⁰ Sem autoria, 1996, capa de **Mulheres Ilustres do Brasil**.

nesse sentido, tendo em vista que os estudos anteriores a esse foram escritos, em geral, por estudiosos, homens, que mencionaram algumas dessas mulheres em seus dicionários, mas sem atribuir a importância que tiveram no processo de consolidação de uma literatura no país.

Com dedicatória às senhoras brasileiras, Ignez Sabino se autoprefacia em **Mulheres Ilustres do Brazil**, editado em 1899¹¹. Afirma que não está a fazer um trabalho de jardinagem, isto é, o cultivo de certas flores para exibir sua beleza, salientando tratar-se de um estudo da psicologia feminina, sobretudo. “Não é que a auctora não goste de cultivar as bellas filhas da primavera; mas nas *Mulheres Ilustres* o cultivo das flores visa um outro fim que a emoção esthetica” (SABINO, 1996, p. VII, [sic]).

Justificando o fato de ser uma mulher que está escrevendo sobre outras, ela afirma: “Porque razão a mulher não poderá ser conhecida pela pena de outra mulher, estudando em *si*, a psychologia alheia? (SABINO, 1996, p. VIII, [sic]). Ignez Sabino ainda salienta que tem como missão, em **Mulheres Ilustres**, apresentar as mulheres não apenas do ponto de vista histórico, mas evidenciar suas qualidades, demonstrando o tom de análise crítica do trabalho. Além disso, a escritora também ressalta a superação de muitos obstáculos quanto à escrita de tal trabalho, provavelmente um deles seria a dificuldade de encontrar informações sobre as escritoras pesquisadas, problema que até nos dias de hoje as pesquisadoras se deparam. Assim, Sabino justifica a criação dessa obra:

Eu quero resuscitar, no presente, as mulheres do passado que jazem obscuras, devendo ellas encher-nos de desvanecimento, por ver que bem raramente na humanidade, se encontrará tanta aptidão civica presa aos fastos da historia.

Faço, outrossim, salientar as que mais sobressahiram nas letras, a fim de que se conheça que houve alguém que amou a arte e viveu pelo talento, tirando-as, como as outras, da barbaria do esquecimento, para fazel-as surgir, como merecem, á tona da celebridade (SABINO, 1996, p. IX, [sic]).

Ignez Sabino tinha consciência de que a sociedade patriarcal provocava a invisibilidade feminina mesmo quando alguma mulher se sobressai em qualquer área. Isso se comprova por sua fala acerca das escritoras que se tornaram notáveis em sua época, mas, para que a posteridade as conheça, é preciso que alguém escreva sua biografia e exponha suas qualidades.

Além de apresentar a própria obra e falar de sua importância para a história feminina, Sabino dá “conselhos” para as mulheres que a lerão: “A mulher não deve viver sómente pelas virtudes, nem pelas graças: ella deve, necessita, agir pela intelligencia, de accordo com os

¹¹ Utiliza-se, para este estudo, a edição feita pela Editora Mulheres de 1996.

seus deveres moraes e cívicos...” (SABINO, 1996, p. IX, [sic]). Tal pensamento reforça a posição da autora no tocante à instrução feminina, já que ela é uma defensora de que as mulheres tenham acesso e façam uso da educação e que escrevam também. Por isso seu interesse em divulgar nomes de escritoras de sua época, pelo desejo de que se tornem conhecidas.

Além disso, reafirma seu anseio de que tal coletânea torne-se a “Bíblia da instrução moral e cívica”, tendo em vista ser uma obra escrita por mulher, sobre e para mulheres, sobretudo – além de vigorarem, naquele período, diversas obras que se voltavam para o trabalho didático com ensinamentos morais à sociedade. Essa preocupação com a instrução fazia parte das publicações de Sabino, que defendia ser esse o meio de as mulheres conquistarem mais espaço na sociedade. Ela compreendia que as mulheres eram silenciadas e que a escrita lhes daria voz.

Em **Mulheres Ilustres do Brasil** (1996), a escritora retrata o fazer literário e as diversas implicações que essa atividade sucede. Nele, ao longo das narrativas a respeito da vida das mulheres biografadas, Ignez Sabino tece comentários acerca do comportamento feminino em sociedade, as restrições que lhes eram impostas, bem como propõe ensinamentos em relação ao valor da educação para torná-las senhoras de suas atitudes, como se pode perceber no excerto a seguir: “A mulher, pobre obreira da vontade, obscura trabalhadora do lar domestico, pelas altas regiões do pensamento, se educada, lança mão do contingente mental para delle tirar os proventos que a consciencia lhe ordena nestas palavras: “Ergue-te e trabalha.”” (SABINO, 1996, p. 247, [sic]).

Acerca de se notar o talento da mulher que escreve, Sabino acaba por abordar algo que ocorreu com ela própria, haja vista que, embora ela possuía uma diversidade de textos escritos tanto em livros publicados quanto em jornais e revistas, de sua autoria, seu nome não ganhou notoriedade e reconhecimento posteriormente, como ocorreu com autores de sua época, a exemplo de Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Castro Alves, dentro outros. Isso reforça a grande invisibilidade que permeava a escrita de autoria feminina naquele período como resultado da grande dificuldade que a mulher possuía em adentrar por espaços majoritariamente regulados pelos homens.

Com esse importante trabalho, Ignez Sabino colaborou para a preservação da história de muitas mulheres brasileiras que contribuíram de alguma forma para a sociedade, através do resgate de informações, textos e ilustrações que compõem um verdadeiro dossiê da história feminina do país. Em **Mulheres Ilustres**, Ignez Sabino cataloga informações de diversas mulheres brasileiras em vários âmbitos da atuação em sociedade, desde o período colonial até

o presente em que ela se encontra escrevendo. Nesse livro, não há uma organização por área, isto é, aquelas que escreviam não estão todas na mesma seção (escritoras ou literatas), mas distribuídas ao longo da narrativa, compondo um total de dezoito mulheres das letras.

Dado o exposto, convém arrolar tais escritoras, a fim de melhor contextualizar a discussão. Antes, porém, é importante salientar que a autora de **Mulheres Ilustres** não apenas apresenta a escritora pesquisada como também retrata o contexto histórico da época em que ela viveu. Assim, antes de apresentar Rita Joanna de Souza, ela trata do período colonial no Brasil, em meados do século XVII, quando da emancipação de Pernambuco, a mistura de raças que se fazia entre indígenas, portugueses, negros e mestiços através de casamentos, o crescimento dos engenhos de açúcar e a agricultura surgindo como sinônimo de riqueza.

Segundo Iñez Sabino: “A mulher colonial vivia nas trevas da ignorancia; raríssima era a que tinha educação mais apurada, e, no que diz respeito á litteratura, completa ausencia de meio e de professores” (SABINO, 1996, p. 72, [sic]). Entretanto, contrariando o contexto de escassa educação, Rita Joanna de Souza, pernambucana, nascida em Olinda (conforme afirma Sabino), filha de um rico comerciante, conseguiu ter acesso à instrução, dada a sua condição social mais elevada e a permissão de seu pai que, segundo a biógrafa, apesar de não notar o talento da filha para as letras, possibilitou-a que estudasse.

Conforme afirma Iñez Sabino, Rita Joanna era filha de “rico negociante”, que não a privava de escrever e estudar. Após escrever seus primeiros versos, conta a biógrafa que nossa escritora se iniciou no desenho e na pintura, tendo a natureza pernambucana como inspiração. Em tom poético, Sabino (1996, p. 74, [sic]) descreve a artista: “O grande sopro do talento atravessou-lhe a fronte, ao passo que ella escrevia com a sublime dedicação entusiastica de quem cumpre o seu dever”.

[...] ella trabalhava sufficientemente, para, na sua mésse de pensamentos intimos, escrever em verso ou em prosa, emquanto, outrosim, dava-se ao estudo da Historia, isso com grande escandalo das senhoras de então e do capellão seu confessor, um tanto avêso a mulheres litteratas (SABINO, 1996, p. 74, [sic]).

Em nota, Iñez Sabino traz referências de escritores acerca das informações sobre Rita Joanna, como Norberto de Souza, Ferdinand Denis e Balthasar da Silva Lisboa, ressaltando que eles diziam que a escritora teria sido formosa, mas não há registro iconográfico no livro em estudo. Sem citar nenhum trecho de obra de Joanna de Souza, por ser difícil encontra-lo, Sabino (1996, p. 75, [sic]) afirma: “Da sua avultada bagagem litteraria, o tempo tudo

estragou, infelizmente”. Ressaltando que, mesmo assim, o nome de grande escritora permaneceu.

Antes de tratar da escritora Lourença Tavares de Hollanda, Ignez Sabino contextualiza a cidade de Olinda, quando esta ainda era capital de Pernambuco, em meados do século XVII, abordando o episódio do incêndio provocado pelos holandeses, em 1631, e sua reconstrução posteriormente. Ao introduzir a descrição dessa escritora, Sabino faz referência à Guerra dos Mascates, que envolveu conflitos de interesses entre Olinda e Recife, sobretudo devido a disputas pelo controle político em Pernambuco, no período de 1710 a 1711. Nesse contexto, Lourença Tavares, nascida em fins do século XVIII, em Olinda, de acordo com Sabino, era tida pelo Padre Antonio Gonçalves Leitão como erudita de talento. Tendo dois irmãos e vendo-os partirem para combaterem na guerra, Lourença Tavares saiu de seu isolamento, conforme afirma Sabino, e usou a escrita para interceder pelos irmãos.

Atenasados nas rigorosas prisões, em que estiveram perto de dous annos, com as maiores injurias de palavras mais soltas, que pode licenciar a má vontade, e com outros apertos tão cruéis e tão tyrannos que possúa qualquer entendimento em o quanto a maldade dos homens se estende, e se dilata, pois sem mais culpa que uma, e muitas falsidades erguidas, por estes se vê a innocencia condemnada, não só a dos meus irmãos, mas d’outros muitos que com eles se veem perseguidos e atormentados e infamados de traidores pelos homens de Recife [...] (SABINO, 1996, p. 86, [sic]).

Assim, vê-se que as mulheres que possuíam acesso à leitura e escrita também a utilizavam como meio de reivindicar alguma causa, conforme se depreende do trecho acima mencionado, o qual é ilustrado por Ignez Sabino com a íntegra do que seria a carta dirigida ao rei, por intermédio do Duque de Cadaval, redigida pela escritora, datada de 10 de outubro de 1713, em Pernambuco, quando pede por seus irmãos presos pelos homens de Recife. Além disso, ela também pede pela liberdade de outros conterrâneos.

O verbete sobre Angela do Amaral inicia-se com a descrição das manifestações culturais do período colonial no Brasil. De acordo com Ignez Sabino, nessa época, as festas aconteciam com grande imponência, com ares aristocráticos, refinados. Citando a Academia dos Seletos, afirma que lá frequentavam homens de grande nome político e das letras. Também participavam as damas da sociedade. Todos aguardavam o começo dos “acontecimentos litterarios”. A autora também cita a presença ilustre de pessoas da nobreza, como o general Gomes Freire de Andrade, cujas virtudes eram celebradas pela citada academia.

De acordo com Alfredo Bosi (2015), em **História concisa da literatura brasileira**, a literatura ainda não era muito desenvolvida até o início do século XVIII na Colônia e suas manifestações culturais não eram bem organizadas. Com o desenvolvimento surgindo, aos poucos, alguns setores da sociedade, como religiosos, desembargadores, militares e outros começaram a se reunir em grêmios literários, como já ocorria na Europa no século anterior, constituindo-se, assim, as academias.

Nessas instituições, uma das atividades desenvolvidas consistia em “atos acadêmicos”, que eram sessões literárias cujo objetivo era comemorar datas religiosas ou enaltecer autoridades da Colônia. Como exemplo, tem-se a “Academia dos Seletos”, no Rio de Janeiro (1752), cujo ato louvava o general Gomes Freire de Andrada (grafia do autor). Os textos em prosa e em versos foram publicados com o título **Júbilos da América**. Conforme Bosi (2015, p. 52):

As academias e os atos acadêmicos significam que a Colônia já dispunha, na primeira metade do século XVIII, de razoável consistência grupal. E embora se tenham restringido a imitar os sestros da Europa barroca, já puderam nutrir-se da história local, debruçando-se sobre os embates com os holandeses no Nordeste ou sobre as bandeiras e o ciclo mineiro no Centro-Sul.

Ignez Sabino (1996, p. 103, [sic]) descreve um momento em que Angela do Amaral surge em uma dessas reuniões da academia: “Um murmúrio de admiração produzia dó, certa impressão, em quanto saudavam com entusiasmo, em nome da arte e do talento, a primeira poetisa brasileira”. Descrita como cega desde o nascimento, segundo Sabino, o general Gomes Freire a admirava e a protegia. “A natureza, porém, aquinhou-a com as luzes do cérebro”. A biógrafa, além de retratar a escritora pesquisada como primeira poetisa brasileira – fato não comprovado com menção a referências bibliográficas –, também a chama de “primeira repentista brasileira”, provavelmente utiliza os dois termos como sinônimos. Segue, abaixo, um soneto de Angela do Amaral direcionado a Gomes Freire:

Illustre General... vossa excellencia,
Foi por tantas virtudes merecida
Que sendo já de todos conhecida
Muito poucos lhe fazem competencia.

Se tudo obraes por alta intelligencia
De Deus tendes, a graça adquirida,
Do monarca, um affecto sem medida
E do povo, uma humilde obediencia.

No catholico zelo a lealdade
Tendes vossa esperança bem fundada
Que na presente e na futura idade

Ha de ser a virtude premiada
Na terra com feliz serenidade
E no céu, com a gloria eternisada.
(AMARAL *apud* SABINO, 1996, p. 105-106, [sic]).

Conforme se verifica nos versos acima, há uma celebração do nome do general Gomes Freire, uma exaltação de suas virtudes e seus feitos para com o povo, o que corrobora com a fala de Alfredo Bosi acerca das academias literárias na Colônia. Em nota de rodapé, Sabino explica que teve acesso a todos os textos de Angela do Amaral, os quais se encontram publicados no Jornal **Jubilos de America**. Não há referência à data de nascimento da escritora, nem ao local. Sabino não traz mais dados sobre a sua biografia, apenas tece comentários sobre seu talento para as letras e expõe a condição de cegueira da escritora.

Já com a escritora Beatriz Brandão, Ignez Sabino traz detalhes de sua biografia. Nascida em Ouro Preto, em 27 de julho de 1779, filha do Sargento-mor Francisco Sanches Brandão e Isabel Narcisa de Seixas, apesar do desejo de ter uma educação formal, segundo Sabino (1996, p. 107, [sic]), seu pai “achava suficiente para a mulher o A B C da educação vulgar”. Assim, através de um amigo da família, Beatriz aprendeu os idiomas francês e italiano. Foi obrigada a se casar contra a vontade com um fidalgo (não há descrição de seu nome). No excerto a seguir, Sabino comenta a respeito das características que distinguem a mulher culta das demais, salientando que ela compreende tudo ao seu redor, mais que qualquer outra.

Para ella, as sensações são como nuvens de marfim ou de madrepérola que o artista rendilha, sem contudo macular-lhe a substancia.
Beatriz era por essa forma.
Foi por isso que as letras foram o seu único consolo; e, quando mesmo as crianças deixassem-n'a extenuada, ainda assim, estudava e tinha idéas *proprias*, o seu mais belo capital, que se não extorque, e do qual se não se póde apoderar qualquer pessoa (SABINO, 1996, p. 108, [sic]).

Sabino reforça a importância que exerce a instrução na vida de uma mulher, afirmando que o fato de Beatriz ter estudado e possuído ideias próprias representa sua maior fortuna, da qual ninguém poderia usurpá-la. Sobre a produção literária dessa escritora, há referência de que ela publicou alguns livros, tais como: **Contos da Mocidade**, **Lágrimas do Brasil**, **Odes**, **Canções**, **Cantadas**, além de um drama que, segundo a biógrafa, foi representado na

solenidade de coroação de Pedro I. Ainda faz parte de sua obra traduções para o italiano e o francês.

Como era grande o conteúdo de suas ideias, Sabino afirma que Beatriz também enveredou pela política e influenciava o resultado das eleições com seu posicionamento, a contragosto dos seus pais. Segundo aquela escritora, Beatriz deixou inéditas algumas obras, bem como letras musicais, tendo talento nessa área. Também atuou como professora. “Falleceu em 1860; foi socia de varias instituições litterarias e scientificas” (SABINO, 1996, p. 110, [sic]). Como ilustração de sua obra, Sabino traz um dos sonetos de Beatriz:

Vôa, suspiro meu!... vae diligente,
 Buscar os lares ditosos onde moa
 O terno objeto que a minh'alma adora,
 Por quem minha afeição, seu feito sente.

Ao meu bem, avezinha, docemente
 Não perturbes seu somno nesta hora,
 Em que o amante fiel, saudoso chora,
 Durma talvez pacifico e contente.

Aos ares que respira, te mistura.
 Seu coração penetra, nelle inspira,
 Sonhos de amor, imagens de ternura.

Apresenta-lhe a amante que delira,
 Em seu candido peito amor procura,
 Vê, se tambem por mim, terno suspira.
 (BRANDÃO *apud* SABINO, 1996, p. 111, [sic]).

Ignez Sabino, apesar de pouco referenciar as informações que traz sobre as escritoras presentes em **Mulheres Ilustres**, apresenta notas explicativas para afirmar que conheceu a escritora ou conversou com alguém que teve contato com ela etc. É o caso de Beatriz Brandão, que é citada como tendo sido professora de uma conhecida de Sabino.

Ao introduzir a descrição de Nísia Floresta Brasileira Augusta, Ignez Sabino sente-se empolgada pelo fato de escrever sobre uma brasileira tão notável no âmbito das letras como foi tal escritora. Assim ela inicia: “É-me impossível, ao escrever este nome, não sentir a vassalagem que o espirito rende ao talento culto como era o della. Não exagero; as suas obras ahi estão na Bibliotheca Nacional” (SABINO, 1996, p. 171, [sic]). Portanto, nota-se que a escritora de **Mulheres Ilustres** possuía consciência da importância que Nísia Floresta desempenhou para os estudos literários e, sobretudo, feministas brasileiros, tendo em vista que ela é considerada uma precursora do feminismo no Brasil.

Sobre a vida de Nísia Floresta, Sabino afirma que ela nasceu no Rio Grande do Norte, não apresenta a data, apenas o ano de morte, 1877, e o local, Nice¹², França, para onde foi com esposo e filhos em busca de maior espaço para “alargar seu grande talento”. Também informa que a escritora exerceu, no Brasil, o ofício de professora por muitos anos, em seu Estado de origem. Ainda no Brasil, devido ao contexto escravocrata e monárquico, proferiu conferências públicas, de cunho político, a favor da abolição e do fim da Monarquia. Por esse motivo, e outras questões conservadoras na época, ela começou a ser perseguida nos jornais, conforme afirma a biógrafa. Tal fato provocou sua ida à Europa. Sobre isso, Sabino (1996) afirma:

Eram preconceitos arraigados, mal compreendidos, por não se interpretar a bússola que guia a emancipação do espírito feminino, quando as sentenças do gênio fazem surgir do cérebro vários predicados honrosos, como o seu poemeto em versos brancos: – “A lágrima de um Cahité” (SABINO, 1996, p. 172, [sic]).

Partindo em defesa da escritora contra os preconceitos sofridos por Nísia no Brasil, Sabino exalta sua inteligência e talento, citando o poema indianista de Nísia Floresta, **A Lágrima de um Caeté** (1849), que obteve boa repercussão quando lançado, por tratar do drama do índio brasileiro frente à exploração do colonizador. Já na Europa, Sabino afirma que os livros de Nísia Floresta fizeram grande sucesso, tornando-a reconhecida e divulgada entre os intelectuais. Em análise de sua obra, a biógrafa afirma:

Ela por força havia provar que era brasileira; os seus primeiros livros, têm esse capitoso arôma que se infiltra no Brazil, sobre tudo na poesia do Norte. A litteratura feminina, quanto á mim, é muito subjectiva; tem em si um quê de original, sobre tudo a nossa, que não se confunde com outra qualquer (SABINO, 1996, p. 175, [sic]).

Conforme se percebe, Nísia Floresta foi uma das poucas mulheres escritoras do século XIX a serem reconhecidas ao longo de sua vida e também nos dias de hoje, no Brasil. A ida à Europa possibilitou-lhe maior abrangência de sua obra, bem como maior respeito à sua pessoa. Sabino afirma que grandes nomes frequentaram sua casa naquele continente, dentre eles Victor Hugo e Auguste Comte. Além de ter sido citada em grandes jornais, participou de corporações científicas e literárias, o que comprova seu prestígio nas rodas intelectuais. Dentre suas temáticas, Nísia Floresta abordava a situação da escravidão, denunciando sua

¹² Nelly Novaes Coelho, em **Dicionário crítico de escritoras brasileiras** (2002), afirma que Nísia Floresta faleceu em 24 de abril de 1885, em Ruon (França).

incompatibilidade com os ideais de civilização. Em trecho retratado por Ignez Sabino, Nísia afirma: “[...] a escravidão é a obra maldicta pela sciencia, pela religião e até pela politica. Ella embrutece a intelligencia do senhor, corrompe-lhe o coração e mais tarde até mesmo o proprio caracter” (FLORETA *apud* SABINO, 1996, p. 117, [sic]).

Posteriormente, tem-se Anna Lossio Seibnitz, nascida no Rio de Janeiro, dia 06 de novembro de 1830, e falecida em 1877. Sobre suas qualidades estéticas, Ignez Sabino ressalta uma característica: “não foi bonita”. O costume da época era apresentar as qualidades físicas das moças, a aparência, o jeito de se vestir. Como não podia deixar de reforçar o quão o sexo feminino foi alvo de censura, Ignez Sabino salienta: “Fidalga de origem, educaram-n’a com todas as virtudes do lar domestico, mas com todos os preconceitos de sua raça” (SABINO, 1996, p. 179, [sic]).

Dedicou-se à religião, talvez por alguma desilusão amorosa, conforme hipótese levantada por Sabino, após leitura feita de uma carta escrita por Anna Lossio para uma amiga. “Não o creias não, por tanto, chara Emilia, no que dizem os homens...” (SABINO, 1996, p. 181, [sic]). Entre suas obras, de cunho religioso, Sabino destaca **Historia do nascimento de Jesus Christo, O sagrado caminho da Cruz, Historia da vida de Maria Santissima** e os **Cantos Religiosos**. Segundo ela, a escritora colaborou em revistas e jornais, como **Correio Mercantil** e **Brasil Histórico**.

Essa tendência de Anna Lossio de escrever sobre temas religiosos, é justificada por Sabino, quando afirma que não se pode condená-la por isso, pois que ela escrevia buscando “a essencia da verdade”, era o que lhe impulsionava, isto é, a busca pelo bem maior, crença na justiça divina, dentre outras crenças.

Outra escritora inserida por Ignez Sabino em **Mulheres Ilustres** diz respeito à Baronesa de Mamanguape, embora a biógrafa não apresente informações acerca de seu nascimento, nem o local, apenas insere a data de quando a escritora faleceu, em setembro de 1891. Sobre sua atuação na escrita, Sabino afirma que ela publicou na **Gazeta de Notícias**, com pseudônimo de Carmen Freire, no período imperial brasileiro. Seu nome foi divulgado nos periódicos e logo alcançou certa fama. Era esposa de um membro da alta cúpula política, que lhe deu a coroa de baronesa, que “brilhou mais bellamente, em razão de unir ás perolas da sua corôa, os diamantes da sua fecundidade mental” (SABINO, 1996, p. 183-184, [sic]). Ao apresentar essa escritora, Sabino discorre sobre a inteligência da mulher, que, mesmo se não for reconhecida, é como uma flor que continua a exalar seu perfume, tornando-se rara. Segue abaixo seu comentário:

Uma mulher de talento, provoca, digamos aqui muito á puridade, uma certa impressão deliciosa em todos aquelles que se compenetraram do quanto vale o lume do cerebro; e se ella não accelera a fama, tornando-se ruidosa, então, é como um desses lyrios que nascem nas grotas á beira da estrada, mas cujo perfume approxima aquelles que adoram as flores raras... (SABINO, 1996, p. 184, [sic]).

A biógrafa ainda ressalta que a baronesa frequentava a grande sociedade devido à posição do esposo, porém, com a mudança de regime político para o republicano e a perda dos privilégios que possuía a família, ambos tornaram-se relativamente pobres, visto que o barão não teria mais o subsídio político, nem escravos, libertos pela lei de 13 de maio de 1888, que aboliu a escravatura no Brasil. Mesmo assim, as dificuldades financeiras não a impediram de seguir escrevendo e buscando a publicação de seus poemas, por isso ela decidiu publicar um livro, o qual Ignez Sabino afirma que teve acesso. Como não possuía recursos para iniciar a impressão, recorreu às pessoas que frequentavam seus salões nos tempos de bonança. Sobre esse processo, Ignez Sabino afirma:

É nessas condições que eu admiro-a como heroína, por arcar com o desprezo, (permitta-se-me a phrase), e irrisão até, que se lança á mulher que trabalha pela intelligencia, nesse humilde labor ainda não bem comprehendido, por não se levar a sério os trabalhos femininos que sahem da forja da imaginação, nessa febre sem cura que desespera, sobre tudo, quem, como ella, via a seu lado uma filha angelica e um filho para educar (SABINO, 1996, p. 187, [sic]).

Desse modo, nota-se a preocupação de Ignez Sabino acerca das dificuldades que eram impostas às mulheres que escreviam no Brasil de 1800 e, ao longo de seu texto, o desejo de influenciar as escritoras a continuarem lutando por seu espaço se faz presente. Por esse motivo, essa autora não se dedicou apenas a escrever seus textos literários, mas, além disso, ela aspirava por melhores condições para que outras mulheres pudessem adentrar por esse meio sem que, para isso, sofressem nenhum tipo de recriminação ou tivesse seus escritos diminuídos. A seguir, tem-se um exemplo, inserido na coletânea de Sabino, de um soneto da baronesa de Mamanguape:

A perola

Oh! tu que habitas entre os invios mares,
Perola rara de nitente alvura,
Copia divina de imortal candura,
Deusa occulta em marítimos altares.

Desprende-se dos nítidos collares,
 Transforma-te em humana creatura,
 Então, mulher, prodigio de esculptura,
 Como o teu amor afasta-me os pezares.

Sê tu o alento, o poderoso veio
 Que penetrando a curva do meio seio
 Torne a minh'alma ardente e venturosa.

E mostrando-me as formas peregrinas,
 Visão da noute, em sonhos côm de rosa,
 Vibra em meu seio inspirações divinas.
 (MAMANGUAPE, *apud* SABINO, 1996, p. 188-189, [sic]).

Ignez Sabino (1996, p. 188, [sic]), sobre a escrita da poetisa, afirma: “Os versos da baroneza de Mamanguape, eram doces, fluentes, harmoniosos, naturaes, sem com tudo darem margem a que se esperasse della esses poemas que ficam e se decoram, pois que não temos suficiente meio, para atrevidas expansões...”.

Um lamento é registrado ao introduzir o verbete sobre Délia, ou Maria Benedicta de Borghman, posto que, na notícia do falecimento de tão ilustre senhora, no Diário Oficial, foram apenas registradas as datas de nascimento e morte, 25 de novembro de 1853 e 15 de maio de 1896, respectivamente, “e nada mais!”, reclama Ignez Sabino. Assim, a escritora critica a falta de valorização do nome de Délia por não terem feito homenagens ou escrito textos sobre ela quando da sua morte.

Nascida em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Délia pertenceu a família de elevada posição social. Segundo a biógrafa, a escritora era “instruída, amante das artes, tocava regularmente piano, cantava com magnífica voz de meio soprano, desenhava e conversava elegantemente, alternando a phrase dúctil e scintillante, com as luzentes chispas de sua alma culta” (SABINO, 1996, p. 192, [sic]).

Ignez Sabino traz afirmações de que Délia colaborou para periódicos como a **Gazeta da Tarde** e **O Paiz**, lançando-se no meio literário a despeito dos obstáculos que enfrentaria tanto pela aceitação quanto pela rejeição do público e da imprensa pelo fato de ser mulher. Ela ressalta, também, que o romance **Lésbia** foi o seu melhor trabalho e que este se constitui como uma autobiografia – na visão da biógrafa –, na qual conta suas amarguras e ilusões. Sabino também cita **Celeste** e **Myladay**, afirmando que este fora trabalhado de forma esmerada, já aquele considerado um desastre.

No prólogo de **Lésbia**, Délia afirma: “É um monstro de orgulho o rei da criação, esse miseravel bipede sujeito á miseria, á dor e á morte, encerrando no fragil torax o mais sordido egoismo, á par de insensatas vaidades e tolos preconceitos” (DÉLIA *apud* SABINO, 1996, p.

196-197, [sic]). De acordo com Ignez Sabino, ao afirmar tal ideia, a própria autora estava a se retratar de forma despeitada, visto que a sociedade por ela frequentada a desdenhava, desacreditando dela. Finalizando, a biógrafa afirma: “A litteratura por em quanto entre nós, é mal compreendida sei, mas, se não obscurecer o merecimento da mulher escriptora, o nome da Délia, tem direito a ser lembrado” (SABINO, 1996, p. 198, [sic]).

Após fazer uma breve contextualização acerca da arte dramática, o teatro, ao redor do mundo, Ignez Sabino aborda a posição da mulher nesse gênero, também o situando no âmbito global até chegar ao Brasil. Citando Beatriz Brandão, cuja obra também perpassa pelo drama, ela afirma que a escritora Maria Ribeiro foi das que mais se destacaram nessa área. “Espírito culto, rodeiada pelo que havia de melhor entre os collegas do seu tempo que lhe frequentavam a casa, ensaiavam certames litterarios, experimentando as aptidões mentaes de cada membro” (SABINO, 1996, p. 202, [sic]).

Para confirmar seus argumentos, Sabino afirma que soube de tais informações por quem a conheceu intimamente. Segundo ela, havia uma espécie de jogo realizado entre a escritora e quem participava de suas reuniões, que consistia em eleger um tema para que todos discorressem sobre, o que quase sempre lhe dava o mérito das palmas. Sabino também afirma que, certa vez, Maria Ribeiro reuniu Machado de Assis, dentre outros escritores, em sua casa para ouvirem um de seus dramas, **Os cancros sociaes**, momento que lhe rendeu muitas admirações.

Mesmo sem trazer datas (de nascimento ou morte), Sabino afirma que Maria Ribeiro faleceu muito jovem, deixando cópias de textos originais. Também não traz trechos de sua obra, como fez com a maioria das escritoras retratadas, tendo em vista que era difícil o acesso a eles naquele período. Ela conclui o verbete imaginando um futuro em que a mulher escritora seja reconhecida pela sua arte, pois, só assim, seu trabalho de resgate de nomes das letras terá valido a pena.

Bárbara Heleodora da Silveira – outra escritora mencionada em **Mulheres Ilustres** –, mineira, poetisa, viveu no período colonial, século XVIII, e foi casada com o bacharel Ignacio José de Alvarenga Peixoto. Este foi preso por questões políticas, deixando-a só com os filhos, à mercê da sorte. Posteriormente, seus bens foram sequestrados pelo fisco. Mesmo sofrendo esses percalços, Sabino afirma que a poetisa escrevia conselhos para seus filhos, em forma de versos, que eles prontamente decoravam, como forma de educá-los. Segue trecho de um de seus ensinamentos aos filhos:

Meninos, eu vou dictar
 As regras de bem viver,
 Não basta somente ler,
 É preciso ponderar.
 Que a lição não faz saber,
 Quem faz sabios é o pensar.

Neste tormentoso mar,
 De ondas de contradicção
 Ninguém soletra feição
 Que sempre se ha de enganar,
 Das caras, aos corações,
 Ha muitas leguas que andar.

Sempre vos deveis guiar
 Pelos antigos conselhos
 Que dizem que a ratos velhos,
 Não ha modo de os caçar,
 Não boteis ferros vermelhos,
 Deixae um pouco esfriar.

[...]

(SILVEIRA *apud* SABINO, 1996, p. 216, [*sic*]).

Tendo tido dois filhos, mesmo em meio às circunstâncias tão terríveis que modificaram toda a sua vida, ela não deixou de cuidar da educação deles, conforme salienta Ignez Sabino e como se pode notar nos conselhos transcritos acima. Outro momento triste ainda abalaria sua vida, quando, em 02 de maio e 1792, seus filhos foram declarados infames, por meio de sentença, tornando-a ainda mais injustiçada.

A próxima escritora apresentada na coletânea de biografias de Ignez Sabino nasceu em 17 de junho de 1791, na estância do Pontal de S. José do Norte, Rio Grande do Sul. Delfina Benigna da Cunha é apresentada, em **Mulheres Ilustres**, como a segunda “Musa Cega”, tendo falecido em 1857. Filha de um capitão-mor, tornou-se cega por conta de uma epidemia de varíola que a atingiu, causando-lhe o problema. “Muito inteligente, a despeito da sua desgraça, principiou a ver com a vista interior, outro muno completamente novo para si” (SABINO, 1996, p. 220, [*sic*]). Em seus versos constam o desejo de ver a luz, posto que vivia na escuridão. Abaixo segue um soneto que aborda sua tristeza por não poder enxergar:

Vinte vezes a lua prateada
 Inteiro rosto seu mostrado havia
 Quando terrível mal que já soffria,
 Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céu e o sol sendo privada
 Cresceu a par de mim a magua ímpia
 Desde então a mortal melancolia

Se viu no meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a natura
E a fortuna cruel sempre commigo
Me negou toda a sorte de ventura.

Nem sequer um prazer breve consigo,
Só para terminar minha amargura,
Me aguarda triste e sepulcral jazigo.
(CUNHA apud SABINO, 1996, p. 223-224, [sic]).

Abordando, principalmente, tristeza em seus versos e a ausência de visão, a poetisa teve seu nome conhecido do público. Perdeu seus pais e se viu impelida a solicitar ajuda de Pedro I, que lhe deu uma pensão anual em reconhecimento pelos serviços que o pai prestou à nação, de acordo com Ignez Sabino. Foi para o Rio de Janeiro, onde contou com a ajuda de Beatriz Brandão, também escritora e já mencionada anteriormente neste estudo.

Comparando Corina Coaracy com Nísia Floresta e Revocata de Mello, Ignez Sabino afirma que aquela escritora foi uma das que mais se sobressaíram entre as letras femininas do seu tempo. Apesar de não ser brasileira, de acordo com Sabino, ela seria um grande nome na literatura americana. Nascida em 18 de abril de 1858 e falecida em 21 e março de 1892, trabalhava como professora particular, fazia traduções que mandava para jornais, sujeitando-se a pagamentos mesquinhos, conforme afirma Sabino. Era filha de um cônsul americano que atuava no Rio de Janeiro. Ignez Sabino não menciona o nome do esposo de Corina, apenas cita que:

Com o marido, collaborou no drama historico *Moema*, que foi levado á scena e sempre a trabalhar, escreveu tambem na *Cidade do Rio*, no *Correio do Povo*, e depois n’*O Paiz*, na secção de chronista, onde semanalmente no seu – A Esmo – sahidos aos domingos, apreciava-se a sua fórma de dizer, narrando factos semanaes politicos, ou não (SABINO, 1996, p. 231, [sic]).

Não há trechos de textos escritos por Corina em **Mulheres Illustres**, apenas descrições da autora sobre a postura dela diante dos obstáculos, visto que continuava a escrever a despeito das opiniões contrárias que tentavam desacreditar a mulher que escreve.

Em **Mulheres Illustres**, Gracia Hermelinda é apresentada como uma jovem filósofa, um fenômeno para sua idade – dezessete anos –, que recebeu excelente educação literária do pai, José Raymundo da Cunha Mattos. Sendo a filosofia antiga baseada no estudo da natureza e de Deus, que, Segundo Ignez Sabino, era ensinada pelo professor Marquez de Maricá à jovem filósofa, para que ajudasse seu pai na escrita de **Memórias**. Publicou o livro, recebido com mau gosto pela crítica apenas para:

[...] depreciar-se tudo que vêm de uma penna, convicta, embora como a della, simplesmente por se julgar que esta questão de prhenologia tão aprofundada, e que tem o seu lado forte e o seu lado fraco, ponha as aptidões da mulher déz polegadas abaixo da do homem, como se celulas de mais, se celulas de menos, obrigasse o talento a reconhecer sexos (SABINO, 1996, p. 242, [sic]).

Vê-se que Sabino possuía consciência de que as críticas às obras de autoria feminina davam-se, quase exclusivamente, com o intuito de desmerecer a atuação feminina na literatura, ignorando o fato de a obra possuir ou não qualidade. Caracterizando Gracia como a primeira filósofa brasileira, a escritora transcreve um trecho contido no livro citado: “Queira Deus que outras meninas brasileiras mostrem ao publico o fructo dos seus estudos, para darem principio a uma palestra literaria, que, aproveitando e instruindo as pessoas do nosso sexo, dê mais realce aos salões, frequentados pela mais escolhida e virtuosa sociedade. (GRACIA *apud* SABINO, 1996, p. 243, [sic]). Grácia tinha a esperança de que as mulheres letradas seriam agraciadas pelo reconhecimento, mas Sabino comenta que seria difícil, já que não existiam meios para que tal fato se tornasse realidade, tão pouco incentivo.

Albertina Diniz, outra mulher das letras retratada por Ignez Sabino, aos dezesseis anos já era instruída e ilustradora – conforme menciona a biógrafa. Sua mãe, Senhorinha Diniz, era professora e proprietária do jornal **Sexo feminino**, do qual Albertina colaborava. Mineira, com sua mãe viúva, trabalhava para auxiliar as despesas da casa. Atuou como tradutora do jornal de modas **A Estação**, quando publicava em francês. Quando não estava trabalhando, estudava e escrevia em prosa e em verso.

Mesmo debilitada, continuava a trabalhar e escrever. Sabino traz como exemplo de suas obras **Rosas de Maio** (não encontrada pela biógrafa, assim como outros trabalhos seus, pois foram perdidos num desastre, explica Sabino), poesia, e **Margarida**, literatura dramática. “Ella foi entre nós uma heroína obscura, virtuosa e meiga, cujo talento não teve sincero apoio e precisava viver mais, para fortificar-se” (SABINO, 1996, p. 250, [sic]).

Antes de concluir seu importante trabalho de resgate de nomes femininos que contribuíram para as letras brasileiras, além de outras áreas, Ignez Sabino traz, em **Mulheres Illustres**, um capítulo intitulado **Mais quatro poetisas**. As duas primeiras são do Rio Grande do Sul, Revocata dos Passos e Mello e Amalia Figuerôa. A escritora afirma que as duas poetisas escreveram muito e deixaram um nome invejável em seu estado. A segunda, conforme cita Sabino, deixou o mundo muito cedo. É dela o seguinte poema:

Esperança

Como na moita de espinhos
 Desabrocha o branco lyrio,
 Assim a esperança em nossa alma,
 Alveja mais no martyrio:
 Branca luz que só se apaga
 Á luz pallida do cirio!

A esperança com as dôres
 Sempre vai-se entrelaçar;
 No proprio pranto ella brilha,
 Como um pharol sobre o mar.
 – Flôr que nasce no rochedo
 E que a chuva faz brilhar.

Assim na idéa a illusão
 Vai mil quadros desdobrar;
 E, quando a realidade
 No chão os faz desabar,
 Resta Deus! – E a esperança
 Nos manda para o céo olhar.

E passa a vida... o destino
 Não muda o que decretou!
 As flores nascidas hontem
 O sol de hoje as murchou...
 Só a esperança persiste,
 Luz que jámais se apagou!
 (FIGUERÔA *apud* SABINO, 1996, p. 272, [*sic*]).

Nota-se um tom melancólico nos versos acima transcritos da poetisa Amália Figueroa, embora o eu lírico defenda a esperança, agarrando-se à religião como forma de continuar acreditando que os problemas se resolverão. Em seguida, Ignez Sabino comenta sobre uma poetisa que começou a escrever ainda muito jovem, aos treze anos. “Laura Carolina, artista, nervosa, sensível, alma aberta às grandes emoções, edição rara no seu sexo, tinha em si a musica dulcissima da poesia, em periodos de entusiasmo e de tristeza” (SABINO, 1996, p. 273, [*sic*]). Segundo a escritora, Laura amava um jovem sonhador, romance não aceito por sua família, fato que a abalou psicológica e fisicamente. Sabino deixa pistas de que a poetisa teria falecido muito cedo, mas não deixa explícita a data. Segue, abaixo, trecho de um de seus últimos versos (como afirma Sabino):

Meu coração

(A. A. F.)

Não vêdes a flôr mimosa
Que se ostentava garrida?
Se alguém na haste lhe toca,
Como ella fica pendida

Não vêdes o cedro altivo
Curvar o tronco ao tufão,
E depois, como o captivo,
Roçar a fronte no chão?

Não vêdes a sensitiva
Cujas folhas delicadas,
Té no halito d'uma diva
Retrahem-se agastadas?

Assim pois – meu coração –
Sensitiva, cedro e flôr,
Todo altivez e ternura,
Só precisava d'amor!

[...]

(CAROLINA *apud* SABINO, 1996, p. 274, [*sic*]).

Em seguida, a última poetisa a ser apresentada por Ignez Sabino é Maria Helena da Camara Andrade Pinto, nascida em Rio Grande do Sul. Frequentava a alta sociedade e educava sua filha única com tão boa instrução quanto recebeu dos pais. Sabino comenta que ela escrevia comédias, tanto em prosa, quanto em versos, para Alice, sua filha, que recitava para as amigas. Tais escritos só vieram a público quando o esposo de Maria Helena ficou doente e sua filha resolveu recitar alguns versos escritos pela mãe, arrancando elogios dos presentes.

A Liberdade

Com o mundo nasceu a fada peregrina:
O giro de seu vôo, se estende á immensidade,
Não tem patria, nem leis, abrange o mundo inteiro,
Aspira ao infinito; seu nome é – Liberdade.

É sempre bela e nobre: ás vezes pavorosa,
Ruge como a panthera que luta fraticida,
E a mão que arranca os ferros de misera opprimido
Quebra o sceptro dos Reis e os leva de vencida

Ou grande e soberana nas margens do Ypiranga,
Ou meiga e carinhosa na mente do galé.
A dilecta de povo arrasta em suas vestes

O porvir das nações e o symbolo da fé.

Mas, quando fatigada das luctas gigantescas,
Ao mais modesto lar se acolhe a Liberdade,
O misero captivo, transforma em homem livre,
A fada muda o nome, e o nome é – Caridade!...
(PINTO *apud* SABINO, 1996, p. 277-278, [*sic*]).

A poetisa ocultava seus escritos devido à posição de ministro do esposo (período monárquico) e os oferecia apenas à família. Porém, um amigo, tendo conhecimento deles e notando sua qualidade, insistiu para que fossem publicados, o que ocorreu de fato. Sabino afirma que teve acesso ao volume, de título **Violetas**, por intermédio da própria Alice, a quem as comédias eram dedicadas. Além disso, a filha lhe confessou que, cumprindo a vontade da mãe, não publicaria os demais trabalhos que possuía.

E assim são concluídas as duzentas e oitenta páginas de estudo feito sobre as mulheres brasileiras que viveram desde o período colonial até o século XIX, empreendido por Ignez Sabino em seu desejo de “resuscitar, no presente, as mulheres do passado que jazem obscuras” (SABINO, 1996, p. IX, [*sic*]).

4 DICIONÁRIOS DOS ÚLTIMOS DOIS SÉCULOS E O LEGADO DE IGNEZ SABINO

O nosso objetivo é exatamente este: o de mostrar que elas [as mulheres escritoras] existiram, que se rebelaram contra o papel “natural” que lhes foi sempre assinalado – o de confinamento à vida doméstica – e desejaram ter suas vozes ouvidas.¹³

Compreender a importância do dicionário **Mulheres Ilustres do Brasil** (1996), de Ignez Sabino, para a consolidação dos estudos sobre as escritoras do século XIX, sobre quem foram essas mulheres, suas origens, sobre o que escreveram, é fundamental para se traçar um panorama da literatura de autoria feminina na formação da literatura nacional. Isso porque esse foi um trabalho de pesquisa pioneiro no âmbito de gênero, visto que as obras publicadas anteriormente eram de autoria masculina e, em grande parte, tratavam de escritores homens, enquanto o dicionário de Sabino versa, exclusivamente, sobre mulheres, desde a época colonial até o século XIX.

Para se ter uma ideia do quanto tal obra influenciou os estudos críticos sobre literatura feminina, é só fazer uma observação acerca das referências e citações a Ignez Sabino e seu dicionário nas obras posteriores que se dedicaram à escrita sobre vida e obra de diversas escritoras brasileiras até o século XIX. E o que todos esses estudos têm em comum é o desejo de valorização da escrita feminina e do esforço por elas empreendido para fazer valer a sua voz em um contexto patriarcal e segregador.

Isso posto, nesta seção, serão elencadas as escritoras apresentadas por Ignez Sabino e inseridas nas coletâneas e dicionários posteriores, escritos por mulheres nos séculos XX e XXI. Além disso, trar-se-á um tópico sobre a presença das próprias organizadoras/autoras nos dicionários de cada uma delas, a fim de se observar se, entre essas escritoras, também se estabeleceram redes colaborativas de divulgação de seus escritos.

4.1 Tecer para preservar a memória: Dicionários femininos após Ignez Sabino

Maria da Conceição Pinheiro Araújo (2008) inicia seu capítulo **Por onde vai a teoria** abordando o conceito de rede e inserindo-o no contexto do século XIX, mais precisamente no modo como as escritoras criaram redes de colaboração com o intuito de fortalecerem a

¹³ MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 19, explicação nossa.

atuação delas no meio literário, bem como de se apoiarem nessa empreitada tão cheia de empecilhos que foi o fazer artístico no período oitocentista. De acordo com a pesquisadora, essas redes foram formadas de modo estratégico e se consolidaram, sobretudo, através de jornais femininos criados, dirigidos e escritos por essas escritoras e, segundo Maria C. P. Araújo (2008):

[...] a complexa rede buscava legitimidade no espaço social e literário e envolvia mulheres com interesses compartilhados. Unidas por idéias, valores, crenças e outras formas de conhecimentos comprometidas com a reciprocidade, muitas vezes, as mulheres se encontravam geograficamente dispersas, mas determinadas a alcançar objetivos que, provavelmente, estando isoladas, não conseguiriam (ARAÚJO, M., 2008, p. 23).

Isso se explica pelo fato de esses jornais femininos terem recebido contribuição de textos de autoras que residiam em diferentes estados brasileiros, como é o caso do periódico **Escrínio**, fundado por Andradina de Oliveira, que possuía colaboradoras de diferentes lugares do país, além de estabelecer relações entre outros periódicos do Brasil, conforme ressalta Rita Terezinha Schmidt (2004). Cabe salientar, ainda, o fato de essa rede ter atuado no amparo entre as mulheres, quando alguma delas sofria qualquer percalço, como o financeiro, por exemplo. Exemplo disso é Delfina Benigna da Cunha, oriunda do Rio Grande do Sul, que, após ter perdido os pais e decidido ir residir no Rio de Janeiro, contou com a ajuda da poetisa Beatriz Brandão, que morava nessa cidade, conforme informações apresentadas por Ignez Sabino (1996). “Nesse sentido, a estrutura em rede funcionou como um importante canal de comunicação entre as mulheres, solidificado pelas trocas de informações (transmitir/receber/repassar)”, afirma Maria C. P. Araújo (2008, p. 23), que ainda salienta: “A compreensão de rede [...] pode ser entendida, principalmente no século XIX, como estratégia de sobrevivência feminina no espaço social, ampliado para o espaço acadêmico”.

Desse modo, percebe-se que as redes de colaboração existem há muito tempo e funcionam como suporte para que as pessoas estabeleçam laços de solidariedade em prol de uma ajuda mútua. Maria C. P. Araújo (2008) ainda chama atenção para a importância das redes no âmbito acadêmico, visto que, para se realizar uma pesquisa, faz-se necessário o apoio de instituições e pessoas diversas, a fim de se conseguir os materiais e informações necessários à conclusão dela no prazo estabelecido.

Destarte, dando seguimento à ideia de redes, discutir-se-á, a seguir, a presença das escritoras do século XIX que figuram em verbetes dos dicionários publicados após **Mulheres Ilustres do Brasil** (1996), bem como a menção às próprias autoras dos dicionários nessas

coletâneas – em seção posterior –, o que possibilita investigar a importância dessa obra de Ignez Sabino como fonte de informações e, sobretudo, como pontapé inicial para a busca e o resgate de nomes femininos que atuaram na literatura brasileira e ficaram à margem da historiografia oficial.

4.1.1 “A mulher rio-grandense: escritoras mortas” (1907), Andradina de Oliveira¹⁴

Publicado no início do século XX, o livro **A mulher rio-grandense: escritoras mortas** (1907), em sua primeira série, retrata as escritoras oriundas do Rio Grande do Sul que já se encontravam falecidas quando da sua publicação. Sua autora, Andradina de Oliveira, afirma que o objetivo, com tal estudo, era o de tornar conhecido o trabalho feminino em seu estado, “onde a natureza cerca o homem de um cenário apropriado às grandes idéas e às grandes acções” (OLIVEIRA, 1907, p. 7, [sic]), mas à mulher não era possibilitada a mesma sorte.

Na introdução, Andradina (1907) faz uma espécie de panorama acerca das publicações anteriores à sua que versam sobre as mulheres escritoras. Cita o livro de Norberto da Silva, também mencionado por Ignez Sabino em **Mulheres Ilustres do Brasil**, além de fazer referência a este último como um “formoso volume”. Afirma, porém, que desconhece qualquer outro volume que tenha como enfoque a escrita feminina. Ressalta que nesses dois livros (o de Norberto e o de Sabino) há pouca presença de escritoras rio-grandenses. A autora justifica que isso se deve ao fato de nenhum dos dois escritores serem originários de tal região geográfica, por isso não teriam como dar conta de todas as que escreveram no Estado. Outro ponto que merece destaque trata-se da dificuldade em obter informações sobre essas escritoras que escreveram no século XIX, já que elas muito produziram, mas foram invisibilizadas.

Ao discorrer sobre o processo de composição do livro em estudo, Oliveira (1907) demonstra que tem consciência de que seu trabalho não contempla, em números exatos, todos os nomes de mulheres que usaram a pena para compor suas ideias. Ainda sobre as dificuldades de se fazer um trabalho extenso como esse, ela chama as pessoas, que eventualmente se deem conta de lacunas na obra em questão, para que entrem em contato com ela e, em uma edição futura, o nome faltoso conste da obra revisada – o que lembra a rede criada por Zahidé Muzart para a construção de sua pesquisa sobre mulheres escritoras do século XIX. Essa preocupação de Andradina de Oliveira com os nomes das autoras, o receio

¹⁴ Nascida em Porto Alegre, em 1859 e falecida em São Paulo, em 1935. Sobre sua atuação, consta que foi “professora, contista, romancista, poetisa, biógrafa, dramaturga, jornalista, conferencista, feminista”, segundo Flores (1999, p. 382).

de deixar alguém de fora do livro, evidencia a seriedade da autora para com o trabalho de recuperação da memória dessas mulheres que atuaram em seu tempo, mas que não são ou foram reconhecidas por isso. Sobre elas, Oliveira (1907) afirma:

Bela, forte, intelligente, enthusiastica, compassiva e bôa, ella hoje, sob o influxo benefico do feminismo, começa a se salientar na esphera da actividade social. E no jornalismo, e no magisterio, e no commercio, e no fôro, e no telegrapho, e no telephono, e nas artes, e nas sciencias, ella vae buscando, muito dignificadamente, a independencia moral no fructo do trabalho honesto, encorajada na lucta pelo pão, afim de quando faltar-lhe, um dia, o braço masculino, ou do pae, ou do irmão, ou do marido, ou do filho, não ser preciso, para matar a fome, atirar-se ao tenebroso abysmo do vicio!

Nos bancos das nossas academias vão surgindo formosas cabeças femininas, avidas de luz!

É que a bastilha dos preconceitos ridiculos está, aqui, se derrocando. A mulher riograndense procura quebrar as algemas do carrancismo desta educação retrograda, oriunda de um convencionalismo primitivo (OLIVEIRA, 1907, p. 13-14, *[sic]*).

Ao falar das características das mulheres rio-grandenses, Oliveira (1907) elabora um discurso voltado para a valorização da mulher, enquanto sua própria mantenedora, isto é, a mulher, a partir da vertente feminista, que se fazia presente no início do século XX, já havia começado a se inserir socialmente no mercado de trabalho, exercendo atividades profissionais em diversas áreas, como o jornalismo e o magistério. Tudo isso em busca de independência, o que lhe garantiria a sobrevivência quando lhe faltasse um homem em casa, conforme afirma a autora.

Oliveira (1907) é bastante consciente acerca do lugar da mulher na sociedade da época, ainda sob a égide de muitos preconceitos e valores patriarcais. Salienta que elas já estavam se inserindo nas academias, algo a se comemorar, visto que tal ingresso era exclusividade masculina até certo tempo. Afirma, ainda: “A autora da redempção do sexo appellidado fraco já assoma no horisonte!” (OLIVEIRA, 1907, p. 14, *[sic]*). Tal consideração aponta a clareza da autora no que diz respeito à visão que a sociedade conferia à mulher, como sendo frágil e, conseqüentemente, incapaz de exercer atividades que seriam atribuídas apenas aos homens, por exemplo.

Nesse sentido, sobre as autoras rio-grandenses arroladas por Oliveira (1907), tem-se a primeira a ser discutida, que é Amália Figueirôa, da qual Ignez Sabino também tece considerações, mas não apresenta muitas informações, pois essa poetisa consta no mesmo verbete que outras três escritoras, sem que sejam apresentados detalhes mais elaborados sobre

sua biografia. Já Oliveira (1907) traz maiores características de sua biografia. Informa a data de nascimento, que seria dia 31 de agosto de 1846. Também afirma que a poetisa em questão possuía o pressentimento de que viveria pouco e tal sentimento era retratado em seus versos, conforme se percebe no seguinte trecho:

As suas plangentes produções nos fazem crêr que passou pela terra incompreendida... Sem encontrar a desejada alma irmã pela estrada de encantamentos que vae ter á região azul do Sonho, os seus versos, esparsos nos jornaes da epocha em que floresceu o seu delicado talento, são todos repassados de um dolorido pessimismo que magôa o coração (OLIVEIRA, 1907, p. 33, [sic]).

De acordo com a autora, Amália Figueirôa se ausentou do meio social e faleceu no dia 24 de setembro de 1875. Deixou, publicado em 1872, o livro **Crepúsculos**, contendo o prefácio do poeta Apolinário Porto Alegre, um grande nome das letras rio-grandenses.

Outra escritora apresentada por Oliveira (1907) é Delfina Benigna da Cunha, cujas informações são condizentes com o que nos apresenta Ignez Sabino (1996), principalmente devido ao fato desta escritora ter sido uma pioneira na escrita de dicionários femininos. Oliveira (1907), assim como faz Sabino, também insere alguns poemas ou trechos deles ao longo da explanação acerca da vida e obra da autora retratada.

Consta como data de nascimento o dia 17 de junho de 1791, em S. José do Norte (RS). Há também a informação de que, aos vinte meses de idade, a poetisa foi acometida de varíola e tornou-se cega, fato que refletiu no teor de seus versos. Outro acontecimento que marcou a vida de Delfina foi a perda dos pais, deixando-a desamparada emocional e financeiramente. Porém, tendo sido, o pai, capitão do Império, ela pediu ajuda, em forma de soneto, a D. Pedro I, que lhe amparou com uma pensão vitalícia. Oliveira (1907) insere o soneto em seus escritos sobre a poetisa.

De acordo com a autora, Delfina encontrou-se, no Rio de Janeiro, com o poeta português A. F. de Castilho, que recitou alguns poemas para ela. A autora também informa que a poetisa rio-grandense viajou para a Bahia, após ter fixado residência no Rio de Janeiro e depois retornou para esta cidade, onde faleceu, em 13 de abril de 1857. Deixou uma grande produção, para a época, tendo colaborado na imprensa, com seus versos, e publicado algumas obras, como: **Poesias**, em homenagem às senhoras rio-grandenses, 1834; **Poesias**, para as mulheres brasileiras, 1838; **Coleção**, de poesias dedicadas à Imperatriz, 1846.

Délia, pseudônimo de Maria Benedicta de Camara de Bormann, nascida em 25 de novembro de 1853, em Porto Alegre (RS) é apresentada por Oliveira (1907) como uma

“notabilíssima intelectual” rio-grandense. A autora ainda afirma que sua inteligência e perspicácia desde cedo foram notadas, embora a revelação como escritora tenha se dado mais tarde, sendo reconhecida e prestigiada em seu tempo. De acordo com a autora, Maria Benedicta assumiu o nome de Delia após se divorciar de seu tio, o Dr. José Bernardino Bormann, com quem se casou.

O Rio Grande do Sul tem sido fértil em poetisas; as prosadoras, porém, são muito mais escassas, e dentre ellas *Delia* se destaca pela sua feliz observação, pela apurada roupagem da phrase, pela perfectibilidade do seu trabalho. Foi romancista não por um mero capricho ou simples sympathia por esse difficil genero literario; foi romancista por uma fatalidade psychologica, quasi diremos por uma necessidade do seu temperamento [...] (OLIVEIRA, 1907, p. 52, [sic]).

Como muitas escritoras de sua época, Délia colaborou bastante na imprensa. Conforme informação de Oliveira (1907), desde 1880 até a sua morte, que se deu em 23 de julho de 1895, no Rio de Janeiro (RJ), onde estava residindo. Seu romance de maior sucesso e mais conhecido, hoje, é **Lésbia** (sem data informad). Também publicou **Aurélia**, 1883; **Uma vítima**, **Duas irmãs**, **Magdalena**, 1890; **Celeste**, 1893, dentre outros.

Maria Helena da Camara Andrade Pinto não possui a descrição de sua data de nascimento e de morte por Oliveira (1907). Esta traz informações condizentes com as apresentadas por Ignez Sabino em **Mulheres Ilustres**, obra citada no verbete sobre Maria Helena.

A poetisa escreveu diversos poemas, os quais foram reunidos num livro intitulado **Violetas**, cuja circulação restringiu-se ao seu círculo de amizade. Também escreveu textos em prosa, comédias, mais especificamente, os quais tinham como leitora exclusiva sua única filha, Alice, a quem dedicava seus escritos. Tendo falecido de tuberculose, havia solicitado à filha que jamais publicasse seus escritos dedicados a ela.

Retratada por Andradina de Oliveira (1907, p. 27, [sic]), Revocata dos Passos Figueirôa e Mello é descrita como uma mulher “de esmerada educação, muito talentosa e ilustrada”. Consta que ela era figura importante na sociedade rio-grandense de sua época, por sua inteligência conhecida por todos. Irmã da poetisa Amalia Figueirôa, suas duas filhas também seguiram os passos da mãe e da tia, Revocata Heloísa de Mello e Julieta de Mello Monteiro, enveredando pelos versos líricos e pela prosa.

Não constam as datas de nascimento e morte da escritora Revocata dos Passos, mas Oliveira (1907) afirma que ela faleceu ainda jovem, deixando esposo e filhas desolados. Para

concluir o verbete, a autora desse dicionário traz o poema **Crepúsculo**, cujos trechos seguem abaixo:

Era uma tarde tão fria!
 Descera ás vagas o sol;
 Tingia os véos do poente
 Aureo purpureo arrebol!

[...]

E vinha a onda travessa,
 Esquiava á praia beijar;
 Vinha cicios da brisa
 A meus ouvidos falar.

E vinha a terna harmonia
 Do canto de um pescador,
 N'um echo doce, plangente,
 Falar de passado amor.

[...]

Tudo falava á minha alma
 D'aquela folha tão cara
 Do livro da minha vida,
 Que a mão do fado rasgara.

Recordações e saudades,
 De tardes que já passei;
 Da minha quadra de rosas,
 De quanto sonho idêei!

Mas, oh! Crepusculo da tarde
 Côou-me as veias teu gelo!
 Tu declinas e eu tambem
 Já trago da morte o sello!

Amanhã sombras aurentas
 Surgireis de novo á vida,
 Mas eu da morte no leito
 Não serei jamais erguida!

Adeus! oh! tardes de encantos
 – Ventura crepuscular! –
 Nunca mais sonhos e risos
 Verei á tarde voltar...

(MELLO *apud* OLIVEIRA, 1907, p. 28-29, [*sic*]).

A partir do teor dos versos acima apresentados, percebe-se o estado de espírito do eu lírico, o que pode indicar que a poetisa estava a se despedir da vida, tendo em vista que

Oliveira (1907, p. 29) afirma ter sido esse poema talvez “o derradeiro canto da sentimental poetisa”. Com essa poetisa Andradina de Oliveira (1907) conclui seu primeiro (e único) volume da série de escritoras rio-grandenses.

4.1.2 “Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX” (1989), Maria Thereza Caiuby C. Bernardes¹⁵

Na introdução do livro **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – Século XIX, Maria Thereza Caiuby C. Bernardes (1989) aborda a presença feminina nos estudos sobre a sociedade brasileira desde os primórdios de sua formação. Em quase unanimidade, os estudiosos realizaram pesquisas e publicaram livros em que retratam a mulher brasileira desempenhando papéis subalternos em relação aos homens, enquanto outros já abordam certa atuação feminina no meio social, como na imprensa. Nesse sentido, Bernardes (1989) chama atenção para o propósito do seu trabalho no livro em questão:

A situação feminina, apresentada de forma às vezes contraditória pelos autores, revelou uma grande distância entre o mundo do homem e o da mulher, de modo a permitir certas dúvidas sobre seu papel inteiramente subordinado e passivo, limitado ao domínio do lar e da festa. Haveria entre as mulheres uma submissão sem protestos? (BERNARDES, 1989, p. 10).

A partir dessa indagação, Bernardes (1989) afirma que se preocupou em investigar, a partir do conhecimento acerca das mulheres que participaram das letras brasileiras, qual a quantidade delas e quais seus pontos de vistas a respeito dos problemas que atingiam o sexo feminino. Desse modo, a primeira parte do seu trabalho compõe-se da versão dos homens sobre o papel da mulher na sociedade, em que são inseridos trechos de obras literárias como forma de ilustração. O século XIX foi o escolhido como recorte.

Com a mesma proposta da seção anterior, na segunda parte do livro tem-se a abordagem da atuação feminina em sociedade sob o ponto de vista das próprias mulheres. Há trechos de textos publicados pelas mulheres na imprensa, com ênfase para os jornais femininos. Assim, a partir da atividade jornalística dessas mulheres oitocentistas em diversas partes do Brasil, mais concentradamente no Rio de Janeiro (RJ), percebe-se o quão organizadas elas eram e como elas formavam redes colaborativas no intuito de fortalecerem seus espaços de atuação.

¹⁵ Nascida em Rio Claro (SP), em 1927. É descrita como socióloga e escritora (FLORES, 1999).

Assim, para realizar seus trabalhos, formavam grupos variados jornais, desde os de discussão da matéria a ser publicada até os mais amplos abrangendo colaboradoras que moravam longe da corte. Mantinham também articulação com outros periódicos, alguns deles femininos, que muitas vezes faziam menção a suas atividades.

Esses dois pontos vêm mostrar que grupos de mulheres, com liderança própria, iam conquistando auto-afirmação e reconhecimento público do direito de manifestação das próprias idéias numa época de tantas restrições ao papel feminino, voltado quase exclusivamente ao lar (BERNARDES, 1989, p. 112-113).

Tais aspectos, apontados por Bernardes (1989), evidenciam uma resposta àquilo que ela pontua em sua introdução de **Mulheres de ontem?**, isto é, muitas mulheres que viveram no período segregador, em muitos aspectos, do século XIX, lutaram por espaço de afirmação de suas opiniões e fizeram ouvir suas vozes através dos jornais, principal meio de circulação de ideias da época.

Baseando-se nos jornais fundados e dirigidos por mulheres, bem como voltados para a defesa de seus interesses, Bernardes (1989) destaca trechos escritos por essas escritoras acerca da condição da mulher em sociedade. Para isso, faz um recorte do período de 1852 a 1890 dos jornais cariocas. Os periódicos selecionados foram: **O Jornal das Senhoras, Belo Sexo, O Sexo Feminino, A Mulher, A Família e Eco das Damas**.

Tratando de diversos assuntos, a seleção dos trechos de textos publicados nos respectivos jornais traz alguns escritos por Ignez Sabino. O primeiro deles diz respeito ao anúncio de uma atividade inovadora desempenhada por alguém do seu sexo, publicado em **A Família**, Rio de Janeiro, em 14 de agosto de 1890. Trata-se da primeira escultora brasileira, Thereza Barbosa, de quem Sabino teve contato e apreciou sua arte. “Eu saúdo com efusão a nossa primeira escultora, fluminense por nascimento, porém italiana pelo coração, pela percepção desses requintes exquisitos d’arte, inspirados na bela pátria de Petrarca [...]” (SABINO *apud* BERNARDES, 1989, p. 119, [*sic*]).

Em outro texto, publicado no mesmo periódico, em 16 de janeiro de 1889, Ignez Sabino questiona um assunto bastante polêmico para a época, o direito ao voto pela mulher, o qual se somou ao direito de ser votada, reclamado pelas demais escritoras.

Em Minas um acórdão disparatado dos membros da Relação, após uns *considerandos* fora de propósito nega às pretendentes o direito que é concedido a todo o ser pensante e racional só porque em vista dos *costumes* fazerem *leis* a mulher deve submeter-se à inação caseira, imitando as nossas analfabetas avós! (SABINO *apud* BERNARDES, 1989, p. 151).

Outro importante tema discutido pelas intelectuais oitocentistas, nos jornais, diz respeito à importância do estudo para a conquista da emancipação feminina. Nesse ponto Ignez Sabino era uma das principais defensoras, tendo escrito, no jornal já mencionado anteriormente, em 16 de janeiro de 1890: “À vista dos fatos, temos necessidade, nós mulheres, de aderirmos às leis e fenômenos da inteligência; temos precisão de entrar nas grandes batalhas oriundas do estudo e das meditações [...]” (SABINO *apud* BERNARDES, 1989, p. 154).

As escritoras, ao tratarem de alguns temas conservadores, não iam de encontro aos posicionamentos vigentes. Um dos motivos para tais atitudes pode ter sido estratégia continuar publicando seus textos mais reivindicatórios, sem que tenham sido impedidas por escreverem ideias totalmente contrárias os costumes da época. Dentre elas, destaca-se Ignez Sabino, que, no mesmo jornal em que publica textos reivindicatórios por direitos femininos, escreve sobre o papel da esposa para a manutenção do casamento, em **Conselhos a uma noiva**, em que, praticamente, impõe à mulher o dever de prender a atenção do seu esposo: “Procura vestir-te faceira, adivinhando qual o vestido e a cor que ele mais –¹⁶ para assim não arredar os encantos que em ti ele encontrou quando solteira” (SABINO *apud* BERNARDES, 1989, p. 169).

Além disso, Sabino chama a atenção para as brigas conjugais: “Se zangado por qualquer circunstância na qual não hajas tomado parte, ele for ligeiramente incrível para contigo, mostra-te magoada mas nunca lhe faças represálias” (SABINO *apud* BERNARDES, 1989, p. 169, [sic]). Isso é passível de entendimento na medida em que tais textos seriam lidos pelas diversas esposas nos lares conservadores de homens da sociedade, os quais não aceitariam que elas tivessem contato com ideias que fossem contrárias ao que era pregado pelo patriarcado. Outro fato que merece ser mencionado são esses “conselhos” que as escritoras escreviam para suas leitoras, os quais corroboram com a ideia de uma escrita feminina que buscava parecer condescendente com a cultura tradicional vigente de que à mulher só cabiam as preocupações com o lar e a família, quando se sabe que esses tipos de escritos serviam de disfarce para que as escritoras escrevessem sobre os assuntos que realmente queriam.

Vale ressaltar que escritoras posteriores àquelas do século XIX continuaram a usar desses artifícios, principalmente para ajudar no orçamento, como Clarice Lispector, em

¹⁶ Bernardes (1989) informa que o verbo foi suprimido no texto original.

Correio Para Mulheres, cujas leitoras de jornais pertenciam à classe média alta, para as quais a autora de **A Paixão Segundo G. H.** e **A Hora da Estrela** dava dicas de produtos de limpeza, cosméticos, de beleza, dentre outros assuntos ligados ao ambiente doméstico, mas também aproveitava o espaço para inserir um ou outro texto literário, conforme afirma Maria F. Rodrigues (2018) em artigo para o jornal **Estadão**.

Em se tratando dos protestos e reivindicações feitos pelas mulheres oitocentistas, Bernardes (1989) afirma que a ideia de emancipação feminina era um assunto comum. Assim, os textos jornalísticos cujo teor era reivindicatório, exigiam o fim da subalternidade da mulher perante o homem e, conseqüentemente, a conquista de direitos iguais entre eles. Dentre as pautas, o direito ao trabalho figurou em diversas manifestações escritas.

A poetisa rio-grandense Revocata de Mello¹⁷ foi uma delas. No jornal **A Família**, publicou, em 6 e julho de 1889, um texto em que exalta as qualidades de uma artista de teatro, Apolônia Pinto, aproveitando-se para relacionar a profissão com a possibilidade de ensinamento de virtudes morais, em tom de reivindicação pelo reconhecimento dessa profissão às mulheres.

Artista conscienciosa, mulher de educação e altivos sentimentos [...]. Notável nesse recinto, onde o artista deve compenetrar-se de que não é tão somente satisfazendo as exigências da sua profissão, que será dado seguir um glorioso itinerário, e, sim, identificando-se com o pensamento daqueles que nos labores de apurada mentalidade procuram dar ao povo um manancial de educação moral [...] (MELLO *apud* BERNARDES, 1989, p. 143).

Nesse sentido, como aponta Bernardes (1989), percebe-se que essas escritoras, além de apresentarem as características de determinadas artistas às suas leitoras e leitores, aproveitavam-se para reforçar o cunho educativo e honesto de tais profissões desempenhadas por elas, a fim de demonstrar que qualquer uma poderia seguir tal caminho, sem que isso implicasse em qualquer desqualificação de caráter.

Dentre as propostas de ação, Bernardes (1989) destaca o estudo, o trabalho e a família como metas delimitadas pelas mulheres das letras do século XIX, as quais deveriam ser postas em prática para que elas pudessem alcançar melhores condições em sociedade. Por esse motivo, Revocata de Mello, no mesmo jornal citado anteriormente, em 23 de janeiro de 1890, publicou um texto, cujo título é **Economia doméstica**, que aborda a importância de se

¹⁷ As informações contidas em nota explicativa, no livro de Bernardes (1989), inserem as datas de 1840 e 1898 como ano de nascimento e morte, respectivamente, e permitem que seja identificada ser ela a mãe de Revocata Heloísa, e não o contrário, já que, no **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**, Nelly Novaes Coelho (2002) informa as datas 21 de dezembro de 1858 e 18 de fevereiro de 1945 como de nascimento e morte, respectivamente de Revocata Heloísa.

economizar, no lar, e que essa tarefa seria uma particularidade feminina. Ela ainda salienta que é preciso economizar para poder investir-se em educação: “Menos ‘toilettes’ e mais professores, dizia muitas vezes um bom e sábio velho que outrora conhecemos” (MELLO *apud* BERNARDES, 1989, p. 161). Isso evidencia a preocupação da escritora com o acesso das mulheres à instrução.

Desse modo, nota-se que as mulheres que escreviam, no século XIX, não trataram apenas de assuntos ligados àquilo que era atribuído como exclusividade feminina, na época, como a criação dos filhos, a moda, o casamento etc. Muitas delas se empenharam em lutar por igualdade de condições entre os sexos, reivindicando acesso à educação mais elevada, a empregos, dentre outros assuntos.

Ao final de seu livro **Mulheres de ontem?**, Bernardes (1989) anexa uma lista de nomes femininos que atuaram nas letras, isto é, produziram e publicaram suas ideias em jornais e/ou livros e elenca, também, as publicações dessas escritoras. Seu objetivo era fazer um levantamento de escritoras e tradutoras com obras publicadas entre 1840 e 1890. Dentre os nomes, figuram algumas que foram estudadas por Ignez Sabino e inseridas em seu **Mulheres Ilustres do Brazil**. Abaixo, serão apresentadas as autoras que também são arroladas em nessa obra.

A primeira é Ana Barbosa de Lossio e Seilbitz, nascida em 1830, no Rio de Janeiro (RJ), falecida em 1877, no mesmo local. Suas publicações são: **História da vida de Jesus Cristo desde seu nascimento até sua ressurreição**, poesia, 1863; **O passado e o presente**, 1876.

Carmen Freire, denominada por Ignez Sabino como Baronesa de Mamanguape, nasceu em 1855 (aqui Bernardes traz uma informação que Sabino não inseriu) e faleceu em 1891. O local de nascimento e morte foi o Rio de Janeiro (RJ). Segundo Bernardes (1989, p. 192), ela se dedicou “a estudos naturalistas e à literatura amena”. Possui, publicada em livro após sua morte, a obra poética **Visões e sombras**, (1891). Bernardes afirma que seus textos poéticos foram publicados em diversos jornais do Brasil, como **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro; **Norte do Brasil**, Manaus; **Jornal de Notícias**, Bahia, dentre outros. A escritora também teve seus versos publicados em Lisboa, em **Dia**.

Outra escritora elencada por Bernardes (1989) é Corina Vivaldi Coaracy, nascida em Kansas (EUA), em 1858, residente no Brasil, por certo período, e falecida em sua cidade de origem, em 1892. Consta que estudou no Rio de Janeiro onde cursou no Colégio Brasileiro. Sua produção foi vasta, dentre elas destacam-se: um romance inédito, **Matar ou morrer**; traduções: **Rússia vermelha**, Victor Tissot e Constant Amero, romance, (1883); **O dever**,

Samuel Smiles, (1884); **A alegria causa medo**, comédia, s/d, dentre outras obras. Também colaborou na imprensa, escrevendo para os jornais do seu pai, Carlos Vivaldi e em outros da cidade fluminense e foi correspondente no **New York Herald**, (1888-1889).

Na descrição de Maria Helena Câmara Andrade Pinto, Bernardes (1989) não informa datas de nascimento e morte, apenas insere o século XIX como sendo o de sua origem e a naturalidade, Rio de Janeiro. Sua obra publicada é **Violetas**, poesia, 1887.

Uma ilustre escritora catalogada por Bernardes (1989) é Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885). Nascida em Floresta (RN), falecida na França. Bernardes informa que Nísia foi professora de meninas tanto no Brasil, como em Portugal. Morando em Paris, estabeleceu amizade com grandes intelectuais, como Augusto Comte, George Sand, Lamartine, Saint-Hilaire e Victor Hugo. Já na Itália, onde também passou um tempo, estreitou relações com Garibaldi e Mazzini. Sua obra foi vasta, tendo publicado no Brasil e na Europa. Destacam-se a tradução **Direito das mulheres e injustiça dos homens**, de Miss Godwin, 1832; **Conselhos à minha filha**, 1842; poesia **A lágrima de um caeté**, 1849, dentre outras. Também deixou obras inéditas, como **Inspirações maternas**, poesias e **Memórias da minha vida e Viagens na Itália, Sicília e Grécia**.

Amália dos Passos Figueirôa, nascida em 1844, em Porto Alegre (RS) e falecida em 1875. Não possui indicação de obras, apenas a informação de que publicou poesias em Porto Alegre e Lisboa. A escritora Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1860), nascida em Ouro Preto (MG), também não possui a descrição de suas obras por Bernardes (1989). Apenas consta que ela publicou no Rio de Janeiro, tanto poesia, quanto prosa (teatro) e traduções. Seguindo a mesma linha de registro, Delfina Benigna da Cunha, nascida em São José do Norte (RS), em 1791 e falecida em 1857, também não possui a relação de suas obras publicadas, apenas consta que publicou suas poesias em Porto Alegre e Rio de Janeiro.

Maria Benedita Câmara de Bormann (1853-1895), nascida em Porto Alegre (RS), publicou em prosa, romances e contos. Não há indicação do local dessas publicações, nem seus títulos. A última escritora constante da lista de Bernardes (1989) é Revocata Heloísa de Mello. Nesse ponto, pode ter havido uma confusão de informações, visto que Ignez Sabino cataloga outra escritora cujo nome é Revocata dos Passos e Mello, que foi mãe de Revocata Heloísa. Esta, de acordo com Nelly N. Coelho (2002), teria nascido em 21 de dezembro de 1858 e falecida em 18 de fevereiro de 1945. Os anos de 1840 e 1898, apontados por Bernardes como de nascimento e morte, respectivamente, de Revocata Heloísa podem ser, na verdade, informações de sua mãe. Consta que Revocata Heloísa nasceu no Estado do Rio

Grande do Sul e publicou em prosa (teatro e textos em jornal) no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Buenos Aires.

4.1.3 “Dicionário de Mulheres” (1999), Hilda Agnes Hübner Flores¹⁸

Hilda Agnes Hübner Flores (1999), em **Dicionário de Mulheres**, faz uma importante catalogação contendo 3.330 verbetes de mulheres que, em sua maioria, escreveram textos literários ou científicos desde o período do Brasil Império até a segunda metade do século XX. Neles constam informações pessoais, como locais e datas de nascimento e morte, profissão, nomes dos pais e dos cônjuges, se for o caso, bem como suas publicações em jornais ou em livros. Destacam-se, aqui, apenas os nomes de escritoras que figuram na seleção feita por Ignez Sabino em **Mulheres Ilustres do Brazil** (1996).

Assim, Ângela do Amaral é a primeira escritora elencada por Hilda Flores (1999), conforme delimitação acima mencionada. Ela é descrita pela pesquisadora como primeira repentista brasileira, nascida em meados de 1700.

No verbete sobre Maria Benedicta Câmara de Bormann, conhecida por Délia, Hilda Flores (1999) afirma que a escritora nasceu em Porto Alegre (RS), em 1853, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1895, informação esta em desacordo com a que consta em **Mulheres Ilustres**, em que Ignez Sabino traz a data de 1896 como sendo de falecimento de Délia.

Caracterizada como romancista, romancista, jornalista, pintora, pianista e cantora meio soprano, percebe-se que Délia teve acesso a diversas formas de manifestação artística, tendo começado a escrever a partir dos 14 anos, como afirma Flores (1999). Mas isso se explica quando se percebe que a escritora em questão pertenceu a família abastada economicamente. São elencados os títulos de suas obras, como **Aurélia**, 1883; **Uma vítima**, s/d; **Lésbia**, 1890, dentre outras obras. Ela também publicou bastante em jornais cariocas e rio-grandenses.

Beatriz Francisca de Assis Brandão, ou D. Beatriz, nascida em Ouro Preto (MG), em 1779, e falecida em 1868, no Rio de Janeiro (RJ), conforme afirma Flores (1999). Aqui, novamente há um desencontro de informações a respeito de datas, visto que Ignez Sabino afirma que Beatriz Brandão faleceu no ano de 1860.

De acordo com Flores (1999), a escritora foi poetisa satírica, tradutora, compositora, dramaturga e professora e dava aulas a meninas em Vila Rica e no Rio de Janeiro. Também consta que ela era prima da famosa “Marília de Dirceu”, Marília Joaquina Dorotéa de Seixas.

¹⁸ Professora universitária e pesquisadora, além de ensaísta, tradutora e memorialista. Nascida em 1933, no município de Venâncio Aires (RS) (COELHO, 2002).

As demais informações acerca da poetisa também coincidem com aquelas apresentadas por Ignez Sabino, como seu casamento sem afinidade, seu mergulho pelas letras e a inclinação literária da filha, Maria Loureiro de Andrade.

Conforme Flores (1999), Beatriz foi uma feminista que também “se intrometia em política”. Nesse verbete também há a lista de obras publicadas pela poetisa, como o drama em homenagem à coroação de D. Pedro I e ao nascimento de D. Pedro II. Também são citadas traduções e publicações suas, como **Contos da Mocidade** (1856); **Lágrimas do Brasil** (s/d); **Cartas de Leandro** (1859), dentre outros títulos.

Sobre Corina de Vivaldi Coaracy, nascida em Kansas (EUA), Flores (1999) traz informações sobre as datas de nascimento e morte condizentes com aquelas apresentadas por Ignez Sabino. A biógrafa também lista os nomes utilizados por Corina para assinar seus textos, como Froufrou, C., Léo Leone e Condessa Augusta. Consta na descrição da atuação de Corina que ela foi jornalista, tendo colaborado em diversos jornais; foi artista, prosadora, mezzo-soprano, tradutora, dramaturga e professora particular. Casada com o escritor e dramaturgo José Alves Visconti Coaracy, seu filho também seguiu a carreira das letras, Vivaldo de Vivaldo Coaracy. Dentre suas obras, citadas por Hilda Flores, destacam-se **Moema** (1885) e **O novo Guarani** (s/d), ambas constituindo-se como dramas; **Textos escolhidos para exames de inglês** (1885) e traduções.

Delfina Benigna da Cunha é apresentada com informações iguais àquelas listadas por Ignez Sabino, como os anos de nascimento. Escreveu **Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses**, em Porto Alegre. Precisou se exilar no Rio de Janeiro quando o Movimento Farroupilha invadiu Porto Alegre (1836-37), devido ao seu apoio ao regime político monárquico e sua crítica aos farroupilhas. Dentre suas publicações, cita-se **Florilégio da infância** (1842); **Selecta brasileira** (1846), dentre outros textos. Hilda Flores (1999) afirma que Delfina possui educandário com seu nome em sua cidade natal.

A escritora Nísia Brasileira Augusta Floresta é apresentada em longo verbete. Flores (1999) informa que ela nasceu em Sítio Floresta (RN), em 1810, tendo falecido em Ruão, na França, em 1885, enquanto Ignez Sabino afirma que a escritora faleceu em 1877, em Nice, França. Assim é a descrição de Nísia: “Poetisa, romancista, memorialista, jornalista, educadora, feminista, conferencista, abolicionista, republicana” (FLORES, 1999, p. 186).

A autora do dicionário em questão traz alguns detalhes não mencionados por Sabino a respeito da biografia de Nísia Floresta. Afirma que esta se casou, aos quinze anos, com Manuel Alexandre Seabra de Mello, vindo a separar-se após meio ano de casada. Fato que a tornou alvo de críticas por parte da sociedade. Sobre a origem de seu nome, a biógrafa afirma

que o Dionísia Gonçalves Pinto é o nome de batismo de Nísia, este sendo adotado por ser a abreviação do seu nome e acrescentando Floresta, nome de sua cidade natal, que hoje possui o nome de Nísia Floresta, em consagração à escritora. O Augusta é uma homenagem ao seu segundo esposo, Manoel Augusto Faria Rocha.

A escritora fundou escola em Porto Alegre durante 1834 a 1837, mas fugiu da Revolução Farroupilha nesse último ano, indo morar no Rio de Janeiro, mantendo, por dezessete anos, o “Colégio Augusto”, onde ensinava francês, italiano e geografia. Sua produção feminista, literária, política e instrucional foi vasta, de modo que ficaria extenso listá-la por aqui, sendo a obra de maior reconhecimento a tradução de **Direitos das mulheres e injustiças dos homens**, sendo editada em Recife (1832), Porto Alegre (1833), Rio de Janeiro (1839) e São Paulo (1989).

A próxima escritora apresentada por Hilda Flores (1999), constante do livro de Ignez Sabino, é a Baronesa de Mamanguape ou Carmen Freire, nascida no Rio de Janeiro, em 1855 e falecida no mesmo local, em 1891. Ela participava da alta sociedade carioca e fazia reuniões em sua casa, que contavam com a presença de pessoas ilustres como o poeta Olavo Bilac. Colaborou em jornais brasileiros e em Portugal. Quando se deu a abolição, assim como também afirma Sabino, Carmen Freire e sua família ficaram arruinados financeiramente, de modo que a escritora solicitou uma pensão para o esposo. Já estando na República, publica o livro de poesias **Visões e sombras**, em 1897, recebendo críticas por ter sido estampada a coroa de baronesa.

A última escritora apresentada por Hilda Flores é Ana Barbosa Lossio e Seibnitz, escritora prosadora e tradutora, conforme afirma a biógrafa. Nascida em 1830, no Rio de Janeiro e falecida em 1877, no mesmo local, informações que vão ao encontro daquelas trazidas por Ignez Sabino em **Mulheres Ilustres**. Consta, também, das informações de Hilda Flores, que Ana Lossio teve a oportunidade de se educar de forma esmerada, porém sua vida fora conturbada, apesar de a biógrafa não explicar o porquê. Com alguns pseudônimos, publicou em vários jornais. Dentre suas obras, destacam-se textos de cunho religioso, como **História do nascimento de Jesus Cristo desde o seu nascimento até a sua ressurreição, extraída fielmente do Novo Testamento e seguida da moral dos apóstolos** (1863); **O sagrado caminho da Cruz** (1865), e os **Cantos Religiosos** (s/d).

4.1.4 “Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado” (2000), Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil

O **Dicionário Mulheres do Brasil**, organizado por Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil, publicado no ano de 2000, surgiu com o objetivo de investigar quais foram as mulheres que viveram no país ao longo desses quinhentos anos, o que fizeram e quais impedimentos sofreram no tocante aos seus atos em sociedade etc.

Destacam-se, portanto, no trabalho de pesquisa dos organizadores citados, mulheres que se sobressaíram em diversos âmbitos sociais, e, dentre um rol de 1600 nomes femininos, escolheram os mais relevantes e aquelas que mais serviços prestaram ao país.

Assim, o trabalho de Schumacher e Brazil (2000), de grande importância para os estudos literários contemporâneos, possui 900 verbetes catalogados, os quais reúnem biografias, fatos históricos e alguns dados inéditos até a data de publicação do dicionário, além da listagem de textos e obras publicadas pelas escritoras em diversos estados brasileiros e no exterior.

A primeira escritora que será citada é Ana Barbosa de Lossio e Seibnitz, nascida em 6 de novembro de 1830, no Rio de Janeiro. Consta que ela foi bastante elogiada quando traduziu o texto do século XVII, **Polyncto**, de Corneille. Entre suas obras sem a temática religiosa, tem-se o romance **D. Narciso de Villar** (s/d), que, segundo os pesquisadores, trata-se do registro de costumes sertanejos. A escritora publicou em jornais e revistas. Como fonte das informações inseridas no dicionário, os organizadores citam Ignez Sabino e sua obra sobre mulheres notáveis, dentre outras.

Seguindo em ordem alfabética pelo nome das escritoras, Bárbara Eliodora Guilhermina Silveira é apresentada como poetisa e mártir da Conjuração Mineira, nascida em 1759, em São João del Rei (MG), e falecida em 24 de maio de 1819, em São Gonçalo de Sapucaí (MG), enquanto Ignez Sabino não informa sobre nenhuma data. De acordo com os organizadores, há controvérsia a respeito da data de nascimento de Bárbara, visto que existe a menção do final do ano de 1758.

O “título” de mártir da Conjuração vem da atuação de Bárbara, que, segundo Américo Werneck, não permitiu que seu esposo, Ignácio José de Alvarenga Peixoto, com quem se casou em 1781, delatasse os integrantes do movimento ao governador da província de Minas Gerais, mas teve seu esposo preso e exilado na África, onde faleceu. A poetisa passou por diversas privações quando do confisco de seus bens e a declaração de que seus quatro filhos eram infames.

Segundo Schumacher e Brazil (2000), alguns estudiosos do movimento mineiro consideram que Bárbara foi um contraponto a Tiradentes, pois, enquanto este revelava os passos do movimento, tendo colocado tudo a perder, a poetisa tudo suportou para não levar a fama de delatora e prejudicar os amigos. Ainda segundo os organizadores, muitas pessoas adotaram a versão de que ela acabou louca. Mas, na antologia organizada por Zahidé Muzart, **Escritoras brasileiras do século XIX**, consta que, para alguns historiadores, ela fingiu ser demente para escapar das perseguições e do fisco português. Nascida em 1725, no Rio de Janeiro, mas sem informações sobre data de falecimento. Ganhando fama como poetisa, ficou conhecida como A Ceguinha.

Já a Baronesa de Mamanguape, Carmen Freire, é citada como nobre e escritora, visto que ela, nascida em 2 de março de 1855, era casada com o barão de Mamanguape, Flávio Clementino da Silva Freire, quando era senador do Império. De acordo com Schumacher e Brazil (2000, p. 97): “O desenvolvimento da sociedade brasileira na metade do século XIX passou a exigir dos membros da corte um certo verniz cultural abrindo para as mulheres da elite a possibilidade de se educar”.

Os organizadores do **Dicionário Mulheres do Brasil** afirmam que, devido ao incentivo do governo Imperial com a promoção das ciências e os estudos naturalistas, com a criação do Museu Nacional, em 1818, Carmen Freire se dedicou tanto aos estudos naturalistas quanto à literatura, escrevendo o livro de poesias **Visões e sombras**. Teve uma poesia sua publicada no periódico **Dia**, em Lisboa. Ainda de acordo com os organizadores do referido dicionário, a escritora abriu um salão literário que era bem frequentado, mas a crise que atingiu a família após o fim da Monarquia no Brasil obrigou-a a fechá-lo. O ano de sua morte foi 1891.

Corina de Vivaldi Coaracy, ou Corina Henriqueta Alberta Lawe de Vivaldi Coaracy é apresentada por Schumacher e Brazil (2000) como jornalista e tradutora. A informação referente ao seu local de falecimento (Nova Orleans, em 23 de março de 1892) difere da inserida por Hilda Flores, em seu **Dicionário de Mulheres** (1999), a qual afirma que a escritora faleceu no mesmo local de nascimento (Kansas).

As demais informações são condizentes com o que expõem as autoras dos dicionários sobre escritoras brasileiras, isto é, os dados sobre sua família, seu pai, o jornalista e dono de periódicos Carlos F. de Vivaldi, cônsul dos Estados Unidos no Brasil, que a trouxe para morar neste país. A escritora iniciou no jornalismo em 1875, colaborando para o pai em seu jornal. Além de ter publicado seus textos em outros jornais e traduzido obras francesas, inglesas e italianas. Consta que Corina escreveu o romance **Matar ou morrer**, obra não publicada.

Seguindo a ordem de inserção dos verbetes, Schumacher e Brazil (2000) apresentam Delfina Benigna da Cunha. Apesar da falta de visão, ela foi instruída e aos 12 anos despertou o talento para a poesia. Seu livro **Poesias oferecidas às senhoras riograndenses** (1834) foi o primeiro publicado por uma mulher no Rio Grande do Sul, conforme salientam Schumacher e Brazil (2000). Estes também abordam a crise financeira que a escritora passou com a morte dos pais, tendo que recorrer à Corte e aos seus escritos para sobreviver. “Delfina, com seu trabalho intelectual, procurava ganhar sua vida num momento em que esta era uma tarefa muito difícil para a maioria das mulheres” (SCHUMACHER, BRAZIL, 2000, p. 175).

Outra escritora inserida no **Dicionário de mulheres do Brasil** (2000) é Maria Benedita Câmara Bormann, conhecida por Délia, nascida em 25 de novembro de 1853, na cidade de Porto Alegre (RS). Consta que, além de escrever poesias, ela gostava de desenhar e cantar. E não era feliz no casamento. “Délia, de idéias próprias e espírito rebelde, voltou-se contra o casamento e passou a defender a educação sexual para os jovens. Em todos os seus romances [...] o personagem principal é feminino, misturando um pouco de sua própria vida com fatos ficcionais” (SCHUMACHER & BRAZIL, 2000, p. 176). Faleceu em 15 de maio de 1896, o local não é informado pelos autores.

Uma das figuras mais ilustres que viveu ao longo do século XIX foi, sem dúvida, Dionísia Gonçalves Pinto, ou Nísia Floresta Brasileira Augusta. Escritora, educadora, feminista e tradutora, foi também republicana e defendia maior acesso das mulheres à instrução, além de pedir pelo fim da escravidão no Brasil através de suas conferências. Nascida em 12 de outubro de 1810, no sítio chamado Floresta, situado no povoado de Papari (RN), conforme afirmam Schumacher e Brazil (2000). Sua mãe era proprietária de grande extensão territorial no Rio Grande do Norte e o pai um advogado português.

Os autores do dicionário em estudo afirmam que Nísia e os pais tiveram que se mudar do Rio Grande do Norte devido à Revolução de 1817, conhecida como Revolução Pernambucana, movimento que requeria a proclamação da República, passando a residirem em Goiana (PE), local onde a escritora começou os estudos clássicos, o canto e o trabalho manual, além de tomar conhecimento sobre a cultura europeia, da qual seu pai era oriundo. De acordo com Schumacher e Brazil (2000, p. 451): “[...] Dionísia publicou seus primeiros artigos já abordando a condição feminina e comparando-a com diversas culturas da antigüidade, no *Espelho das Brasileiras*, jornal dedicado às mulheres pernambucanas [...]”.

Seu pai era advogado e ganhou inimigos entre a classe dominante economicamente, tendo resultado em seu assassinato em Recife, aproximadamente em 1828. Após esse trágico acontecimento, a escritora decidiu morar com Manoel Augusto de Faria Rocha, estudante da

Faculdade de Direito de Olinda, ato que causou a ira do seu primeiro marido, que a acusava de adúltera, conforme afirmam os autores do **Dicionário Mulheres do Brasil** (2000).

Há, ainda, a informação de que o companheiro de Nísia faleceu inesperadamente, aos 25 de idade, em 29 de agosto de 1835, quando o casal já tinha dois filhos e morava em Porto Alegre (RS). Após esse acontecimento, a escritora ainda atuou como educadora e diretora de um colégio, indo residir com a família, em 1837, no Rio de Janeiro, onde inaugurou o Colégio Augusto, voltado para a educação feminina ao seu modelo.

O Colégio Augusto, aberto em fevereiro de 1838, existiu por 17 anos, funcionando no centro da cidade. Na ocasião em que abriu seu educandário, o Rio de Janeiro vivia uma verdadeira febre de novas escolas, quase sempre dirigidas por europeus. Nísia responde à diversidade dos métodos pedagógicos adotados e ao caráter explicitamente comercial da maioria das escolas cariocas, oferecendo um projeto educativo voltado para meninas, que combinava o tradicional ensino de trabalhos manuais com sólidos conhecimentos do português e de línguas estrangeiras, além de noções de geografia. Sua proposta, bem acolhida pelo público, recebeu, contudo, severas críticas de educadores concorrentes (SCHUMAHER, BRAZIL, 2000, p. 452).

Além de se dedicar a esse trabalho de educadora, não sem sofrer críticas da elite conservadora da época, Nísia publicou bastante em livros e jornais, muitos de seus textos voltados para a instrução e emancipação feminina. Em 1849, de acordo com os organizadores do referido dicionário, Nísia parte com os filhos para a Europa, só regressando ao Brasil em 1852, sem nunca ter parado de publicar suas ideias e textos ficcionais. Passou outra temporada na Europa, posteriormente, viajando para a Itália e a Grécia, tendo residido na França, Inglaterra e Portugal.

Em suas idas e vindas e várias estadias em diferentes lugares, regressou ao Brasil em 1872, voltando à Europa três anos depois. Segundo Schumacher e Brazil (2000), Nísia Floresta faleceu em 24 de abril de 1885, em Normandia, situada em Bonsecour, cidade da França onde estava morando e onde o corpo foi enterrado. Essa informação a respeito do local de morte de Nísia é bastante controversa nos demais dicionários utilizados neste estudo. Ignez Sabino, em **Mulheres Ilustres do Brasil** (1996), afirma que a escritora faleceu em 1877, em Nice, na França. Já Nelly Novaes Coelho, em **Dicionário crítico de escritoras brasileiras** (2002), informa que Nísia Floresta faleceu em 24 de abril de 1885, em Ruon, na França. Para concluir o verbete, tem-se a informação de que, em 1948, o povoado onde Nísia nasceu, Papari, teve

seu nome alterado para Nísia Floresta, em sua homenagem, sendo seu restos mortais transportados para lá em 1954.

Por fim, Rita Joana de Sousa é citada. Nascida em Olinda (PE), em 12 de maio de 1696. “Contrariando a história da imensa maioria de mulheres de seu tempo, Rita tornou-se, desde cedo, um exemplo raríssimo de mulher instruída no Brasil colonial. Escrevia poemas e pintava com desenvoltura” (SCHUMAHER, BRAZIL, 2000, p. 479). Como seus textos nunca foram publicados, não foi preservada sua obra para a posteridade. Faleceu com 23 anos de idade, conforme afirmam Schumacher e Brazil (2000), em abril de 1719.

4.1.5 “Escritoras brasileiras do século XIX” (2000), Zahidé Muzart¹⁹

Antes de trazer reflexões sobre as escritoras constantes da antologia **Escritoras brasileiras do século XIX** (2000), organizada por Zahidé Lupinacci Muzart, convém descrever um pouco essa obra tão importante para os estudos literários no âmbito da autoria feminina, pela riqueza de informações e cuidado com que cada pesquisadora elaborou seus ensaios sobre as escritoras retratadas, bem como pela imensa contribuição dela para a historiografia literária brasileira.

Para começo de conversa, é indispensável trazer o relato da própria organizadora e idealizadora do projeto, que culminou na publicação de três volumes sobre escritoras brasileiras do passado. Muzart (2000) inicia sua justificativa para o trabalho em questão informando que sua inquietação acerca da presença da mulher na produção literária brasileira se deu no início dos anos 80, quando ministrou um curso sobre o tema, ocasião em que descobriu “a quase total ausência da mulher nas histórias da literatura brasileira”²⁰. Citando o livro de Ignez Sabino, **Mulheres Ilustres do Brazil**, publicado no século XIX, Muzart (2000) ressalta sua importância, mas chama atenção para o fato de Sabino não ter reproduzido os textos escritos pelas escritoras por ela resgatadas, o que seria feito em sua antologia.

Porém, em defesa de Sabino, é importante citar a imensa dificuldade de se conseguir reproduzir os textos dessas escritoras do passado ainda nos dias de hoje, haja vista que, para dar andamento e esta pesquisa, foi empreendida uma busca por bibliotecas e instituições de todo o Brasil e, mesmo assim, existem textos de Ignez Sabino que não foram encontrados. Isso mostra que muitas obras escritas por mulheres podem ter se perdido com o tempo, o que

¹⁹ Nascida em 14 de julho de 1939, em Cruz Alta (RS), e falecida em 28 de outubro de 2015, essa escritora é descrita por Buarque e Lúcia Araújo (1993) como professora universitária, editora e ensaísta.

²⁰ MUZART, 2000, p. 17.

dificulta o trabalho de quem pesquisa, tornando ainda mais complicada a divulgação do legado dessas escritoras. Então, se hoje, com o auxílio da internet, não é possível ter acesso a toda a produção literária feminina do século XIX, não se pode esperar que, ainda no período oitocentista, uma pesquisadora obtivesse todas as informações que precisasse sobre determinada escritora.

Sobre o projeto de Muzart (2000), ela informa o objetivo central de sua pesquisa ao afirmar que o propósito dela foi, além do resgate dos nomes de escritoras esquecidas pelos estudos da história da literatura, trazer ao público parte de suas obras, a fim de “mostrar que, apesar da ausência desses nomes [...], elas existiram e foram atuantes, a seu modo, em sua época” (MUZART, 2000, p. 19). Assim, a preocupação em realizar um levantamento da obra produzida por essas mulheres e retratar muitos de seus textos na antologia em questão teve como finalidade, também, fazer circular essas produções nos dias atuais, de modo que a ideia de ausência feminina nas letras brasileiras do século XIX fosse dissipada, conforme relata a própria pesquisadora.

Por conseguinte, serão abordados, nesta seção, apenas as escritoras retratadas na antologia organizada por Zahidé Muzart que são resgatadas por Ignez Sabino. Uma delas é Rita Joana de Sousa, cujas informações trazidas por Eliane Vaconcellos (2000) indicam que a escritora nasceu em 1696 e faleceu, aproximadamente, em 1718, tendo passado todo o período de sua vida em Olinda (PE). Em seu artigo, a autora também aproveita para lançar uma crítica ao fato de os pesquisadores que realizaram trabalhos abordando tais mulheres que escreveram não se preocuparem em buscar novos detalhes sobre vida e obra delas, apenas reproduziram as informações encontradas nos livros, almanaques, dicionários consultados.

Além disso, Vasconcellos (2000) também afirma que os escritores subsequentes, como Joaquim Manuel de Macedo e Ignez Sabino, além de repetirem esses dados encontrados, recorreram à paráfrase, à invenção de informações a fim de suprirem as lacunas existentes sobre essas figuras pesquisadas. Contudo, cabe salientar, como já mencionado anteriormente, que não era fácil conseguir tais informações sobre a vida das escritoras do passado, o que justifica o fato de algumas informações não possuírem fonte ou serem repetidas em várias publicações, ou, até mesmo, serem inventadas. Exemplo disso é o caso da escritora Maria Firmina dos Reis, que, até hoje, não se tem um registro fotográfico dela, fato que ocasionou uma confusão quanto ao seu rosto, antes retratado erroneamente como sendo o rosto de Maria Benedita Borman, uma escritora branca e rio-grandense, bem diferente de Maria Firmina, que é considerada a primeira romancista abolicionista negra do Brasil.

Sobre Ignez Sabino e seu **Mulheres Ilustres**, Vasconcellos (2000) faz críticas do mesmo teor, afirmando que a escritora inventa informações sobre Rita Joana de Sousa e, também, insere Bento Teixeira como tendo vivido no mesmo período que Gregório de Matos e ainda afirmando que ambos foram amigos. Porém, de acordo com Alfredo Bosi (2015, p. 36), aquele escritor, nasceu em Porto, em 1561, e faleceu em Lisboa, em 1600, tendo sido autor de “Prosopopeia”. Já o poeta Gregório de Matos viveu no período entre 1636 e 1696. Tais dados vão de encontro à afirmação de Sabino acerca desses dois escritores, algo compreensível tendo em vista a dificuldade em se fazer pesquisa biográfica no século XIX, pois, tendo em vista se tratar de escritoras femininas, era ainda mais difícil conseguir informações sobre elas, pois, muitas vezes, elas não assinavam seus verdadeiros nomes em seus textos.

Vasconcellos (2000) ainda salienta que Sabino cita a “avultada bagagem literária” de Rita Joana, porém afirma que o tempo estragou tudo, não restando nada para ser lido. A pesquisadora conclui seu artigo também não trazendo nenhum trecho da obra de Rita Joana, por não ser possível ter acesso a ela, de fato, mas afirma que, se muito escreveu sobre a escritora, foi para “acabar ou pelo menos diminuir esse mito de mulher sábia, que não deixou obra para ser apreciada”. O que se entende disso é que, tanto Ignez Sabino, quanto Vasconcellos não conseguiram obter nenhum escrito atribuído a Rita Joana de Sousa, porque não foi possível encontrá-lo. Algo que acontece ainda nos dias atuais quando se faz pesquisa sobre essas escritoras dos séculos passados e se tem dificuldade em encontrar suas obras publicadas ou até mesmo obter dados sobre a vida delas. Sobre esse problema, Zahidé Muzart (1996, p. 287) faz uma espécie de desabafo sobre a dificuldade de encontrar material, como livros, jornais, revistas que contenham os textos das escritoras do século XIX e afirma: “Se existem menções em livros [...], ainda assim os textos não são mais encontráveis”.

Prosseguindo com o estudo dos verbetes, a próxima escritora inserida na antologia em questão trata-se de Ângela do Amaral Rangel, cujo artigo a seu respeito também foi escrito por Eliane Vasconcellos (2000). Sobre a escritora, tem-se a informação de que foi poetisa e teve a característica física (a cegueira) ligada à sua identidade, visto que era conhecida como a Ceguinha²¹. Sobre sua data de nascimento, a pesquisadora afirma que não há um consenso entre os estudiosos, ficando o ano de 1725 como data provável, embora o local seja uma unanimidade em afirmarem que ocorreu no Rio de Janeiro (RJ). Outra informação verídica, de

²¹ Ignez Sabino também cita esse infortúnio, informando que tal característica acompanhou a poetisa desde o seu nascimento. Afirma, também, que ela recebeu a ajuda e a proteção de Gomes Freire, que nutria apreço pela escritora.

acordo com a pesquisadora, diz respeito à origem da escritora, cuja família tinha posses. Além disso, afirma que Ângela do Amaral provavelmente teria sido bastante bonita, mesmo cega desde o nascimento.

Sobre sua instrução, Vasconcellos (2000) ressalta que, apesar de, em seu tempo, não ter existido a educação voltada para pessoas especiais²², Ângela do Amaral aprendeu diversos assuntos utilizando a audição, tendo contato até com a língua espanhola, o que reforça a ideia de que escritoras com ela foram ousadas e corajosas em busca de seus objetivos, superando diversos percalços a fim de se inserirem na escrita literária. Uma informação que complementa o que Ignez Sabino aborda é o fato de a escritora ter sido, muito provavelmente, a primeira poetisa no Brasil a ter publicado seus versos antes do ano de 1822, os quais foram publicados em **Júbilos da América**, em 1754, em Lisboa, por Manuel Tavares de Sequeira e Sá, que, segundo a pesquisadora, era secretário da Academia dos Seletos, da qual a poetisa fazia parte. Sobre a escrita da poetisa, a pesquisadora estabelece algumas críticas ao fato de não haver nada de original nela:

[...] a pior retórica academicista se fez representar nos seus versos, com imagens estereotipadas, ritmo e rimas previsíveis e uma lógica que está bem nos moldes poéticos (melhor diria prosaicos) do conceptismo da época, como se pode ver na segunda estrofe do soneto que se denomina, conforme o gosto acadêmico, “Máximas cristãs, e políticas” (VASCONCELLOS, 2000, p. 51).

Um ponto questionado por Zahidé Muzart (1996, p. 288) e que vai de encontro ao posicionamento de Vasconcellos (2000) diz respeito a essa classificação estética, que, segundo ela, não pode ser feita com os textos femininos, pois “segundo nessa classificação

²² No Brasil, a educação inclusiva passou a fazer parte da legislação há pouco tempo. De acordo com Solange Menin Rogalski (2010), até a década de 50 do século passado, quase não se mencionava a Educação Especial. Em 1961, a Lei nº 4.024 trata do atendimento educacional dos excepcionais, que deveria ser enquadrado no Sistema Geral de Educação, com o intuito de integrá-los na comunidade. Em 1971, a segunda Lei de Diretrizes e Bases Educacionais do Brasil, promulgada na época da ditadura militar, inclui a educação especial em escolas específicas para esse fim, ou seja, não promovia a inclusão de alunos especiais em escolas regulares. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208, menciona o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. A legislação foi evoluindo no quesito educação inclusiva até o ano de 2015, quando foi promulgada a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), nº 13.146, que, em seu artigo 27 afirma: “A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem”. É importante destacar que, no século XIX, foi criado o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), durante o governo imperial regido por D. Pedro II. Atualmente, o INES presta serviços educacionais a cerca de 600 alunos, da Educação Infantil ao Ensino Médio, conforme informações do endereço eletrônico da instituição (Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/conheca-o-ines>> Acesso em 09 de jul. de 2019).

por originalidade e valor estético, cairemos na lista de Harold Bloom. Segundo ele, *toda originalidade literária forte se torna canônica*. Seus critérios são, pois, seletivos e elitistas, de certo modo”. Logo, a crítica da pesquisadora serve para excluir, ainda mais, a poetisa do cenário literário, estabelecendo juízo de valor aos seus versos com base em modelos hegemônicos, elitistas e excludentes. O soneto escrito por Ângela do Amaral, cuja segunda estrofe, em especial, é criticada pela pesquisadora, segue abaixo:

Ilustre General, vossa Excelência
 Foi por tantas virtudes merecida,
 Que, sendo já de todos conhecida,
 Muito poucos lhe fazem competência:

Se tudo obrais por alta inteligência,
 De Deus a graça tendes adquirida,
 Do Monarca um afeto sem medida,
 E do Povo uma humilde obediência:

No Católico zelo, e na lealdade
 Tendes vossa esperança bem fundada;
 Que, na presente, e na futura idade,

Há de ser a virtude premiada
 Na terra com feliz serenidade,
 E nos Céus com a glória eternizada.
 (AMARAL *apud* VASCONCELLOS, 2000, p. 54).

A crítica feita ao soneto diz respeito, dentre outras questões, ao fato de a escritora utilizar-se do modelo de escrita que privilegia a “hierarquia ideológica da Igreja e do Estado monárquico da primeira metade do século XVIII” (VASCONCELLOS, 2000, p. 52). Embora a reprovação de Vasconcellos quanto ao teor da escrita de Ângela do Amaral tenha fundamento e razão, deve-se levar em consideração o fato de a escritora ter se lançado nas letras ainda no século XVII, período em que raramente uma mulher tinha acesso à instrução, quanto mais à escrita literária. Portanto, para conseguir escrever, nesse contexto, os temas raramente seriam diferentes daqueles escritos por Ângela do Amaral, caso contrário, poderiam sofrer censura e não serem publicados.

Vasconcellos (2000, p. 52) conclui seu artigo afirmando, injustamente, que, da pequena quantidade de poemas escritos por Ângela do Amaral, não é possível afirmar que ela tenha sido, de fato, uma poetisa, “quando muito uma curiosa dos versos, uma alma que, para compensar a falta da luz do dia, buscou no seu interior a graça luminosa de uma invisível e “celeste arquitetura””. Após isso, tem-se uma seção de “Excertos”, isto é, os poemas da poetisa são trazidos para apreciação dos leitores. A pesquisadora faz duras críticas à poetisa,

já que esta escreveu em um período em que a literatura estava em formação no Brasil, e não se pode, portanto, ser muito rigoroso quanto à estética dos escritos da época. Por isso, defende-se que, antes de tudo, deve-se situar o objeto de estudo em seu tempo e contexto.

Eliane Vasconcellos (2000) também é responsável, na antologia em estudo, por tratar de outra escritora brasileira oitocentista, que é a Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira, retratada como uma das musas do movimento da Inconfidência Mineira. Nascida aproximadamente ao final de 1758, em São João Del Rei²³, cuja família não possuía uma situação financeira estabilizada, conforme salienta Vasconcellos (2000). Esta ainda afirma que a escritora em questão viveu junto com Alvarenga Peixoto²⁴ sem estar oficialmente casada até quando a filha dos dois estava com três anos de idade, momento em que o bispo de Mariana oficializou a união do casal através de portaria de 22 de dezembro de 1781. Além dessa filha, tiveram outros três filhos.

Vasconcellos (2000) traz detalhes da vida de Bárbara Heliodora que Ignez Sabino não retrata em seu **Mulheres Ilustres**, como dados referentes aos filhos da escritora, nascimento e informações sobre casamento, além do provável ano de nascimento dela. Já os dados trazidos por ambas as pesquisadoras (Sabino e Vasconcellos) dizem respeito ao fato de o esposo da escritora ter sido preso (1789) e condenado ao exílio em 1793, cuja pena foi inicialmente declarada como de morte. Assim, em decorrência desse infortúnio, Bárbara teve seus bens confiscados, tendo conseguido de volta apenas uma parte, em virtude de ter se casado com “carta de metade”, restando outra metade para os filhos.

Um detalhe a ser mencionado em relação ao artigo escrito por Vasconcellos (2000) diz respeito às fontes consultadas, as quais ela registra, trazendo citações referentes a essas obras utilizadas em seu estudo. Isso não aconteceu com os autores dos primeiros dicionários que se empenharam em tratar da vida e obra das nossas escritoras, como é o caso de Ignez Sabino devido aos motivos já mencionados nesta pesquisa, isto é, à dificuldade de se encontrar informações referentes às escritoras, já que esses autores de dicionários foram um dos primeiros a realizar tal empreitada, não tendo, portanto, acervos para serem consultados.

Dando seguimento ao estudo do artigo de Vasconcellos (2000), ela cita Alberto de Faria, em **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas**, revelando que a escritora teve o Capitão Simão Lopes de Araújo como seu curador, nomeado em 1812, após a

²³ Aqui, tem-se uma informação detalhada do local de nascimento da escritora, que foi “na Rua da prata, em frente ao átrio da Igreja de São Francisco de Assis” (VASCONCELLOS, 2000, p. 60).

²⁴ De acordo com Alfredo Bosi (2015, p. 80), Alvarenga Peixoto nasceu no Rio (não especifica de que Rio se trata, mas suas biografias informam seu nascimento no Rio de Janeiro-RJ), no ano de 1744, e faleceu em Ambaca, Angola, em 1792, local para onde foi enviado após seu envolvimento com a Inconfidência Mineira. Seu casamento com a escritora Bárbara Heliodora também é mencionado por Alfredo Bosi (2015).

declaração de sua demência. A pesquisadora ainda traz a informação de que, possivelmente, Bárbara teria falecido em maio de 1819, em São Gonçalo do Sapucaí. Sobre a demência da escritora, há a seguinte afirmação:

A história de que Bárbara Heliadora teria morrido demente, recitando poemas pelas ruas de Campanha, com os cabelos soltos, desgrenhados, olhar desvairado e vestidos rotos é um mito. Provavelmente, em decorrência dos problemas que enfrentou, ela tenha passado por um estado de depressão que, mal interpretado, deu origem a sua propagada loucura. Como vimos, após a morte de Alvarenga, ela conseguiu a devolução de metade e seus bens, estando à frente dos negócios até os cinquenta e poucos anos (VASCONCELLOS, 2000, p. 63).

A partir dessa afirmação, pode-se constatar um fato recorrente nos séculos passados, que era o fato de se declarar uma mulher como louca ou demente por diversos motivos, sendo um dos principais o seu comportamento discrepante com o que era considerado padrão, na época, para uma mulher seguir.

Sobre a produção literária da escritora em estudo, a pesquisadora salienta que não há unanimidade quanto às publicações de Bárbara (alguns pesquisadores atribuem-nas ao seu esposo), mas, em sua maioria, atribuem-se a ela os poemas **Conselhos a meus filhos**, sendo seus trechos inseridos em **Mulheres Ilustres**, além de um soneto dedicado à sua filha, Maria Ifigênia. Para comprovar tal afirmação, Vasconcellos (2000) retrata, através de retrospectiva, o que foi publicado sobre esses textos de Bárbara Heliadora, tendo alguns estudiosos, incluindo Antonio Candido, atribuído sua autoria ao esposo dela, outros pesquisadores, à própria. Isso pode ter ocorrido devido ao fato de seu esposo ter sido poeta também, e, como os intelectuais homens tinham mais prestígio na sociedade do que as mulheres, esse fato pode ter causado o “equivoco”. Além disso, Vasconcellos (2000) faz análises dos poemas aqui mencionados. Abaixo segue o soneto em que o eu lírico declara seu amor pela filha e celebra seu aniversário:

Soneto

Amada filha, é já chegado o dia,
Em que a luz da razão, qual tocha acesa,
Vem conduzir a simples natureza,
É hoje que o teu mundo principia.

A mão que te gerou, teus passos guia,
Despreza ofertas de uma vã beleza,
E sacrifica as honras e a riqueza
Às santas leis do Filho de Maria.

Estampa na tua alma a Caridade,
Que amar a Deus, amar aos semelhantes,
São eternos preceitos da verdade;

Tudo o mais são idéias delirantes,
Procura ser feliz na eternidade
Que o mundo são brevíssimos instantes.
(HELIODORA *apud* VASCONCELLOS, 2000, p. 73).

Nesse soneto, observa-se a presença constante de conselhos dados à filha para que ela siga o caminho estabelecido pela religião cristã, isto é, que siga praticando a Caridade, sendo o amor a Deus e ao próximo um dos ensinamentos cristãos que ela devia se guiar. Concluindo, com um tom poético, a poetisa afirma que a filha deve seguir seus ensinamentos para que alcance a eternidade, visto que a vida é passageira e os demais prazeres do mundo são “idéias delirantes”. Por esses temas ligados à religião e por tratar da geração da vida é que se entende que tal soneto foi escrito por Bárbara Heliodora para sua filha.

Concluindo a descrição do verbete sobre a poetisa citada acima, a próxima escritora é apresentada por Rita Teresinha Schmidt (2000), que traz detalhes da vida e obra de Delfina Benigna da Cunha. Em sua introdução, Schmidt (2000) reafirma os dados trazidos por Ignez Sabino em **Mulheres Ilustres**, como sua data de nascimento, local, nome dos pais e o triste acometimento que lhe causou cegueira aos vinte meses de idade. Um detalhe novo é a data de falecimento que, segundo a pesquisadora, ocorreu em 13 de abril de 1857 (Sabino informa apenas o ano).

Schmidt (2000) insere referências e citações de estudiosos que publicaram sobre Delfina, para sustentar as informações por ela elencadas, enquanto Ignez Sabino informa que os dados das escritoras apresentados em seu dicionário foram, na maioria dos casos, informados por pessoas conhecidas que conviveram ou tiveram contato com as escritoras mencionadas, sendo essa uma das principais formas de ela conseguir dar andamento à sua pesquisa.

De acordo com Schmidt (2000), apesar de sua condição física (outro caso de escritora cega), Delfina adquiriu excelente formação intelectual, cuja estética pauta-se na tradição cultural clássica, percebidas a partir de sua obra carregada de elementos do Arcadismo, como a inserção de elementos da natureza em seus versos. Além disso, a falta de visão tornou a poetisa mais introspectiva, cuja tristeza e melancolia são expostas em sua poesia. Desse modo, analisando a escrita de Delfina, Schmidt (2000) conclui que:

Do ponto de vista formal, Delfina Benigna cultivou o soneto, a epístola, as quadras, as oitavas e as décimas. A sua poesia situa-se em um momento de transição em que os ingredientes do Arcadismo, tais como a simplicidade e o equilíbrio expressional e o apreço pela convenção pastoral, que coloca em relevo a natureza como base da harmonia e da sabedoria, vão, aos poucos, cedendo terreno para uma expressão carregada de um individualismo mais confidencial e sentimental que configura, nitidamente, o que veio a ser o lirismo romântico (SCHMIDT, 2000, p. 120).

Nesse sentido, por ter vivido entre fins do século XVIII e primeira metade do século XIX, Delfina Benigna explorou, em sua poética, tanto os elementos da literatura arcádica, cujo tema da natureza era um dos mais marcantes nos versos do período setecentista, quanto à exploração da subjetividade, através dos traços sentimentais, com características individualistas.

Sobre as críticas à escrita de Delfina, principalmente em razão de seu posicionamento político a favor da Monarquia (o que se justifica tendo em vista sua origem ligada à nobreza – seu pai fora capitão-mor – e a ajuda recebida por ela após o falecimento dos pais, dada por D. Pedro I) e contra os farroupilhas – escrevendo poemas denunciando os participantes –, Schmidt (2000) sai em defesa da poetisa, visto que, para ela, excluindo-se da avaliação da obra da poetisa o fator político, ela deve ser inserida num contexto de formação de uma literatura no Rio Grande do Sul, ao passo que Delfina escrevia seus poemas combatendo o estilo épico.

Além disso, há que se levar em conta, como a própria Schmidt (2000) destaca, o contexto de inicialização de uma literatura, de modo geral, brasileira, em que muito ainda havia por se moldar. Para reforçar sua defesa em favor de Delfina, a autora cita Ignez Sabino, quando esta insere uma crítica ao modelo de escrita baseado no rigor formal vigente no período posterior à escrita de Delfina. Segue o trecho referenciado:

No tempo em que ella existio, a poesia era a expressão do sentimento; a arte não via-se julgada severamente como agora, que o imperio da forma subjugava a inspiração, moldando o verso em um cadinho fino, de onde se o retira para burilal-o, polil-o, enfeitil-o com arabescos exóticos, como se fossem camafeus delicadíssimos, ornados de diamantes e perolas (SABINO, 1999, p. 222).

Sabino critica o fato de a poesia ter passado a ser construída sob moldes que a/o poeta devia seguir, limitando os versos aos padrões estabelecidos na época, em contraponto à poesia produzida no período em que Delfina viveu, na qual predominava a “expressão do sentimento”, ou seja, subentende-se que a escrita era mais livre e dava-se mais importância

aos conteúdos dos versos do que à forma em si. No soneto de Delfina que segue abaixo, percebe-se uma “conversa” com os leitores e a representação do sofrimento vivido pelo eu lírico.

Em versos não cadentes, ó leitores,
Vereis os males meus, vereis meus danos:
Da primavera as galas e os verdores
Nem foram para os meus primeiros anos

Mesmo n’infância expr’imentei rigores
De meus fados cruéis sempre inumanos,
Que só me destinaram dissabores
Mil males revolvendo em seus arcanos.

Sem auxílio da luz, qu’Apolo envia,
Versos dignos de vós tecer não posso;
Desculpai minha ousada fantasia.

Com estes cantos meus, mortais, adoço
A mágoa que o meu estro só resfria:
Se mérito lhe dás, é todo vosso.
(DELFINA *apud* SCHMIDT, 2000, p. 121).

Vê-se, nesse soneto, que o leitor é chamado a conhecer os males que afligem a sofredora poetisa, a perceber o quanto ela sofreu por não poder enxergar, mal que lhe acompanhou desde os primeiros anos da infância e que é retratado em seus versos “não cadentes”, segundo ela, isto é, despretensiosos na linguagem, conforme menciona Schmidt (2000).

Outra escritora que figura no dicionário de Ignez Sabino e é abordada também na coletânea organizada por Zahidé Muzart é nossa ilustríssima escritora brasileira Nísia Floresta Brasileira Augusta, apresentada por Constância Lima Duarte (2000). De acordo com essa pesquisadora, “Nísia deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar contos, poesias, novelas e ensaios em jornais da chamada grande imprensa, como *O Diário do Rio de Janeiro*, *O Liberal*, *O Brasil Ilustrado*” (DUARTE, 2000, p. 175). Corroborando com essa suposição, a pesquisadora ainda ressalta que esse é um fator que demonstra a modernidade da escritora, visto que seus textos já estavam presentes na imprensa desde 1830, quando publicava em **O Espelho das Brasileiras**, de Recife, no qual comentava assuntos polêmicos da época.

Duarte (2000) afirma que o fato de Nísia ter sido uma mulher a frente de seu tempo foi um dos principais motivos para que ela sofresse diversos tipos de percalços, incluindo difamação e a condenação ao esquecimento, inclusive em sua terra natal. Não era fácil para a

mulher do século XIX transpor o ambiente doméstico, único local que lhe era permitido se tornar protagonista, e ocupar um espaço na sociedade que, antes, seria permeado exclusivamente pelo sexo oposto. Por esse motivo, a fim de deslegitimar qualquer atuação dela nesse cenário, algumas pessoas inventavam as mais diversas histórias a fim de desmoralizarem essa mulher cujo único pecado teria sido agir por conta própria, sem se prender às amarras de seu tempo.

A pesquisadora traz ainda uma informação nova, até o momento desta pesquisa, de que o livro **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**, não é uma mera tradução da obra de Mary Wollstonecraft, identificada como “a primeira feminista inglesa”, cuja obra se intitula **Vindications of the rights of woman**. Para sustentar tal tese, Duarte (2000) afirma que nele contém elementos que o ligam à sociedade brasileira, isto é, a escritora:

[...] aponta os principais preconceitos existentes no país contra seu sexo, identifica as causas desse preconceito, ao mesmo tempo em que desmistifica a idéia dominante da superioridade masculina. Segundo ela, os homens estariam tão acostumados a verem as mulheres submissas e recolhidas em sua ignorância, ocupadas exclusivamente em agradá-los, que não eram capazes nem mesmo de imaginá-las numa situação diferente [...] (DUARTE, 2000, p. 176).

Por tratar do papel que a mulher ocupava na sociedade a partir do contexto brasileiro, é que Duarte afirma que o livro de Nísia foi além de uma simples tradução de uma obra já escrita. Para confirmar seu posicionamento, ela traz um trecho da fala de Nísia na obra citada: “Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência” (AUGUSTA *apud* DUARTE, 2000, p. 176-177). Com essa citação vê-se o quanto a escritora era lúcida em relação à condição da mulher no século XIX e a total ausência de oportunidades e exclusão social a que ela era submetida em contraponto ao universo masculino.

A obra escrita por Nísia, de acordo com Duarte (2000), além de ter sido a primeira publicação dessa escritora, também foi a primeira no Brasil a abordar o direito das mulheres em ter acesso à formação educacional e ao trabalho, além de exigir que elas fossem tratadas como dotadas de inteligência e com respeito. Nesse sentido, percebe-se que Nísia, naquele período, já lutava por igualdade entre os gêneros e, com essa obra, conforme salienta a pesquisadora, tornou-se uma precursora do movimento feminista no Brasil. Abaixo segue um trecho da obra citada:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias, senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens. Tudo isto é admirável e mesmo um muçulmano não poderá avançar mais no meio de um serralho de escravas.

Entretanto eu não posso considerar este raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar. Os homens parecem concluir que todas as outras criaturas foram formadas para eles, ao mesmo tempo em que eles não foram criados senão quando tudo isto se achava disposto ao seu uso. Eu não me proporia a fazer ver a futilidade deste raciocínio; mas concedendo que ele tenha alguma ponderação, estou certa que antes provará que os homens foram criados para o nosso uso, do que nós para o deles.

É verdade que o emprego de nutrir as crianças nos pertence, assim como a eles unicamente pertence o de gerá-los; se este último lhes dá algum direito à estima e respeito públicos, o primeiro nos deve merecer uma porção igual, pois que o concurso imediato dos dois sexos é tão essencialmente necessário à propagação da espécie humana, que um será absolutamente inútil sem o outro (AUGUSTA *apud* DUARTE, 2000, p. 187).

Nesse trecho destacado, percebe-se que Nísia Floresta compreendia todas as injustiças que as mulheres eram submetidas, sendo consideradas propriedade masculina, que estariam disponíveis a eles para uso, como se fossem escravas. Além disso, mesmo a mulher sendo o único sexo capaz de gestar e nutrir uma criança, ela não possuía lugar de destaque na sociedade oitocentista, cabendo ao homem as honras por gerar o filho e desprezada a importância da mulher nesse processo. Nesse ponto Nísia clama por igual consideração. Por isso e outros motivos, Nísia Floresta é, hoje, considerada uma grande representante do feminismo no Brasil de 1800.

Maria Angélica Ribeiro é a próxima escritora abordada na coletânea **Escritoras brasileiras do século XIX** (2000) e que também é inserida em **Mulheres Ilustres**. Quem trata de sua vida e obra, nesse caso, é Valéria Andrade Souto-Maior, que já inicia inserindo informações referentes à data de nascimento, 5 de dezembro de 1829, e ao local, vila de Parati (Angra dos Reis), Rio de Janeiro. Pertencia a família com origens nobres, seu pai foi Capitão-Mor de Milícias, tendo falecido em trabalho, deixando a esposa jovem com três filhas pequenas, incluindo-se Maria Ribeiro.

Esta contou com a ajuda do Brigadeiro Antônio Joaquim Bracet, que se tornou seu tutor após a morte do pai e a consequente dificuldade financeira da mãe, visto que a menina, nas palavras de Souto-Maior (2000, p. 315), necessitava “de uma educação compatível com a inteligência incomum revelada desde cedo”. Aqui, cabe ressaltar o fato observado pela pesquisadora de que muitas escritoras do século XIX, assim como Maria Ribeiro, para

conseguirem acesso à instrução e uma inserção profissional tiveram que contar com o auxílio de algum homem, quando não o pai, um parente ou amigo da família. Isso se explica devido à completa exclusão que a mulher oitocentista vivenciava nas esferas social e pública.

Maria Ribeiro escreveu peças teatrais, das quais a maioria se perdeu. Souto-Maior (2000) cita Ignez Sabino, que, em **Mulheres Ilustres**, ao tratar da mesma escritora, afirma que os vários textos originais e alguns inéditos foram destruídos devido a um incêndio no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro²⁵.

Tendo despertado a veia literária muito cedo, já aos doze anos escrevia versos para as amigas em datas comemorativas. Algum tempo depois já colaborava para revistas, conforme informa Souto-Maior (2000). Seu investimento na carreira literária só viria a acontecer quando ela já possuía 25 anos, estava casada e com três filhos. Dando mais detalhes da vida da escritora, a pesquisadora afirma que em maio de 1855 a morte do filho de Maria Ribeiro a abalou bastante e fez com que ela procurasse alento na escrita literária, e assim saiu a primeira peça dramática, escrita em cinco atos, chamada **Guite ou a feiticeira dos desfiladeiros negros**, que ganhou elogios do presidente do Conselho Dramático.

A carreira de Maria Ribeiro pela arte dramática obteve bastante repercussão, principalmente após sua encenação no teatro, cuja primeira peça apresentada recebeu elogios de Machado de Assis e Visconti Coaraci, no **Jornal do Commercio**. De acordo com Souto-Maior (2000, p. 317), a aclamação das peças da escritora encenadas no Ginásio Dramático tornou “o seu nome não só mais conhecido, mas principalmente respeitado e prestigiado no ambiente teatral da época, como até então, aliás, nenhum outro nome feminino o fora”.

Citando Corina Coaracy, há a informação de que Maria Ribeiro teria sido uma precursora da abolição no Brasil e atacava, em seu texto dramático, os problemas sociais e preconceitos vigentes na sociedade da época. Uma de suas peças que recebeu grande elogio da crítica e do público foi **Cancros sociais**, encenada em 1865, cujo trecho do ato II, cena X, segue abaixo:

²⁵ De acordo com Maria da Conceição Pinheiro Araújo (2008), Ignez Sabino foi secretária no “Lyceu das Artes e Ofícios”.

Cancros Sociais

Ato II

Cena X

Eugênio e o Barão

[...]

EUGÊNIO – Estou perdido, barão!

BARÃO – Perdido! O que te aconteceu?

EUGÊNIO – Minha mãe está nesta casa.

BARÃO (*assombrado*) – Tua mãe!! Como o sabes?... Quem a trouxe?...

EUGÊNIO – Deus, ou a Fatalidade!... É a escrava que libertei esta manhã.

BARÃO – O que dizes?! (*Encara-o e pega-lhe na mão.*) Estás sob a influência de um acesso febril... Vem para a sala distrair-te.

EUGÊNIO – Não tenho febre, nem delírio. É minha mãe. Conheci-a, no momento em que fui por ela reconhecido. E... repeli-a!... reneguei-a!...

BARÃO – À tua mãe?!...

EUGÊNIO – Foi uma indignidade... um crime! bem o sei! Fiquei impassível ante a dolorosa agonia desse coração que voava para mim... fiz mais: minha mulher, minha filha, amigos, esse Forbes, tinham todos as vistas sobre mim; temi uma revelação humilhante, e... confundia-a entre os meus criados... Oh! sou um filho indigno!...um ingrato!...

BARÃO (*sentido*) – Não esperava de ti outro proceder!EUGÊNIO – E a desonra que sobre mim pesaria, se soubessem que sou filho de uma escrava?! Que fui... cativo! eu?... (*Desesperado.*) Oh!...(RIBEIRO *apud* SOUTO-MAIOR, 2000, p. 327).

Esse trecho da peça de Maria Ribeiro evidencia a coragem da escritora em tratar do assunto referente à escravidão de maneira a expor a condição humana em meio a um ato de desumanização, que é a transformação de outro ser humano em um escravizado, sem dignidade. Na conversa entre Eugênio, homem branco e socialmente bem colocado, e o Barão, que o considera como um filho, fica evidente o desconforto da primeira personagem em ser descoberto, em público, como filho de uma mulher escravizada, fato que o desmoralizaria perante a sociedade se ele não tivesse agido para impedir um escândalo. Ele também fica em conflito diante da situação de rejeição à mãe por se tratar de um laço materno, do amor de uma mãe para o filho. Mas as convenções sociais, nesse caso, falaram mais alto que o sentimento e noção de humanidade que poderia existir na personagem.

Machado de Assis, que conhecia Maria Ribeiro e frequentava sua casa, assim como Ignez Sabino já havia informado, teceu elogios a **Cancros sociais** em **Diário do Rio de Janeiro**, chamando atenção, em especial, para o fato de a dramaturga protestar contra a escravidão em sua peça, o que gerou espanto no escritor por se tratar de uma “senhora” preocupada com tal assunto.

Souto-Maior (2000) situa Maria Ribeiro como uma pioneira na arte dramática brasileira, apesar de outras poucas mulheres, antes dela, já terem editado obras do gênero.

Cabe à dramaturga um lugar de destaque, visto que sua obra, nas palavras da pesquisadora, “marca decisivamente os momentos inaugurais de uma tradição dramaturgicafeminina brasileira” (SOUTO-MAIOR, 2000, p. 318). Sua individualidade, como aponta também Ignez Sabino, deve-se tanto à sua numerosa produção – vinte e duas peças, incluindo comédias e dramas – quanto ao seu engajamento em relação ao gênero literário, atuando com exclusividade, ao contrário de suas antecessoras, que também escreviam outros tipos de obra. Além disso, conforme ressalta a pesquisadora, a importância que Maria Ribeiro desempenhou para a literatura brasileira foi o fato de ela ter aberto caminho para que mais mulheres se envolvessem com a dramaturgia, ambiente marcado pela exclusividade masculina. A autora também traduzia peças teatrais. O ano de morte de Maria Ribeiro foi 1880.

A escritora Maria Benedita Câmara Bormann, ou Délia, também é inserida na coletânea organizada por Zahidé Muzart e apresentada por Norma Telles (2000), que traz informações condizentes com aquelas inseridas por Ignez Sabino em **Mulheres Ilustres**, como a data de nascimento, 25 de novembro de 1853, recebendo o nome de batismo de Maria Benedita Bormann da Câmara Lima. O que a pesquisadora inova em comparação à obra de Sabino diz respeito aos dados obtidos sobre a família de Délia, a linhagem da família materna ligada à nobreza; seus meio-irmãos frutos do primeiro casamento de seu pai e a melhor posição social deles em comparação à dela e outros detalhes da vida da escritora, que são trazidos por Telles, como o local onde ela residiu com seus pais no Rio de Janeiro (Rua Resende, nº 48).

Em relação ao seu casamento, este ocorreu em 7 de dezembro de 1872, na Igreja de Santa Rita, conforme menciona Telles (2000), com o tio materno, o Capitão da Infantaria José Bernardino Bormann (1844-1911), que se casou pela segunda vez aos cinquenta e oito anos, após a morte de Délia. Conforme salienta a pesquisadora, na época em que viveu a escritora, era comum no Brasil que tios se casassem com as sobrinhas, inclusive esse detalhe era recorrente em sua família, tendo o seu meio-irmão se casado com a filha do outro irmão. Além disso, há indícios de que seu pai tenha se casado com uma pessoa da família também, assim como um primo famoso de Délia fez o mesmo.

A respeito do casamento de Délia e seu tio, Telles (2000) menciona o fato de Andradina de Oliveira (1907) afirmar que houve separação entre os dois, embora não haja registros de tal atitude. De acordo com Teles (2000), a irmã de Délia se divorciou após aprovada a lei de 1891, porém esta, se, de fato, separou-se, não o fez legalmente, visto que em sua certidão de óbito consta como estado civil casada.

Sobre a amizade de Délia e Ignez Sabino, Telles (2000) afirma que, embora as duas tenham mantido contato, Sabino, ao falar da escritora, mistura dados pessoais desta com a trama da obra **Lésbia**, fazendo uma confusão com as informações. O que se tem de informações é que Délia obteve uma excelente educação, apesar de, como afirma a pesquisadora, não ficar registrada nenhuma forma de comprovação sobre isso. Porém, a própria autora deixa implícita essa informação ao dotar suas personagens de grande repertório intelectual e gosto pela leitura, como lembra Telles (2000, p. 571): “As personagens de Délia estão sempre lendo, comentando o que leram e divagando sobre a vida e a situação da sociedade”. Assim, a escritora demonstrava a importância da instrução na vida da mulher, influenciando, desse modo, diversas leitoras que tinham contato com seus escritos. Sobre a temática a escritora, Telles (2000, p. 576) afirma:

Os títulos de Délia são nomes de mulher, ou apontam para mulheres [...], o que já explicita seu tema central: o coração da escuridão que é a mulher do século dezenove, continente inexplorado, ou mal explorado. A mulher não como retratada pelos textos hegemônicos [...]; mas como vista por ela própria em sua vida restrita, com suas ambições, anseios, sofrimentos, confusões, merecimentos, realizações; seus enredos e sua afirmação como pessoa e artista.

Desse modo, percebe-se que Délia engajava-se com a temática da mulher em seu contexto familiar e social, em seus dramas e inquietações, em suas relações amorosas não tão bem-sucedidas, bem como nas relações desiguais de gênero. Exemplo disso é o trecho que segue, abaixo, de um texto publicado em **O Paiz**, em 1892, em que a personagem reclama de sua solidão e da ausência de outras pessoas em sua casa.

Há momentos em que, precisando sentir a posse de mim mesma, abstraio-me deste mundo, elevo-me nas asas da fantasia e vôo vertiginosamente por aí além, vivendo horas que os próprios deuses invejam. [...]
Pouco depois ouvi o som longínquo de uma vida, tocando sentida endecha, entristeci, feriu-me pungente saudade, achei-me tão só na vida, perdida naquele mimoso buquê de verdura! (DÉLIA *apud* TELLES, 2000, p. 587-588).

Essa personagem sente-se só e vivendo em tédio em sua casa sem outros moradores. Atende a um chamado de seu jardineiro para socorrer uma mulher que estava a morrer. A causa do infortúnio era envenenamento, que a vítima havia cometido contra si própria. O diálogo entre as duas é marcado por palavras tristes que a mulher vai usando para descrever sua existência sem sentido e seu amor não correspondido. Ao voltar para casa, após cessar a

vida da enferma, a protagonista de Délia retorna para o vazio de sua casa e, provavelmente, de sua vida, tão só ela se sente.

Já sobre a baronesa de Mamanguape, a pesquisadora Eliane Vasconcellos (2000) afirma que não há muitas informações sobre ela. Descreve alguns dados, como o local de nascimento, no Rio de Janeiro, no dia 02 de março de 1855, e é oriunda de família com poucos recursos. Casou-se aos 14 anos, com o Barão Flávio Clementino da Silva Freire, que a concedeu o título de baronesa. A pesquisadora ainda aborda a crítica feita à obra dela, o livro de poesias **Visões e sombras**, da qual constam nomes como Guimarães Passos, seu genro e prefaciador do livro, Olavo Bilac e Ignotus. Nas palavras de Vasconcellos (2000, p. 702): “A poesia de Carmem Freire se inscreve no quadro geral da escassa produção feminina do fim do século passado, sem grandes sobressaltos de emoção e sem maiores preocupações na criação de uma linguagem própria e pessoal”. De qualquer modo, o fato é que deve-se reconhecer quão importante foi, para as mulheres da época, poder ler uma obra produzida por outra mulher, em um contexto de exclusão feminina da produção artística e cultural. Dentre seus sonetos, destaca-se o que segue:

A escrava

Pouco importa que esposa, mãe ou filha,
A escrava seja! Tristes, negros fados,
Ao grilhão de piratas condenados,
Vincularam-lhe o pé que as urzes trilha!

Infeliz! Em que céu te luz ou brilha
O sol dos sonhos teus, gentis, dourados?
Em que terras ou climas afastados?
Em que sertões, em que deserta ilha?

Mulher e escrava! Antítese de um crime,
Que a vil cobiça humana faz nascer!
Que força pode ter o pobre vime!

Quem há que a massa rola em seu gemer,
Duro algoz, a ferir cruel se anime?...
Folga, mulher, eis findo o teu sofrer.

(MAMANGUAPE *apud* VASCONCELLOS, 2000, p. 706).

Com esse soneto, vê-se que a poetisa também estava a par dos acontecimentos sociais que marcaram o país na época em que ela viveu, como o período escravocrata que teve seu término (legalmente) em 1888 e cuja temática está inserida no soneto acima. Nele, a baronesa expressa sua sensibilidade frente à figura da mulher escravizada, que não tem sua identidade

preservada, não importando que ela seja mãe, tenha esposo ou filhos, seu destino fora modificado de forma violenta. Assim, a poetisa demonstra uma vertente de crítica social ao expor a condição humana degradada pela perda da dignidade.

A última escritora retratada no volume I da coletânea de Muzart (2000) e que também figura em **Mulheres Ilustres** é Corina Coaraci²⁶, também apresentada por Eliane Vasconcellos. A data de nascimento, 18 de abril de 1859, está divergente com o que Ignez Sabino apresenta em sua coletânea. Esta traz o dia e mês como 18 de abril, mas o ano é inserido como 1858. As informações são semelhantes em relação à origem americana de Corina, tendo sido seu pai cônsul americano no Brasil. Sua data de falecimento também diverge nos estudos de Vasconcellos e Sabino. Enquanto esta traz a data de 21 e março de 1892, aquela afirma ter ocorrido em 23 de março de 1892, portanto, apenas o dia está diferente. O que Vasconcellos inova, em comparação a Sabino, diz respeito à causa da morte, embolia cerebral.

Vasconcellos (2000) afirma, com base nos estudos de Artur Azevedo, que a escritora possuía dotes musicais. Com voz bela, de acordo com a pesquisadora, Corina era convidada para cantar em concertos beneficentes, sendo muitos deles voltados para a campanha abolicionista, cuja causa obteve bastante colaboração da escritora.

A atuação principal de Corina, segundo Vasconcellos (2000), dava-se no jornalismo, tendo ela colaborado em diversos jornais brasileiros e nos Estados Unidos. Além de textos jornalísticos, escreveu, em colaboração com o marido, José Alves Visconti Coaraci, dois dramas, **Moema** (1897), baseado no episódio de **Caramuru** (1781), de Santa Rita Durão; e **O Novo Guarani**, baseado na obra **O Guarani**, de José de Alencar. Além disso, conforme salienta a pesquisadora, Corina realizou trabalhos com traduções, textos didáticos, crítica de arte e atuou no magistério. Nas palavras da pesquisadora:

[...] a obra de Corina Coaraci chama a atenção da crítica, primeiramente, por fugir ao gênero mais comum da escrita feminina no século XIX – a poesia –, em que se “engajou” a maior parte das escritoras da época; e, depois, pelo possível cotidiano de sua linguagem, adequada à forma da crônica ou à de artigos ligeiros sobre fatos e personalidades culturais e, com muito mais interesse, sobre episódios e acontecimentos da vida do Rio de Janeiro (VASCONCELLOS, 2000, p. 805).

Nesse sentido, nota-se que a escritora Corina Coaraci destacava-se em meio às mulheres que escreviam em seu tempo, por ter enveredado pelo gênero da crônica, ao invés de

²⁶ Ignez Sabino insere o nome dessa escritora como Corina Coaracy.

produzir poesias, mais comum entre as escritoras de seu sexo. Conforme realça Vasconcellos (2000, p. 808): “Vê-se, por aí, a inteligência dessa mulher que, ao final do século XIX, soube lutar pelos direitos dos oprimidos e, como cronista, registrar os fatos culturais mais pitorescos que animavam o país”. Porém, além de abordar assuntos relacionados ao Brasil, a escritora também tratava de temas relacionados a outros países, como em um texto sobre a arte italiana, em que Corina assim escreve:

Toda a glória da arte italiana não consiste tão-somente nas obras dos seus pintores, porque lhe cabe também as honras de mãe e mestra nas outras nações. [...]

Quando a pintura na Itália chegou ao auge do seu desenvolvimento, os pintores dos outros países ficaram tão admirados que não hesitaram em abandonar as suas tradições nacionais e tornarem-se discípulos da Itália (COARACI *apud* VASCONCELLOS, 2000, p. 826-827).

Esse excerto demonstra o conhecimento de Corina Coaraci acerca de assuntos variados, ligados aos aspectos culturais não apenas do país de origem (Estados Unidos) ou do qual ela residia (o Brasil), como também de países importantes da Europa no quesito arte em geral, por exemplo, como é o caso da arte na Itália. Tal aptidão para escrever sobre diversos assuntos comprova, também, que a escritora tinha acesso à leitura dos mais diversos temas e assuntos, algo incomum para uma mulher do século XIX.

4.1.6 “Dicionário crítico de escritoras brasileiras” (2002), de Nelly Novaes Coelho²⁷

Citando os movimentos ocorridos nas sociedades, ao longo do tempo, suas explosões, efervescências, modificações etc., Nelly Novaes Coelho (2002) afirma que a literatura atua como um “verdadeiro sismógrafo”, isto é, ela é capaz de registrar todos esses acontecimentos sociais a partir das obras literárias. Nesse sentido, entra em cena a literatura de autoria feminina, quando a autora explica o motivo de ter dado ênfase à literatura produzida por mulheres, em detrimento daquela feita por homens quando da elaboração de um dicionário de crítico de escritoras brasileiras.

²⁷ Nascida em 17 de maio de 1922, em São Paulo (SP), formou-se em Letras (USP/1959) e foi professora universitária na Universidade de São Paulo (USP), crítica literária e ensaísta, conforme informações de Buarque e Lúcia Araújo (1993). A data de sua morte (29 de novembro de 2017, em São Paulo) foi anunciada no endereço eletrônico do **Estadão** (Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,morre-nelly-novaes-coelho-aos-95-anos,70002133072>> Acesso em: 08 de jul. de 2019).

[...] se nesse naufrágio de valores as coisas mudaram de maneira irreversível para o homem, em relação à mulher, tais mudanças evoluíram em proporção geométrica e alteraram não só seu lugar na sociedade, mas principalmente sua consciência do próprio eu, em relação à imagem-de-mulher da Tradição e em face do mundo em transformação. Não há dúvida de que o atual interesse pela literatura escrita por mulheres está visceralmente ligado a essa metamorfose cultural-social-ética-existencial em processo, e que se vem expressando na poesia, no romance, na ficção, no teatro, no ensaio, etc. (COELHO, 2002, p. 17).

Portanto, assim como enfatiza Coelho (2002), os estudos literários baseados no aspecto do gênero dizem respeito à própria vivência de quem escreve, suas relações com o mundo, os aspectos contextuais em que o sujeito está inserido, o que resulta em complexas teias engendradas no decorrer do tempo.

Em **Dicionário crítico de escritoras brasileiras** (2002), Nelly N. Coelho traz dados extras que não foram apresentados por Ignez Sabino (1996) sobre a escritora Amália Figuerôa, talvez pelo contexto da época, por não ter havido o acesso às informações acerca de algumas escritoras. Coelho (2002) insere as datas de nascimento e morte da escritora rio-grandense, nascida em Porto Alegre (RS), que são 31 de agosto de 1845 e 24 de setembro de 1878, respectivamente.

Oriunda de família das letras, Amália Figuerôa era tia das poetisas Revocata de Mello e de Julieta M. Monteiro e irmã de Revocata dos Passos e Mello. O pai de Amália era um gramático português e proprietário de jornal e tipografia em Porto Alegre. A poetisa em questão colaborou em diversos jornais, inclusive nesse, pertencente à família, tendo divulgado seus poemas na imprensa desde muito jovem. A pesquisadora também traz a informação acerca do pseudônimo utilizado por Amália Figuerôa em seu início de produção, Pensarosa, cujo nome foi um apelido dado por seu ex-noivo, o poeta Carlos Ferreira. Tendo ido residir no Rio de Janeiro, com um irmão, após a morte do pai, foi reconhecida pelos intelectuais de sua convivência como “poeta de méritos”. Assim como outras de sua época, atuou em favor das causas abolicionistas e pelo direito de as mulheres terem educação e cidadania. Tem como obra publicada **Crepúsculos** (1872).

Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira, nascida em 1759, em Minas Gerais, em São João del Rey. O local de falecimento foi a freguesia de São Gonçalo de Sapucaí, também em Minas Gerais. De acordo com Coelho (2002), nos registros históricos consta o nome da escritora como a segunda poetisa brasileira. O que não consta do estudo de Ignez Sabino, mas Coelho (2002) aborda em seu dicionário, é o fato de o esposo de Bárbara Heliadora ter sido poeta árcade. Aquela escritora apenas afirma que Inácio José de Alvarenga Peixoto foi um

bacharel em Direito, tendo exercido a função de juiz de Direito em Cintra, vindo residir no Brasil, posteriormente, em Minas Gerais, onde conheceu Bárbara. Ignez Sabino apenas insere um poema feito por ele enquanto estava recluso, dedicado à amada, o que dá indícios de que ele também foi poeta.

Segundo Nelly N. Coelho (2002), Bárbara Heliadora apenas teve sua produção literária reconhecida pelo fato de seu esposo ter sido um poeta e ter escrito versos em sua homenagem, o que reafirma o fato de as mulheres, naquele período, só alcançarem notoriedade através da contribuição de algum homem, na maioria das vezes. Além disso, seu apoio incondicional a esse esposo, preso devido às conspirações durante a Inconfidência Mineira, rendeu-lhe o título de “heroína da Inconfidência”, conforme salienta Coelho (2002).

Confirmando a informação que Ignez Sabino aborda em **Mulheres Ilustres do Brasil**, consta, no **Dicionário Crítico** de Coelho (2002), que Bárbara Heliadora escreveu poemas com conselhos para os filhos. Em volume organizado por José Norberto de Sousa e Silva sobre **Obras poéticas de Inácio de Alvarenga Peixoto**, foram publicadas doze sextilhas de Bárbara, com título de **Conselhos a meus filhos**. Em ambos os dicionários há a informação acerca do infortúnio ocorrido na vida da poetisa, isto é, a prisão de seu esposo e suas dificuldades para cuidar de seus filhos sem a ajuda dele. A autora acrescenta, ainda, que, após o esposo da poetisa ter sido enviado para Angola, lá faleceu. Além disso, informa que sua única filha mulher faleceu prematuramente após uma queda de cavalo.

Conforme enfatiza Coelho (2002), esses aspectos da vida de Bárbara são lendas que surgiram em torno de seu sofrimento observado pelas pessoas. Isso explica o fato de aquela ter informado que as dificuldades financeiras vividas pela poetisa se deram por motivos de esvaziamento das minas de ouro que pertenciam à família, enquanto Ignez Sabino afirma que tais dificuldades ocorreram devido ao sequestro de bens da poetisa pelo fisco da Câmara real. Seus únicos poemas publicados constam do livro já citado, aqui, organizado por Norberto de Sousa e Silva.

“Poeta, dramaturga, autora de romance em versos e contemporânea dos árcades brasileiros” (COELHO, 2002, p. 88), assim Coelho (2002) descreve Beatriz Francisca de Assis Brandão, nascida em Vila Rica, Minas Gerais, em 29 de julho de 1779, tendo falecido no Rio de Janeiro, em 05 de fevereiro de 1868. Uma informação divergente do que traz Ignez Sabino diz respeito às datas de nascimento e morte. Esta afirma que a poetisa nasceu no dia 27, e não dia 29. Além disso, Sabino (1996) cita 1860 como o ano de morte da escritora em questão, mas não menciona dia e mês. Sabino retrata Beatriz Brandão como poetisa, escritora, professora e até mesmo política, visto que, segundo a biógrafa, a poetisa “intrometia-se em

política, influia em eleições, o que zangava a seus paes, que continuavam a crer inutil a sua orientação mental” (SABINO, 1996, p. 109).

O que as duas pesquisadoras têm de informação em comum é o fato de Beatriz ter sido prima da famosa Marília de Dirceu, Maria Joaquina Dorotéia de Seixas Brandão, que foi noiva do poeta Tomás Antônio Gonzaga. Além disso, aspectos da vida da escritora também são descritos em ambos os dicionários de forma idêntica. Tanto Sabino quanto Nelly afirmam que a educação recebida pela poetisa fora restrita, tendo ela ficado limitada aos estudos primários, conforme os pais permitiram. Um amigo seu lhe ajudou a aprender o francês, tendo ela se apaixonado pela literatura.

Nelly N. Coelho (2002) afirma que Beatriz colaborou ativamente na imprensa, tendo alcançado notoriedade em sua época. Tendo sido, inclusive, cotada por Norberto de Sousa e Silva e outros escritores para ser membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, porém o regulamento não permitia a inserção de mulheres na instituição. Sobre o conjunto de sua obra, Nelly N. Coelho (2002) elenca diversas publicações, como: **Poesia – Cantos da mocidade** (1856); **As comendas** (1859); **Lágrimas do Brasil** (1860). Também existem os romances em versos: **O caçador** (s/d) e **Lilia e Nerina** (s/d). Além de traduções, como: **Catão**; **Alexandre na Índia** e **Cartas de Leandro e Vellasco**. As duas pesquisadoras, Ignez Sabino e Nelly N. Coelho, afirmam que Beatriz deixou textos inéditos, sendo eles detalhados por Nelly: **José no Egito**, **Sonho de capitão**, **Angélica e Medoro**, **Semiramis reconhecida**; **Diana e Endimião Drama à coroação de D. Pedro I** e **Drama ao nascimento de D. Pedro II**. Nesse sentido, percebe-se o quão vasta foi a dedicação de Beatriz Brandão às letras brasileiras.

Nelly N. Coelho (2002, p. 143) inicia o verbete sobre Corina Alberta Henriqueta Lowe de Vivaldi Coaracy descrevendo sua atuação artística: “Jornalista, cronista, artista, dramaturga, mezzo-soprano, tradutora”. Assim como Sabino, Nelly N. Coelho (2002) também ressalta a contribuição de Corina para a produção cultural brasileira, mais especificamente a carioca. Tendo atuado como redatora e cronista de diversos jornais brasileiros, além de ter sido correspondente do New York Herald (1888-1889). Utilizava pseudônimos para assinar suas obras, dentre eles destacam-se Froufou e Condessa Augusta. Retornou para Kansas em 1892 por motivos de doença, onde faleceu. Seus textos publicados são: **Moema** (1885), e **O novo guarani** (1889), ambos pertencentes ao drama. Também foram lançadas traduções: **A Rússia vermelha** (1883); **O dever** (1884); **Vida e trabalho**, dentre outras.

Já a poetisa Delfina Benigna da Cunha é apresentada por Nelly N. Coelho (2002) como pertence a uma família influente na corte de D. Pedro I. A pesquisadora também relata

que Delfina viveu em Recife (PE) e no Rio de Janeiro (RJ), local onde faleceu em 13 de abril de 1857 (mesmo ano apontado por Ignez Sabino).

Das informações de Nelly N. Coelho (2002), sabe-se que Maria Benedita Câmara de Bormann, pseudônimo de Délia, nasceu em 25 de novembro de 1853, em Porto Alegre (RS), e faleceu no Rio de Janeiro (RJ) em 23 de julho de 1895. A pesquisadora também informa que Délia começou a escrever aos quatorze anos, colaborando com crônicas para jornais. Também escreveu romances-folhetins. De acordo com Nelly N. Coelho (2002, p. 411), “A partir de 1883, publica romances que fixam a vida social fluminense em aspectos e conflitos sempre em torno da figura feminina e dos preconceitos que tolhem sua liberdade”. Isso evidencia a preocupação da romancista com os direitos das mulheres.

Seus livros publicados são: **Uma vítima, Madalena, Os beijos do frade, A espera, O sorriso, A estátua de neve, Duas irmãs**, obras em folhetim que datam de 1883 e 1884. Seus romances são **Aurélia** (1883); **Lésbia** (1890); **Angélica** (1894); **My lady** (1895) e **Celeste** (1895).

Nelly N. Coelho (2002, p. 517) inicia o verbete acerca de Nísia Floresta Brasileira Augusta, cujo nome adotado para assinar as obras era Dionísia Freire Lisboa, afirmando ter sido essa escritora a “primeira voz feminista, no Brasil, a se erguer contra os preconceitos da sociedade patriarcal, em relação à mulher”.

Nasceu em Papary (RN), em 12 de outubro²⁸ de 1810, e faleceu em Ruon (França), em 24 de abril de 1885. Tal informação está divergente da apresentada por Ignez Sabino. Esta afirma que o local de morte da escritora foi Nice, em 1877. O motivo de a escritora ter se mudado várias vezes para diversos Estados brasileiros e outros países também possui abordagens diferentes entre as duas pesquisadoras. Para Coelho (2002), foram muitos os motivos que fizeram Nísia se mudar muitas vezes, como término de casamentos, perseguições políticas, filhos doentes, além de falta de acesso a bens culturais, este último caso é ressaltado por Ignez Sabino, que também aborda a questão da perseguição política sofrida pela escritora, visto que ela promovia conferências para discutir questão polêmicas como a abolição e o federalismo, ideias contrárias aos interesses das classes mais favorecidas economicamente.

Nelly N. Coelho (2002) cita trechos escritos por Ignez Sabino (1996) dedicados à Nísia Floresta, em **Mulheres Ilustres do Brasil**, ressaltando a importância dada a essa escritora e à sua contribuição tanto para a literatura brasileira, quanto para a luta por mais

²⁸ Há um erro de edição no dicionário de Nelly Novaes Coelho, pois em lugar de inserir o mês 10 na data de nascimento de Nísia Floresta, há “12/20/1810”.

direitos para as mulheres. Tendo falecido na França, seus restos mortais foram transportados para o Brasil, para sua cidade natal.

Dentre sua vasta produção, destacam-se: a tradução **Direitos das mulheres e injustiça dos homens** (1832); ensaios, como **Conselhos à minha filha** (1842); romances, **Fany ou o modelo das donzelas** (1847); **Paris** (1867), dentre outros. Também foram publicados livros de poesia e artigos, além de ter deixado textos inéditos.

Revocata Heloísa de Mello²⁹ – filha de Revocata dos Passos e Mello –, como anuncia Nelly N. Coelho (2002, p. 564), foi “poeta, contista, dramaturga, tradutora, professora, conferencista, abolicionista, federalista e jornalista atuante no meio político”, nascida em 21 de dezembro de 1858, em Porto Alegre (RS) e falecida em 18 de fevereiro de 1945, em Rio Grande (RS). Seu nome literário era Sybil. Sua família era envolvida com a literatura. Foi redatora e colaborou com diversos jornais e revistas no Brasil e até na França.

Nelly N. Coelho (2002) chama atenção para o fato de Revocata e sua irmã terem sido contra a independência econômica das mulheres através do emprego, fato comum ao pensamento da época, mas, em contrapartida, terem exercido atividades remuneradas para seu próprio sustento, visto que deram aulas particulares e fundaram o jornal feminino **Corimbo**, que ficou em funcionamento por seis décadas (1883-1943). Revocata também foi sócia de algumas associações e membro da Academia de Letras Feminina do Rio Grande do Sul.

Suas publicações são: **Folhas errantes** (1882) (poesia); **Rio Grande; Grinalda de noiva e Mário** (dramas). Também publicou traduções e obras em parceria com a irmã, como o drama **Coração de mãe** (1893). Seu nome foi incluído neste estudo para evitar equívocos de trocas de biografias de filha para mãe. E assim conclui-se esta seção, elencando nomes de escritoras resgatadas por Ignez Sabino que foram registradas em dicionários posteriores ao **Mulheres Ilustres do Brazil** (1996).

4.2 Elas por elas mesmas: As autoras dos dicionários femininos

Tão importante quanto colher informações sobre as mulheres que escreveram nos tempos passados e que foram deixadas no esquecimento pela historiografia oficial é a valorização das pesquisadoras que empreenderam verdadeiras batalhas e publicaram grandes compêndios com os resultados de seus estudos sobre essas mesmas escritoras do passado, isto é, a abordagem sobre as autoras dos dicionários de mulheres/escritoras que muito colaboram

²⁹ Em **Mulheres Ilustres do Brazil** (1996), Ignez Sabino retrata apenas a poetisa Revocata dos Passos e Mello, mãe de Revocata Heloísa de Mello.

para as pesquisas posteriores. Por isso, nesta seção, serão abordadas apenas as escritoras que desenvolveram pesquisas e publicaram coletâneas e/ou dicionários sobre outras escritoras brasileiras, as mesmas cujas obras foram utilizadas nesta pesquisa.

Destarte, discorrer-se-á sobre **Ensaístas Brasileiras** (1993), cujas organizadoras são Heloisa Buarque de Hollanda e Lúcia Nascimento Araújo. Elas explicam o porquê de terem realizado uma pesquisa sobre escritoras que se dedicaram ao pensamento crítico tanto nas artes, em geral, quanto na literatura, chamadas arbitrariamente (nas palavras delas) de “ensaístas”. Sobre a composição da obra, no âmbito artístico, englobaram estudos que refletiam além da literatura, a música, o teatro e o cinema, a dança e as artes plásticas. Segundo elas, esse trabalho ocorreu “em formas e espaços muitas vezes marginais e diversificados”.

A primeira a ser retratada na obra de Buarque e Lúcia Araújo (1993) é Andradina América de Andrade e Oliveira ou Andradina de Oliveira, como assinava suas obras. Nascida em Porto Alegre (RS), em 1878 e falecida em São Paulo (SP), em 19 de junho de janeiro de 1935, foi professora (por nove anos) e jornalista (tendo iniciado esse ofício muito jovem), formada pela Escola Normal de Porto Alegre. Foi fundadora do jornal feminino de cunho literário chamado **O Escrínio**, que, de acordo com as autoras, foi transformado em revista ilustrada. Quando à sua atuação no âmbito literário, escreveu em diversos gêneros, como poesia, romance e peça teatral. Sua obra estudada neste trabalho se chama **A mulher rio-grandense**, na qual constam biografias de mulheres que se dedicaram às letras no Estado do Rio Grande do Sul.

Buarque e Lúcia Araújo (1993) também inserem em seu dicionário a nossa ilustre brasileira que, no século XIX, já havia se preocupado em tornar nossas escritoras estudadas e lembradas, Ignez Sabino, nome artístico de Maria Ignez Sabino Pinho Maia, cuja obra é objeto de estudo da presente pesquisa. As organizadoras de **Ensaístas Brasileiras** informam que Sabino deixou seu Estado natal muito cedo, indo residir em Pernambuco com a família. Embora não fosse comum na época, ela estudou na Inglaterra por um período. Escreveu para diversos jornais em vários estados do Brasil, tendo atuado na literatura como poetisa, romancista e biógrafa, desta última originou seu trabalho de grande relevância intitulado **Mulheres Ilustres do Brazil**. Dentre as obras da escritora listadas por Buarque e Lúcia Araújo (1993), constam alguns títulos que não são possíveis de serem encontrados para consulta, como **Através dos meus dias** (memórias) e **Literatura brasileira**. Não há informação sobre data de falecimento.

Outra autora de dicionário feminino trazida por Buarque e Lúcia Araújo (1993) é Maria Thereza Caiuby Crescente Bernardes, nascida em Rio Claro (SP), em 28 de maio de 1927. Foi professora universitária, formada em sociologia pela PUC/Rio (1968), fez Mestrado e Doutorado pela Universidade de São Paulo. Desse último resultou o livro, oriundo de sua tese, estudado nesta pesquisa, **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – Século XIX, publicado em 1988, que, segundo as autoras, rendeu o prêmio de monografia, dado pela Academia Feminina Literária do Rio Grande do Sul. Maria Tereza também colaborou em periódicos das instituições CERU e SBPC, das quais foi membro, e nas revistas “Convergência” e “Travessia”.

Nelly Novaes Coelho (2002), autora de **Dicionário crítico de escritoras brasileiras** (2002) – obra utilizada neste estudo –, também é inserida em **Ensaístas Brasileiras** (1993). Nasceu em 17 de maio de 1922, em São Paulo (SP). Formou-se em Letras (USP/1959) e foi professora universitária na Universidade de São Paulo, onde criou e lecionou a disciplina Literatura Infantil, tendo publicado o **Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira**, em 1983, decorrente de seus estudos na área. Possui titulação no âmbito da Pós-Graduação, com Doutorado (1967) e Pós-Doutorado (1977). Envolveu-se em várias instituições e Academias literárias, tendo ganhado diversos prêmios nacionais e estrangeiros pelo conjunto de sua obra teórica e ensaísta.

Por fim, tem-se a descrição de Zahidé Lupinacci Muzart, nascida em 14 de julho de 1939, em Cruz Alta (RS). Formada em Letras Neolatinas (1961), também foi professora universitária da Universidade Federal de Santa Catarina e tornou-se especialista em Literatura Brasileira e Francesa, conforme afirmam Buarque e Lúcia Araújo (1993), tendo estudado na França. Dentre os vários trabalhos de sua atuação no campo das letras, foi responsável pelos cadernos 1 e 2 do III Seminário Nacional Mulher e Literatura. Também colaborou nos periódicos **Letras de Hoje** e **Organon**. Sua obra objeto de estudo neste trabalho é **Escritoras brasileiras do século XIX**, uma antologia organizada por Muzart, que elenca inúmeros nomes de mulheres que escreveram ao longo do século XIX. O mundo das letras a perdeu no dia 28 de outubro de 2015, representando uma enorme perda para a crítica literária feminista brasileira, mas seu legado, com certeza, será perpetuado entre as gerações futuras de pesquisadoras(es).

Em **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – Século XIX, organizado por Maria Thereza Caiuby C. Bernardes (1989), há referência apenas sobre Ignez Sabino, descrita como Ignez Sabino Pinto Maia (alguns pesquisadores confundem o sobrenome, ora escrevem Pinho, ora

Pinto³⁰), visto se tratar de uma obra que aborda escritoras do século XIX, e as demais autoras dos dicionários aqui estudados são do século XX. Sobre a escritora em questão, Bernardes não apresenta data de nascimento e morte de Sabino, apenas cita o seu local de origem, Salvador (BA), no século XIX. Há a descrição de que Sabino publicou em Pernambuco e no Rio de Janeiro em poesia e prosa, e, nesta categoria, inserem-se romance, memórias, artigos e obras didáticas.

Em **Dicionário de Mulheres** (1999), Hilda Agnes Hübner Flores, além de incluir em seus verbetes algumas escritoras retratadas por Ignez Sabino, também traz biografias das autoras dos dicionários aqui estudados e posteriores ao de Sabino. O primeiro deles traz dados sobre Maria Tereza Caiuby Crescenti Bernardes, nascida em Rio Claro (SP), em 1927. É descrita como socióloga e escritora. Seus pais são Pedro Crescenti e Helena Caiuby Crescenti. A escritora cursou Sociologia na PUCRJ/1968, tendo Mestrado (USP/1971) e Doutorado (USP/1987), ambos na área de Sociologia. Sua publicação **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – Século XIX, de 1989, é resultante de sua tese de doutorado.

Outra escritora presente no dicionário de Flores (1999) é Nelly Novaes Coelho, autora do **Dicionário crítico de escritoras brasileiras** (2002). Nascida em São Paulo (SP), em 1922³¹, foi professora universitária, crítica literária, pesquisadora, ensaísta, conforme elenca Flores. Seus pais são Gastão Irineu Novaes e Silvana Novaes. Graduada em Letras/1959, com Doutorado/1967 e Pós-Doutorado/1977 na mesma área, todos os títulos adquiridos pela USP, local onde foi professora e implantou a cadeira de estudos sobre Literatura Infante-Juvenil. Ganhou alguns prêmios como o Jabuti com **Ensaio** (1974). Publicou diversas obras em jornais, congressos, livros, dentre outros, em sua maioria com vertente de crítica literária.

Heloisa Buarque de Hollanda também é incluída em um verbete que conta um pouco sua biografia. Nascida em Ribeirão Preto (SP), em 1939, ela é ensaísta e também professora universitária da UFRJ, onde fez seu Mestrado em Literatura Brasileira/1974 e o Doutorado/1978, na mesma área. Seu Pós-Doutorado foi na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque. Sua área de atuação é extensa, constando em seu currículo desde direção de filmes, de museu a colaboração em jornais. Porém, sem dúvidas, o maior campo de atuação de Heloisa Buarque são textos e projetos voltados para os estudos feministas. A obra utilizada aqui é o dicionário de **Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e arte de 1860-1991**, publicado no Rio de Janeiro em 1993.

³⁰ MUZART, Zahidé L. (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 567.

³¹ Faleceu no dia 29 de novembro de 2017, em São Paulo (SP).

Também está presente na obra de Hilda Flores a pesquisadora Zahidé Muzart. Sua atuação no âmbito da pesquisa acadêmica é vasta, de modo que não será listada aqui. O que é pertinente destacar é o seu mais relevante legado deixado para as(os) pesquisadoras(es) de hoje, que foi a fundação da Editora Mulheres, responsável pela edição de vários títulos escritos por escritoras do século XIX, incluindo o dicionário de Ignez Sabino, obra estudada nesta pesquisa e que, segundo Risolette Maria Hellmann (2017), teria feito a inauguração da editora, sendo a primeira obra editada após o início de seu funcionamento. Tal publicação seria uma espécie de homenagem a quem tanto fez pelos estudos literários femininos.

Ao longo de 18 anos, a Editora publicou coletâneas com artigos de teoria e crítica feminista, obras inéditas de pesquisadoras brasileiras sobre temas diversos relacionados ao feminismo e a história das mulheres, traduções relevantes para a história do feminismo, obras de ficção de escritoras brasileiras contemporâneas, assim como obras de ficção de escritoras do século XIX, organizadas por ela ou por outras pesquisadoras. Reeditar e ressuscitar escritoras do passado, recuperar parte da produção da mulher brasileira no século XIX foi uma grande contribuição para a história da literatura brasileira, movida pelo amor ao livro e à cultura (HELLMANN, 2017, p. 7).

A editora foi extremamente importante para a consolidação da produção literária feminina, principalmente aquela produzida no século XIX. Porém, hoje já não está mais em funcionamento, em virtude do falecimento de sua fundadora e da venda de seu acervo pelos herdeiros, destruindo um trabalho de anos com o qual Muzart dedicou seus últimos anos.

A última autora de dicionários femininos apresentada por Flores (1999) é Andradina de Oliveira, nascida em Porto Alegre, em 1859 e falecida em São Paulo, em 1935. Como atuação profissional e nas letras, consta que ela foi “professora, contista, romancista, poetisa, biógrafa, dramaturga, jornalista, conferencista, feminista” (FLORES, 1999, p. 382). Sua escolaridade foi o Normal, cursado em sua cidade de origem. Em sua carreira na educação, consta que ela fundou um colégio, dirigindo-o. Conforme afirma a autora, tendo se mudado para São Paulo em 1920, foi presa em 1932 por conta da Revolução de 1932, tornando-se doente mentalmente, o que a levou à morte. A obra de sua autoria aqui mencionada intitula-se **A mulher rio-grandense** (1907).

A única autora constante no **Dicionário de mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado, de Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil (2000) é Ignez Sabino. Ela é descrita como feminista, escritora e abolicionista. Sobre isso, uma informação trazida pelos autores do dicionário em questão é que Sabino foi participou de uma sociedade abolicionista em Pernambuco, cujos membros eram apenas mulheres, com fundação de

Leonor Porto. Sobre a preocupação de Ignez Sabino com a condição feminina em seu tempo, assim escrevem os autores citados:

Além de seu envolvimento com a causa abolicionista, Inês demonstrava preocupação com a invisibilidade e condição das mulheres na sociedade brasileira. Em suas obras ressaltou o papel da mulher na história, sendo seu trabalho mais importante o livro *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899), um pequeno dicionário biográfico publicado pela Editora Garnier, com ampla repercussão. Foi considerado obra de referência por todos os que desejavam recuperar a memória de mulheres, sob as mais diversas situações de vida. Muitas décadas após a sua edição ainda era citado, como no discurso do deputado Basílio de Magalhães à Câmara, na sessão de 28 de novembro de 1924, em defesa do voto feminino (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000, p. 274).

Esse trecho em destaque evidencia a relevância do trabalho feito por Ignez Sabino em seu dicionário sobre ilustres brasileiras, uma obra que influenciou, em seu tempo, as discussões acerca da emancipação feminina e que, ainda hoje, é referência nos estudos que buscam retratar autoras que escreveram no período oitocentista, mas que não são conhecidas do público ou são pouco lidas e/ou estudadas.

Em **Dicionário crítico de escritoras brasileiras** (2002), Nelly Novaes Coelho trata de três autoras de dicionários femininos, são elas Andradina de Oliveira, Hilda Agnes Hübner Flores e Ignez Sabino. Sobre a primeira, Coelho (2002, p. 64) a descreve como “ficcionista, teatróloga, professora, jornalista, líder feminista, conferencista, biógrafa e figura atuante no meio cultural gaúcho”. Nesse sentido, percebe-se que a atuação da escritora foi bastante ampla, algo incomum para uma mulher que viveu os tempos mais conservadores dos oitocentos e início dos novecentos.

Nascida em Porto Alegre (RS), em 12 de junho de 1878; falecida em São Paulo (SP), em 19 de junho de 1935, Andradina América de Andrade e Oliveira, conforme afirma Coelho (2002), foi uma figura envolvida em diversas causas sociais, como a defesa de uma reforma educativa, enquanto atuou como professora, bem como no âmbito público, na defesa da cultura, direitos humanos e emancipação feminina. Sua atuação no jornalismo também foi numerosa. Consta que a escritora realizou conferências tanto em capitais do Brasil, quanto na Argentina, Uruguai e Paraguai.

Sua carreira literária iniciou-se com a publicação de **Preludiando** (1897), livro de contos que, segundo Coelho (2002), foi ganhador da Medalha de Ouro na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, no ano de 1908. Um romance de cunho libertário para as mulheres foi **Divórcio?**, obra feminista voltada para a defesa do divórcio para as mulheres.

Sobre Hilda Agnes Hübner Flores, consta que é professora universitária e pesquisadora, além de ensaísta, tradutora e memorialista. Nascida em 1933, no município de Venâncio Aires (RS), Hilda Flores formou-se em duas áreas, são elas Serviço Social e Filosofia, também fez Metrado em História, todos os cursos pela PUC-RS.

De acordo com Coelho (2002), Hilda Flores, enquanto pesquisadora, atuou em duas vertentes temáticas: a primeira, sobre imigração alemã, devido à sua origem; a outra, concentrou estudos no âmbito do papel feminino ao longo do tempo. Nesse sentido, voltando-se para o estudo das figuras femininas que desempenharam importante trabalho no campo das letras, a escritora publicou seu **Dicionário de mulheres**, em 1999, os quais reúnem bibliografias com informações sobre vida e obra das mulheres pesquisadas. Tal dicionário é objeto de estudo deste trabalho.

Por fim, tem-se um verbete dedicado à escritora Ignez Sabino. Descrita como “poeta, romancista, contista, memorialista e pesquisadora” (COELHO, 2002, p. 282), a autora afirma que Sabino teria sido frequentadora assídua do Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro.

A antologia organizada por Zahidé Muzart (2000; 2004), **Escritoras brasileiras do século XIX**, traz detalhes da biografia de duas autoras dos dicionários retratados nesta pesquisa. A primeira delas é a escritora baiana Maria Ignez Sabino Pinho Maia, a qual consta em verbete no volume I (2000) da referida coletânea e é apresentada pela própria Zahidé Muzart. Alguns de seus dados já foram inseridos em outro momento deste trabalho. Convém ressaltar, porém, a unanimidade em relação a todas as pesquisadoras cujos dicionários são mencionados aqui acerca da contribuição deixada por Ignez Sabino em seu **Mulheres Ilustres**, por sua preocupação em registrar nomes femininos que fizeram parte da história do país, não só no âmbito literário, como também cívico/político. Além disso, a pesquisadora também chama a atenção para o envolvimento e luta de Sabino nas questões referentes aos direitos das mulheres e por sua contribuição na imprensa, importante ferramenta de difusão de ideias naquele período.

Rebatendo um comentário bastante romântico, do ponto de vista estético, de Afonso Costa acerca da ausência de “insinuações amorosas” na poesia de Ignez Sabino e lincando essa característica à vida pessoal da escritora e seus sentimentos para com o esposo, Muzart (2000, p. 592) afirma que prefere “ver no estro de Inês Sabino um menor pendor para a poesia e não a ausência de sentimentos amorosos”. Além disso, a pesquisadora ainda ressalta: “O que me parece correto encontrar na poesia desta mulher é o sentimento de amor ao próximo que transpira de seus textos, amor aos desvalidos, aos escravos, aos marginalizados, uma grande

solidariedade”. Isso porque Sabino escrevia em defesa desses indivíduos, embora, em outros momentos, tenha demonstrado algumas ideias preconceituosas em relação a eles.

Sobre o estilo da autora, Muzart (2000) o caracteriza como uma linguagem simples, sem rebuscamento e ainda afirma que, tendo consciência do que escrevia e buscando seguir um rumo na escrita por conta própria, “tentou fugir da influência temática francesa e buscou retratar a sociedade brasileira e seus costumes, não só os da própria classe, como os das operária e camponesa” (MUZART, 2000, p. 593). Isso reforça a ideia de escrita como engajamento social, visto que ela utilizava-se da ficção para tecer comentários éticos e morais para a sociedade, sobretudo para as mulheres.

Muzart (2000, p. 596) faz críticas ao feminismo de Ignez Sabino por ter sido conservador e ter se voltado para a defesa de ideais vigentes na época, como a família, a pátria e a educação moral, porém, ressalta que isso se deve ao meio social em que ela vivia, por ter pertencido à classe social burguesa, tendo ficado, por esse motivo, presa “aos múltiplos preconceitos dessa mesma classe”.

Conforme já mencionado neste trabalho, para uma mulher do século XIX escrever, e ainda sobre temas não muito comuns de se abordar, é evidente que as escritoras tomavam certos cuidados, não eram totalmente livres nas escolhas de seus temas, visto que poderiam ser boicotadas caso fugissem totalmente ao padrão estabelecido para elas. Além disso, é natural que sua escrita contenha certo viés conservador, considerando-se a complexidade que era viver em um contexto histórico avesso à mulher como atuante ativa na sociedade e não simplesmente reclusa em seu lar. Portanto, deve-se inserir essa importante escritora em seu tempo e seu lugar, a fim de não serem cometidas injustiças e o desmerecimento de seu legado para os estudos feministas e literários de hoje.

Sobre a autora Andradina América Andrade de Oliveira, Rita Terezinha Schmidt, na antologia **Escritoras brasileiras do século XIX**, organizada por Zahidé Muzart (2004), tem-se a informação de que ela formou-se pela Escola Normal de Porto Alegre para atuar no magistério, e passou oito anos se dedicando ao ensino público em muitas cidades rio-grandenses, tendo fundado, em Bagé, em 1898, o **Escrínio**, jornal que estabelecia conexão com vários periódicos do Brasil e tinha um grande número de colaboradoras pelo país.

Definida por Schmidt (2004) como “jornalista, líder feminista e escritora”, Andradina de Oliveira teve sua atuação no âmbito cultural reconhecida ainda em vida. Ela escreveu um número relativamente grande de livros – considerando que no século XIX e início do XX as escritoras, em geral, raramente passavam do segundo livro –, deixando alguns publicados e outros inéditos. Atuou como dramaturga, escreveu em defesa da instrução feminina, o que,

dentre outros motivos, levou-a a proferir palestras no Brasil e em alguns países da América do Sul.

Seu livro **A mulher rio-grandense: escritoras mortas** (1907) faria parte de uma pesquisa empreendida por ela com o objetivo de “inscrever a mulher na História não apenas como simples coadjuvante, mas como agente”, conforme enfatiza Schmidt (2004, p. 836), que contaria com os demais títulos: **Escritoras e artistas contemporâneas, Cientistas e amadoras da arte, Educacionistas e anjos de caridade** e **Tipos de beleza**, com os quais ela pretendia resgatar nomes de mulheres rio-grandenses que produziram e/ou se dedicaram à sociedade em diversos âmbitos, contribuindo para a preservação da memória cultural de seu Estado. Porém, apenas a série **Escritoras mortas** foi possível ser concluída e publicada. Em suas demais obras, que incluem livros de contos, como **Contos de Natal** (1908), **Pensamentos** (1904); poesias, como **Folhas mortas** (s/d); romances, **O perdão** (1910), **A condenada** (s/d), **O abismo** (1912); conferências, **A mulher não é inferior ao homem, A mulher através dos tempos**; dramas, **Viúva e virgem** (1902), **O sacrifício de Laura** (1891), bem como tese, **Divórcio** (1912), dentre outros, Andradina preocupava-se com causas sociais e as condições de pobreza da população, além de escrever sobre causas feministas. Todos esses títulos são apenas exemplos de muitos outros que ela deixou publicados e inéditos, o que demonstra uma vida dedicada à escrita.

Dada a importância da atuação de tantas mulheres que participaram ativamente da constituição da cultura brasileira no âmbito das artes, trabalhos que resgatem e valorizem seus nomes devem ser divulgados a fim de servirem de suporte para pesquisadoras e pesquisadores que objetivem dar seguimento aos estudos da literatura de autoria feminina no Brasil, mais especificamente sobre aquelas escritoras que não tiveram seus nomes inseridos na historiografia oficial. Desse modo, o que se percebe, a partir de obras como essas aqui mencionadas, é o traço comum no Brasil que, cada vez mais, nota-se a amplitude do esquecimento e silenciamento por que as mulheres foram submetidas ao longo da formação nacional. Mas, graças a pesquisadoras/es como Ignez Sabino, Zahidé Muzart, Heloisa Buarque de Hollanda, Nelly Novaes Coelho, Hilda Flores, pesquisadoras/es que defendem suas dissertações e teses, pode-se diminuir, se não extinguir, esse apagamento de vozes femininas há muito silenciadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa de pensar a literatura de autoria feminina, no Brasil, não se faz de modo simples, tão pouco sem remexer os porões da memória à cata das formas de pensar que impulsionaram diversas escritoras a transporem seus ambientes privados em busca de tomarem um espaço público, que era seu por direito, mas que, por diversas razões, foi-lhes usurpado em um passado não tão distante da história brasileira. Nesse sentido, contextualizando o período histórico do século XIX, tal investigação exige que se estabeleçam diálogos com estudos de pesquisadoras/es que se empenharam na busca por informações a respeito do papel da mulher como agente de transformação cultural na sociedade brasileira e da sua condição transgressora frente à superação das imposições a que eram submetidas, sobretudo, a mulher escritora ou que aspirava a escrever naquele período.

Sobre esse aspecto, verificou-se, na presente pesquisa, a partir de estudos realizados por meio de diversas fontes teóricas, que o silenciamento das vozes femininas, por meio de diversas estratégias, foi o principal obstáculo enfrentado pelas mulheres que ousaram inserir-se no ambiente hegemonicamente preenchido por homens, que foi o cenário de produção literária e intelectual do século XIX no Brasil. Constatou-se, nesse sentido, com base na explanação de Roberto Reis (1992), que as obras literárias contidas no cânone Ocidental pertencem a tal posição porque, dessa seleção, excluíram-se diversas outras obras e autoras/es que, por interesses das instâncias legitimadoras, não figuram na seleta lista de nomes com merecimento de se tornarem canônicas. Portanto, não é de se espantar que a imensa quantidade de nomes femininos que escreveram durante o período oitocentista brasileiro não consta nas listas de compêndios sobre a literatura no Brasil, muito menos na maioria das obras que se dedicaram a investigar essa produção nos tempos passados.

Nesse sentido, Maria Ignez Sabino Pinho Maia, escritora nascida na Bahia (1853-1911) e falecida no Rio de Janeiro, é aqui estudada como uma importante figura no cenário literário brasileiro, por sua contribuição para as letras nacionais, sobretudo pelo estudo sobre a condição feminina em relação ao meio social e político em que ela se encontrava inserida, bem como por possibilitar que se conheça, hoje, como se davam essas relações de gênero e escrita durante o século XIX, no Brasil. Cabe ressaltar, porém, que o meio social vivenciado pelas escritoras aqui retratadas é aquele pertencente às classes mais favorecidas economicamente, englobando, portanto, uma pequena parte, aquelas que possuíam acesso aos bens culturais e poderiam, com menos dificuldade que aquelas com menos recursos, ocupar espaços sociais de prestígio.

A partir de estudos a respeito da inserção feminina na produção literária naquele período, nota-se que tal escritora promoveu uma espécie de ruptura com as normas que censuravam essa atividade produzida por mulheres. Cabe salientar, nesse âmbito, que Ignez Sabino escreveu numa época em que a maioria das mulheres não era sequer alfabetizada e ainda utilizou a escrita como busca de liberdade e crítica social, visto que ela defendia, dentre outros assuntos, a instrução feminina, embora, algumas vezes, a autora tenha incorrido em preconceitos ou posições contraditórias ao seu discurso, como a defesa da maternidade em detrimento do trabalho, por exemplo. Mas tudo isso é passível de entendimento, visto que uma mulher oitocentista dificilmente conseguiria se desprender totalmente de certos preceitos ou, muito provavelmente, alguns assuntos eram abordados por elas a fim de não terem seus escritos censurados.

Na esfera das relações de gênero discutidas por Ignez Sabino, é trazida a fala de Susan Canty Quinlan (1999), que tece comentários acerca da vida e obra dessa escritora e, ao falar sobre o romance **Lutas do Coração**, afirma que Sabino concretiza sua intenção em analisar a mulher brasileira sob a ótica de sua colaboração para a formação da sociedade. A pesquisadora ainda salienta que, embora a escritora tenha deixado escapar seu posicionamento essencialista, conforme pensamento vigente na época, ela:

[...] demonstra ousadia em enfrentar assuntos escatológicos tanto em ficção quanto na vida real. E esta faceta se revela das mais importantes em sua contribuição às letras brasileiras: sua visão franca e sensível em relação às possíveis razões pelas quais certas mulheres se mostram incapazes de se enquadrar nas normas sociais. Para nós, leitoras, o fator importante não é que ela atribua tais digressões a problemas genéticos ou históricos, mas àqueles culturais e do meio. Sabino culpa taxativamente a sociedade hegemônica pela subjugação feminina (QUINLAN, 1996, p. 12).

Logo, evidencia-se, aqui, o fato de Ignez Sabino ter sido duplamente transgressora em seu tempo, visto que ela transpôs a barreira da falta de instrução feminina em um período em que as mulheres possuíam acesso apenas aos estudos primários, lançou-se no meio literário produzindo não só textos artísticos, mas também críticos e, além de tudo isso, ainda utilizou a escrita como ferramenta de transformação social, isto é, por meio de seus textos, Sabino defendeu diversas bandeiras como a instrução feminina como meio de ascensão e conquista de maior liberdade para as mulheres, bem como a possibilidade de elas inserirem-se no mercado de trabalho. Assim, com base na constatação de Susan Quinlan (1999), sabe-se que a escritora culpava a sociedade pelas relações desiguais entre os sexos, sendo o feminino

desprovido de plenos direitos, e o masculino hegemonicamente o lado dominador das relações em sociedade, conforme postula Pierre Bourdieu (2017).

Assim, com base nos estudos realizados, verificou-se, na presente pesquisa, que o silenciamento das vozes femininas, por meio de diversas estratégias, foi o principal obstáculo enfrentado pelas mulheres que ousaram inserir-se no ambiente hegemonicamente preenchido por homens, que foi o cenário de produção literária e intelectual do século XIX no Brasil.

Faz-se, saber, outrossim, que o principal desejo que moveu este estudo foi, sobretudo, pesquisar sobre a literatura de autoria feminina, categoria pouco valorizada nos séculos anteriores e que, na contemporaneidade, a partir da segunda metade do século passado, tem ganhado espaço entre leitores, pesquisadores e críticos literários. Por tudo já mencionado, percebe-se que Ignez Sabino é um exemplo de mulher que não aceitou passivamente os ditames sociais como normas de conduta que devesse seguir. Ela se instruiu, buscou amadurecer suas leituras, o que refletiu em seus escritos, enfim, dedicou-se ao labor literário e ainda preocupou-se com aquelas que escreveram no passado e em sua contemporaneidade, investigando dados de suas vidas e de suas obras, que resultou na publicação da coletânea **Mulheres Ilustres do Brasil**, em 1899. Sobre essa obra, Maria da Conceição P. Araújo disserta sobre:

A ampla pesquisa feita por Ignez Sabino, em *Mulheres Ilustres do Brasil*, sobre escritoras e suas produções literárias, bem como sobre mulheres que tiveram participação ativa nos movimentos políticos e sociais brasileiros, é referência exemplar da preocupação que Ignez tinha com o apagamento dos nomes de mulheres importantes para a reconstrução da história social, cultural e intelectual do Brasil (ARAÚJO, M., 2008, p. 226).

Tal obra reúne nomes de mulheres que desenvolveram ações em vários setores da sociedade brasileira, desde os tempos coloniais até o final século XIX, momento de sua publicação. Constan nomes que atuaram nas esferas política, de ação social e, especialmente, há o registro de dezoito escritoras que se inseriram na produção literária no período citado. **Mulheres Ilustres do Brasil** ([1899] 1996) serviu de base para outras obras que surgiram posteriormente, como as que seguem abaixo, que tanto mencionam as escritoras resgatas por Ignez Sabino, quanto tratam dessa autora como importante fonte de informação e valorização das escritoras do século XIX e até anteriores a esse período, que atuaram nesse meio, mas não foram devidamente reconhecidas em seu tempo.

São exemplos de obras que utilizam a coletânea de biografias de Ignez Sabino como referência: **A mulher rio-grandense: escritoras mortas** (1907), de Andradina de Oliveira;

Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX (1989), de Maria Thereza Caiuby C. Bernardes; **Dicionário de Mulheres** (1999), de Hilda Agnes Hübner Flores; **Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado** (2000), de Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil; **Escritoras brasileiras do século XIX** (2000), Zahidé Lupinacci Muzart; **Dicionário crítico de escritoras brasileiras** (2002), Nelly Novaes Coelho.

A partir desses dicionários/coletâneas, foi possível constatar o tamanho da importância que **Mulheres Ilustres do Brazil** desempenhou e ainda desempenha no âmbito dos estudos literários que investigam as relações de gênero nesse cenário de produção de literatura. E, embora muitas das informações contidas nessa obra não sejam comprovadas através de indicações bibliográficas ou por outros meios, é inegável que o objetivo inicial da escritora foi alcançado, isto é, fazer com que os nomes de mulheres por ela resgatados passassem a ser conhecidos e divulgados, o que, nos últimos anos, tem acontecido de forma satisfatória.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ívia. Suaves, mas resistentes. In: CUNHA, Helena Parente (*et al*) (org.). **Desafiando o Cânone (2)**: ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001, p. 11-19.

_____. **Interfaces**: ensaios críticos sobre escritoras. Ilhéus: Editus, 2005.

_____. Liberdade e Interdição. **A produção de autoria feminina**. Pontos de interrogação. Vol. 2, n. 1, p. 120-135, Alagoinhas, jan.-jun. 2012.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Floração de imaginários**: o romance baiano no século XX. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2008.

ARAÚJO, Lúcia de Oliveira. Dicionário de Ensaístas Brasileiras. In: GOTLIB, Nádya Battella. **A mulher na literatura**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990, p. 117-119.

ARAÚJO, Maria Da Conceição Pinheiro. **Tramas Femininas na Imprensa do Século XIX**: Tessituras de Ignez Sabino e Délia. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Letras Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – Século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1989.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução de Maria Helena Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Crítica e sociologia**. In: Literatura e sociedade. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.

CASTRO, Valdiney V. Lobato de. **Quem eram os leitores cariocas do século XIX?** Interfaces. Paraná: Vol. 6, n. 2, p. 40 - 50, dez. 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COSTA, Afonso. Raro sentiu as injunções do amor: Ignez Sabino Pinho Maia. In: COSTA, Afonso. **Poetas de outro sexo**. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1930, p. 107-126.

DIOGO, Luciana Martins. **Da sujeição à subjetivação**: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras *Úrsula* e *A Escrava* de Maria Firmina dos Reis. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Dicionário de Mulheres**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

FONTES, Maria Aparecida Rodrigues. Palimpsesto Romântico. Poética, amor e casamento na escrita feminina do séc. XIX, em Amália dos Passos Figueiroa e Júlia da Costa. In: CUNHA, Helena Parente (Org.). **Desafiando o Cânone (2)**: ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001, p. 54-77.

FREITAS, Zilda de Oliveira. A literatura de autoria feminina. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (org). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002, p. 115-124.

HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Aparências, lazer, subsistência. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**: O Século XIX. vol. 4. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991, p. 297-323.

Heloisa Buarque de; ARAUJO, Lucia Nascimento (Orgs.). **Ensaístas brasileiras**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____. O que querem os dicionários?. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAUJO, Lucia Nascimento. **Ensaístas brasileiras**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 13-34.

JOBIM, José Luis. História da Literatura. In: JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 127-149.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Mulheres do século XIX: história de um projeto In: REIS, Livia de Freitas; VIANNA, Lucia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Org.). **Mulher e literatura**. Niterói, RJ: EdUFF, 1999, p. 788-791.

_____. (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

_____. Inês Sabino. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 591-615.

OLIVEIRA, Andradina de. **A Mulher Riograndense**. 1 série. Escritoras Mortas. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Livraria Americana, 1907.

PIMENTEL, Alberto. Prefácio. In: **Lutas do coração**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 35-56.

POLESSO, Natalia Borges. ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Da margem**: a mulher escritora e a história da literatura. Métis: história & cultura, 2010, p. 99-112. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/998/1054. Acesso em: 11 jul. 2016.

QUINLAN, Susan Canty. Apresentação. In: SABINO, Inês. **Lutas do coração**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 07-27.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Colunas femininas de Clarice Lispector ganham nova edição em 'Correio Para Mulheres'. In: **O Estado de S. Paulo**, 12 de maio de 2018. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,colunas-femininas-de-clarice-lispector-ganham-nova-edicao-em-correio-para-mulheres,70002305338>> Acesso em 08 de jul. de 2019.

SABINO, Ignez. **Impressões**. II série. Pernambuco: Typographia Apollo: 1887.

_____. **Contos e lapidações**. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1891.

_____. **Mulheres Ilustres do Brazil**. Edição fac-similar. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1996.

_____. **Lutas do coração**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Delfina Benigna da Cunha. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p.119-144.

_____. Andradina de Oliveira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 835-859.

SILVEIRA, Sinéia Maia Teles. **Múltiplas Faces Femininas da Tessitura Literária de Inês Sabino**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade Maria. Maria Angélica Ribeiro. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 315-331.

TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: GOTLIB, Nádia Battella (org.). **A mulher na literatura**. V. III. Belo Horizonte: UFMG, 1990, p. 127-135.

_____. Autor+a. In: JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 45-63.

_____. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017, p. 401-442.

_____. Délia. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 567-590.

VASCONCELLOS, Eliane. Rita Joana. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 45-49.

_____. Ângela do Amaral. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 50-59.

_____. Bárbara Heliodora. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 60-74.

_____. Carmem Freire. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 700-722.

_____. Corina Coaraci. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 801-842.

_____. Uma arqueologia da autoria feminina no Brasil. In: SUSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito (orgs.). **Vozes femininas**: gênero, mediações e práticas de escrita. Rio de Janeiro: 7letras/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003, p. 54-60.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZIN, Rafael B. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2016.